

DIEGO LEANDRO FERREIRA

**SEGURANÇA NO CIRCO:
QUESTÃO DE PRIORIDADE**

***CIRCUS SAFETY:
A PRIORITY ISSUE***

Campinas
2012

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DIEGO LEANDRO FERREIRA

**SEGURANÇA NO CIRCO:
QUESTÃO DE PRIORIDADE**

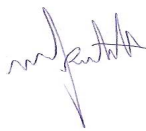
Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto

***CIRCUS SAFETY:
A PRIORITY ISSUE***

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, área de concentração Educação Física e Sociedade.

Dissertation presented to the PostGraduation Programme of the School of Physical Education of State University of Campinas to obtain the Master's degree in Physical Education. Concentration area: Physical Education and Society

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO DIEGO LEANDRO FERREIRA, E ORIENTADO PELO PROF. DR. MARCO ANTONIO COELHO BORTOLETO.



Assinatura do orientador

Campinas, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA UNICAMP

F413s Ferreira, Diego Leandro, 1984-
Segurança no circo: questão de prioridade / Diego Leandro Ferreira. -
Campinas, SP: [s.n], 2012.

Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física,
Universidade Estadual de Campinas.

1. Circo. 2. Segurança. 3. Risco. 4. Acidentes. I. Bortoleto, Marco
Antonio Coelho. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação Física. III. Título.

Informações para a Biblioteca Digital:

Título em inglês: Circus safety: a priority issue.

Palavras-chave em inglês:

Circus

Safety

Risks

Accidents

Área de Concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Mestrado em Educação Física

Banca Examinadora:

Marco Antonio Coelho Bortoleto [orientador]

Elaine Prodócimo

Mario Fernando Bolognesi

Data da defesa: 30-07-2012

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA

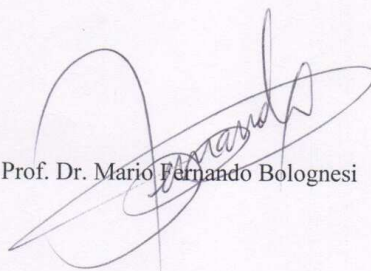


Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

Orientador



Prof. Dr. Elaine Prodócimo



Prof. Dr. Mario Fernando Bolognesi

Dedico este trabalho especialmente ao meu PAI Samuel e minha Mãe Sandra, que me criaram e me deram o que não se pode comprar: honestidade, educação, caráter e amor; à minha namorada Marilia, que conquistou meu coração e soube me entender e apoiar nos momentos difíceis; ao Grupo Aerius, empresa que trabalha com atividades circenses e de aventura, e que forneceu e fornece grande parte do meu “know how” técnico e pedagógico; e, por fim, dedico este trabalho a todos os circenses do Brasil, esperando que ele possa contribuir de alguma forma na vida de cada um deles.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e à Faculdade de Educação Física (FEF), em especial à Pós-Graduação, que me concedeu a oportunidade de realizar este estudo.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte de minha vida e que de alguma maneira contribuíram para minha formação, neste caso em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto.

Agradeço ao Grupo Circus (Grupo de Estudos e Pesquisa das Artes Circenses) e a todos os seus integrantes. Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) o financiamento sem o qual esta pesquisa talvez não fosse possível.

Aos especialistas entrevistados, que compartilharam seu conhecimento de maneira voluntária.

À Escola Nacional de Circo (professores e diretor).

À minha namorada Marília o apoio e compreensão.

À Luciana Bortoleto o apoio para a realização deste trabalho.

Aos alunos do Grupo Aerius, pela confiança em mim depositada.

Aos membros da Banca de “Qualificação” e “Defesa” desta dissertação de mestrado, Prof.^a Dr.^a Elaine Prodócimo, Prof.^a Dr.^a Marina Souza Lobo Guzzo e Prof. Dr. Mario Fernando Bolognesi, agradeço as considerações, correções e sugestões.

FERREIRA, Diego Leandro. Segurança no circo: questão de prioridade. 2012. 217f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

RESUMO

Embora o Circo seja uma arte secular, considerada por muitos como uma linguagem universal e com significativo reconhecimento popular, as análises sistemáticas e científicas deste fenômeno são recentes. Alguns aspectos deste tipo de atividade já encontram certa ressonância acadêmica, especialmente nos estudos históricos, sociais e estéticos. Contudo, as questões sobre os aspectos técnicos e de segurança ainda representam um objeto de pouco interesse para a ciência moderna. Neste cenário, o presente estudo teve por objetivo debater os conceitos de risco, acidente e segurança sob a perspectiva de diferentes profissionais circenses, visando ainda apontar alguns dos recursos tecnológicos e procedimentais disponíveis na atualidade que servem de parâmetros básicos de segurança para o desenvolvimento de uma “cultura de segurança” entre os profissionais e praticantes do circo. Para isso, realizamos uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos de risco, acidente e segurança, buscando um melhor entendimento a partir de perspectivas de diversas áreas de conhecimento. Este estudo teórico foi complementado por uma pesquisa de campo realizada junto a profissionais do circo, particularmente mediante entrevistas semiestruturadas com dois montadores, dois professores e dois artistas, todos eles no mínimo com dez anos de experiência. Como resultado deste trabalho, observamos uma grande variedade de acidentes e suas consequências diretas e indiretas para o circo, condição que reforça nossa tese da importância de seguirmos investigando a segurança, para que receba o devido tratamento de todos os envolvidos. De modo ilustrativo, propomos alguns procedimentos, protocolos e medidas de segurança que visam sensibilizar todos os circenses para uma necessária e urgente mudança de atitude com relação à segurança, aproximando-nos paulatinamente da adoção de uma “cultura de segurança” no circo.

Palavras-chaves: Circo, Segurança, Risco, Acidentes.

FERREIRA, Diego Leandro. Circus safety: a priority issue. 2012. 217f. Dissertation (Master's degree in Physical Education), School of Physical Education, State University of Campinas, Campinas, 2012.

ABSTRACT

Although the Circus is a secular art, considered as a universal language and with popular significant recognition, the systematic and scientific analyzes about this phenomenon are recent. Some aspects about this kind of activity have already found a certain academic resonance, especially in history, social and esthetic studies. However, the issues concerning the techniques and safety aspects represent a subject which has been little interesting to the modern science. In this scenery, this study proposed the discussion about risk, accident and safety concepts according to different circus professionals' perspective, aiming even to show some of technological and procedural resources that are available nowadays, which are basic parameters of safety for the development of a *safety culture* among the circus professionals and performers. For that, we've done a bibliographical revision about the risk conception, accident and security, aiming a better understanding from different knowledge areas perspectives. This theoretical studying was complemented by a research done *in loco* (field research) and particularly through semi-structured interview with two riggers, two teachers and two artists, all of them with 10 years of experience at least. As a study result, we realized a great variability of accident and its direct and indirect consequences for circus, condition that supports our theory of the importance to study on the safety, to receive the right treatment from all involved people. In an illustrative way we suggested some safety procedures, protocols and actions which aim to sensitize all de circus professionals to the necessity and urgent changing of attitude related to the safety, approaching to gradual definitive adoption of a *safety culture* in circus.

Keywords: Circus, Safety, Risk, Accidents.

RESUMEN

Aunque el Circo sea una arte secular, considerada por muchos como una lengua universal y con significativo reconocimiento popular, el análisis sistemático y científico de este fenómeno es reciente. Algunos aspectos de este tipo de actividad ya encuentran una cierta resonancia académica, especialmente en los estudios históricos, sociales y estéticos, con todo, las cuestiones sobre los aspectos técnicos y de seguridad aún representan un objeto de poco interés para la ciencia moderna. En este contexto, el presente estudio tuvo como objetivo debatir los conceptos de riesgo, accidentes y seguridad por la perspectiva de diferentes profesionales circenses, visando aún apuntar algunos de los recursos tecnológicos y procedimentales disponibles en la actualidad, que sirven de parámetros básicos de seguridad para el desarrollo de una cultura de seguridad entre los profesionales y practicantes del circo. Para eso, realizamos una revisión bibliográfica acerca de los conceptos de riesgo, accidente y seguridad, objetivando un mejor entendimiento a partir de perspectivas de diversas áreas del conocimiento. Este estudio teórico fue complementado por una pesquisa de campo realizada junto a profesionales del circo, particularmente mediante entrevistas semi-estructuradas con dos montadores, dos profesores y dos artistas, todos ellos con el mínimo de diez años de experiencia. Como resultado de este trabajo, observamos una grande variedad de accidentes y sus consecuencias directas e indirectas para el circo, condición que refuerza nuestra tesis de la importancia de seguirmos investigando la seguridad, para que reciba el debido tratamiento de todos los envueltos, De este modo ilustrativo proponemos algunos procedimientos, protocolos y medidas de seguridad, que objetivan sensibilizar todos los circenses para un necesario y urgente cambio de actitud en relación a la seguridad, aproximándoles gradualmente a la adopción definitiva de una cultura de seguridad en el circo.

Palabras-chaves: Circo, Seguridad, Riesgo, Accidente.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação: acidente, causa, dano e consequência	47
Quadro 2: Diretrizes de segurança propostas pela Funarte, 2008	68
Quadro 3: Comparativo entre cordas de poliamida, poliéster e sisal – Adaptado das tabelas fornecidas por empresas especializadas no setor	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Organização das categorias e subcategorias para a análise de conteúdo	32
Figura 2: Acidente envolvendo o trem do circo Wallace Hagenbeck, em 1918 (Disponível em: < http://listmoor.com/morte/acidentes-circos/ >)	49
Figura 3: Incêndio do Ringling Brothers and Barnum & Bailey Circus, 1944 (Disponível em: < http://listmoor.com/morte/acidentes-circos/ >)	50
Figura 4: Engolidor de espadas que faleceu em consequência de um acidente durante sua apresentação, em 1969 (Disponível em: < http://listmoor.com/morte/acidentes-circos/ >)	51
Figura 5: Elefanta que fugiu do circo após matar seu treinador e assistente, em 1994 (Disponível em: < http://listmoor.com/morte/acidentes-circos/ >).....	52
Figura 6: Imagens do circo Ostok após ser atingido por um temporal.....	55
Figura 7: Apresentação de pirofagia.....	67
Figura 8: Exemplo de giro industrializado com certificação e giro caseiro sem nenhum tipo de certificação	71
Figura 9: Imagens de um trapézio fixo manufaturado de modo inadequado	72
Figura 10: Trapézio fixo manufaturado por um mestre circense com grande <i>expertise</i> no assunto	73
Figura 11: Exemplo da diferença de volume entre as cordas de sisal e as cordas mais modernas e seguras	76
Figura 12: Multímetros digitais e analógicos	78
Figura 13: Alicates medidor de fuga e explicações de segurança e economia	79
Figura 14: Trena digital	80
Figura 15: Representação de vista aérea e mapa de risco de um circo de lona de médio porte...	85
Figura 16: <i>Check List</i> de montagem / instalação de aparelhos e estruturas	87
Figura 17: Etiqueta de identificação da montagem / instalação	88
Figura 18: Placa de sinalização sobre o risco de queda de materiais	89
Figura 19: Placa de sinalização sobre a obrigatoriedade do uso de E.P.I.s	90
Figura 20: Placa de sinalização detalhada sobre a obrigatoriedade do uso de E.P.I.s.....	90
Figura 21: Placas de sinalização sobre os locais com acesso restrito.....	91
Figura 22: Moitão, equipamento utilizado como guincho para aparelhos aéreos do circo	92
Figura 23: Mapa de emergência de um circo de lona de médio porte.....	96
Figura 24: Exemplo de placa de aviso utilizada em circo nacional de SP	97
Figura 25: Exemplo de um Plano de Ação em Emergências (PAE)	98
Figura 26: Fluxograma da segurança no circo	99

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ART	Anotação de Responsabilidade Técnica
Asfaci	Associação de Famílias e Artistas Circenses
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
Cia.	Companhia (de circo)
CNAC	Centro Nacional das Artes do Circo (França)
CP	Código de Pontuação
CREA	Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
DEA	Desfibrilador Externo Automático
DRT	Delegacia Regional do Trabalho
ENC	Escola Nacional de Circo
E.P.I.	Equipamento de Proteção Individual
Funarte	Fundação Nacional das Artes
GA	Ginástica Artística
NR	Normas Regulamentadoras
PAE	Plano de Ações em Emergências
PS	Primeiros Socorros
SATED	Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: DOCUMENTOS QUE REVELAM A PREOCUPAÇÃO COM A SEGURANÇA EM DIFERENTES INSTITUIÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS:	113
ANEXO 2: ROTEIROS DAS ENTREVISTAS.....	117
2.1 Roteiro das entrevistas realizadas com artistas.....	117
2.2 Roteiro das entrevistas realizadas com montadores	119
2.3 Roteiro das entrevistas realizadas com professores.....	121
ANEXO 3: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	123
ANEXO 4: DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	125
ANEXO 5: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS:.....	127
ANEXO 6: EXEMPLO DE 1. ^a REDUÇÃO DA ENTREVISTA:.....	179
ANEXO 7: EXEMPLO DE PROCESSO DE MANUTENÇÃO NA LONA DE UM CIRCO FORMA SEGURA:.....	189
ANEXO 8: EXEMPLO DE ADVERTÊNCIA SOBRE SEGURANÇA E EMERGÊNCIA NO USO DE PRODUTOS QUÍMICOS:.....	191
ANEXO 9: PROCEDIMENTOS DE SEGURANÇA E EMERGÊNCIA NA AVIAÇÃO CIVIL..	195
ANEXO 10: EXEMPLOS COMPARATIVOS DE EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES COM BAIXO E ALTO RISCO:	197
ANEXO 11: MAPA DE RISCO: DESCRIÇÃO COMPLETA:	203
ANEXO 12: <i>CHECK LIST</i> DE MONTAGEM DE TECIDO CIRCENSE E SUA RESPECTIVA EDTIQUETA DE IDENTIFICAÇÃO:	215
ANEXO 13: DVD COM VÍDEOS DE ACIDENTES NO CIRCO:	217

GLOSSÁRIO

Arnes (Cadeirinha): Equipamento para atividade em altura (E.P.I.) que tem por objetivo sustentar o indivíduo. Normalmente é utilizada em conjunto com mosquetão e descensor, talabarte e/ou trava-quedas.

Capataz: Mozo de pista (em espanhol).

Check-list (lista de checagem): Documento que norteia procedimentos (montagem, desmontagem, manutenção, etc.) para que sejam realizados com um alto nível de segurança. É também uma forma de registro de tudo que aconteceu durante o procedimento.

Circense: Pessoa que exerce a arte do circo. Comumente este termo se refere apenas aos artistas ditos “tradicionais”, oriundos de famílias circenses.

Cirqueiro: Pessoa que exerce a arte do circo. Algumas pessoas utilizam este termo para se referir apenas aos artistas que não são oriundos de famílias circenses.

Cúpula: Parte mais alta da lona de um circo.

DRT: Nome comumente dado ao atestado de capacitação profissional com registro na Delegacia Regional do Trabalho.

Empatar: Trançar de maneira a formar um anel, uma alça.

Estacas: Normalmente feitas de metal, utilizadas na montagem do circo.

Gambiarra: Adaptação que deve ser temporária, normalmente oferecendo um grau menor de segurança.

Moitão: Sistema de polias para redução da força aplicada.

Montador / Rigger: Profissional especialista em montagens aéreas e de estruturas.

Mosquetão: Equipamento de aço ou duralumínio em formato de elo, contendo um gatilho.

Pirofagia: Apresentação circense com manipulação de fogo.

Socorrista: Profissional ou amador com capacitação em primeiros socorros.

Swivel: Equipamento distorcedor, popularmente denominado giro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	27
1. O RISCO E O ACIDENTE COMO CONCEITOS CENTRAIS PARA O ESTUDO DA SEGURANÇA DAS PRÁTICAS CIRCENSES.....	35
1.1 O risco na atividade circense.....	35
1.2 O acidente como um elemento presente no circo.....	46
1.3 A segurança como aspecto central para o desenvolvimento do circo.....	62
1.3.1 Ações preventivas.....	66
1.3.2 Ações paliativas.....	91
1.3.3 Ações de emergência.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	107
ANEXOS.....	111

INTRODUÇÃO

Segurança, [...] esse tema é fundamental para que o circo possa crescer e que as pessoas tenham segurança desde uma academia, escolinha, coisa simples até um show incrível cheio de aparatos, não importa, a segurança tem que existir, em qualquer nível de espetáculo, acrobacia e shows, não interessa, tem que existir em todos os níveis da prática do circo (Artista Marieta, entrevistada durante o processo de elaboração deste trabalho).

Circo, por que estudar o circo?

Adentrei o universo circense aproximadamente há dez anos, quando, concomitantemente com minha formação em Educação Física, comecei a praticar algumas atividades circenses, em particular as aéreas (tecido, trapézio, corda, lira), experiências que paulatinamente, ao longo de vários anos, converteram-se de uma opção de lazer para o campo da atuação profissional, isto é, uma opção de trabalho.

Em 2006, já com alguma experiência neste campo, fundei uma empresa que, além de desenvolver atividades de circo¹, engloba outra paixão particular, que surgiu inclusive antes do circo: os esportes e atividades de aventura, mais precisamente as técnicas verticais em cavernas.

Foi aliando os conhecimentos, as tecnologias e procedimentos de segurança, já bem sistematizados no âmbito dos esportes de aventura, que emergiu o interesse pelas questões da segurança no circo. Contudo, foi depois da oportunidade de trabalhar com o Prof. Marco Antonio Coelho Bortoleto durante a 10.^a Convenção de Malabares e Circo, realizada em Campinas no ano de 2008, e com minha atuação como *rigger* (montador²) de eventos e estruturas circenses³ que percebi a emergência de estudar e sistematizar as questões relativas à segurança nas práticas circenses.

Embora existam definições diferentes para a manifestação artística chamada circo, faz-se importante ressaltar a reflexão de Silva e Abreu (2009, p. 15), que consideram que

¹ Grupo Aerius – www.grupoerius.com.br.

² Os montadores, no circo brasileiro, são chamados também de capatazes, porém o capataz engloba também uma função de coordenação geral do circo nesse aspecto. Já em circos da Europa e América do Norte esta função é denominada *rigger*.

³ Durante este período, trabalhei como *rigger* com a Trupe Universo Casuo (UC), sendo responsável pela montagem e manutenção dos aparelhos circenses aéreos, bem como pelo mapeamento de riscos da lona da empresa Unicirco quando de seu funcionamento em Campinas-SP, coordenando ainda a montagem de números aéreos em eventos de grande porte em teatros, lonas, ginásios e espaços abertos, como a Fantástica Fábrica de Natal em 2007, 2008 e 2009, abertura dos Jogos Regionais em Americana-SP e a 10.^a Convenção de Malabares e Circo.

esta arte, que vem de outros séculos, permanece ativa em nossa sociedade, somando hoje mais de quinhentos circos no Brasil. Além desta permanência, notamos também um crescimento exponencial desta prática:

Nos últimos cinco anos, o circo foi o segmento artístico que mais cresceu no conjunto de investimentos do Ministério da Cultura. Ao todo, foram investidos R\$ 40 milhões, e os investimentos foram quadruplicados desde o início deste governo, em 2003 (SILVA e ABREU, 2009, p. 15).

Diante desse notório crescimento, o circo vem se constituindo gradativamente objeto de estudo científico, com especial destaque para suas questões históricas, estéticas e sociais, como destaca Serra (2010), Bortoleto et al. (2008) e Abrahão (2011).

Não obstante, os estudos científicos sobre os aspectos de segurança – isto é, sobre o conjunto amplo de fatores que compõe a complexa relação entre os riscos próprios deste tipo de atividade e os acidentes, e, por conseguinte, os procedimentos de segurança – ainda são escassos. Na realidade, os debates sobre a segurança não ultrapassam a especulação e o senso comum, situando-se distantes da reflexão sistemática e profunda que propõe a ciência moderna. Esta escassez de referências foi a principal dificuldade deste estudo, a qual se tornou também mais uma evidência da emergência para a produção de uma investigação como esta.

É importante ainda ressaltar o seguinte pensamento: “A diversidade e a complexidade da arte do circo são ponto de partida e, simultaneamente, geradoras de grandes dificuldades para qualquer estudo” (BORTOLETO, 2010, p. 17).

Por vezes, é possível que a diversidade e a complexidade do circo dificultem a sistematização para a criação de uma cultura de segurança eficaz para este âmbito. Entretanto, se pretendemos algum dia alcançar tal estado de segurança, precisamos primeiro entender e dominar dois conceitos-chaves, bem como a maneira como interagem entre si: o risco e o acidente.

Somos conscientes de que o risco é uma condição da vida, presente na maior parte das atividades humanas desde sempre. Sabemos ainda que significativos avanços científicos e tecnológicos permitiram a criação de recursos e procedimentos que, quando bem aplicados, reduzem drasticamente os riscos e consequentemente os acidentes.

Relatos e reflexões que apresentaremos mais à frente nos permitem perceber que um grande número de acidentes vem acontecendo nas práticas circenses, e muitos deles poderiam ser evitados com ações simples de prevenção, as quais também discutiremos posteriormente neste

trabalho. Logo, o entendimento do risco e do acidente foi elemento central para a elaboração teórica que sustenta nossa compreensão acerca da cultura de segurança. Contudo, uma série de fatores, analisados ao longo deste trabalho, vem impedindo os profissionais circenses de acessar os avanços mais recentes no âmbito da segurança, expondo esses próprios profissionais – bem como os artistas em formação, os entusiastas e também o público em geral – a riscos desnecessários e certamente prejudiciais para este coletivo.

Neste estudo, partimos do princípio de que a segurança não deve ser tratada como um aspecto acessório das atividades circenses, mas como um pré-requisito, um aspecto fundamental para qualquer prática ou atividade neste âmbito, justificativa que se apoia nos diversos benefícios resultantes do aumento da segurança, como a diminuição de acidentes fortuitos, de lesões e, portanto, de afastamentos (absenteísmo), do aumento da qualidade artística e da consequente maior longevidade da carreira, tão desejada entre os profissionais do setor.

Assim, entendemos que a preocupação com a segurança deve se estender a todos os envolvidos com as Artes do Circo, ao dono do circo, às instituições que oferecem este tipo de atividade, incluindo, evidentemente, todos os profissionais envolvidos (montadores, professores, artistas), bem como os órgãos públicos e privados de regulamentação e fomento, preocupação também evidenciada por Fouchet (2006). Entendemos, em suma, que quanto maior a segurança nas práticas circenses, melhor será a imagem projetada desta arte para uma sociedade cada vez mais exigente e informada, preocupação mostrada pelas principais instituições brasileiras e estrangeiras que atuam no âmbito circense, como podemos ver no Anexo 1.

Objetivos: Deste modo, esta pesquisa teve por objetivo debater os conceitos de risco, acidente e segurança sob a perspectiva de diferentes profissionais circenses, visando, ainda, apontar alguns dos principais recursos tecnológicos e procedimentais disponíveis na atualidade, os quais servem de parâmetros básicos de segurança para o desenvolvimento de uma cultura de segurança entre os profissionais e praticantes das artes do circo.

Metodologia: Do ponto de vista metodológico, este estudo compreende uma pesquisa exploratória, teórico-empírica (LÜDORF, 2004, p. 47), composta por uma revisão bibliográfica que objetivou conhecer detalhadamente o trato que o problema teve na literatura de forma geral, seguida ainda de uma pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas

semiestruturadas aplicadas a profissionais circenses, objetivando conhecer a especificidade dos discursos de profissionais que vivem o circo diariamente.

Optamos pela entrevista por nos oferecer a possibilidade de reformular as questões ou ainda realizar perguntas adicionais para esclarecer as respostas, de forma a tornar os resultados mais válidos (os roteiros das entrevistas realizadas se encontram no Anexo 2). Entrevistamos seis profissionais do circo, número este que se justifica por ser este estudo de caráter exploratório, pelas restrições de tempo próprias de uma pesquisa como esta, e também pela diversidade dos sujeitos históricos que participam da atividade circense. Neste caso, foram entrevistados:

a) dois artistas profissionais – Marieta e Fábio⁴ – com experiência superior a dez anos e com atuação nos diferentes âmbitos circenses (circo de lona, eventos, festivais, espetáculos de rua);

b) dois montadores – Ivan e Francisco – com experiência superior a dez anos em vários tipos de montagem (aérea, de lona, de estruturas, elétricas, etc.);

c) duas professoras de escolas que ministram aulas de circo – Paula e Ana Maria –, também com experiência de mais de dez anos na função motivo pela qual foram entrevistadas.

Levando em conta a diversidade e a complexidade do circo, já citadas anteriormente, o principal critério adotado para a seleção dos sujeitos desta pesquisa foi a experiência profissional no mínimo de dez anos, bem como o reconhecimento pelos pares da qualidade/*expertise* deles. Para nós, não se fez importante se a organização na qual o sujeito trabalhou ou trabalha é de pequeno, médio ou grande porte, pois acreditamos que, independentemente deste aspecto, a segurança deve estar presente. Hipoteticamente, uma pequena organização pode inclusive ser mais segura que uma de maior porte.

Neste sentido, elaboramos uma lista preliminar com quatro nomes em cada categoria mediante consulta a renomados especialistas no assunto, inclusive à Asfaci (Associação das Famílias e Artistas Circenses). Por último, e por motivo dos escassos recursos financeiros disponíveis, optamos pelos profissionais residentes nos estados de SP e RJ. Cabe ressaltar que

⁴ O nome de todos os sujeitos foi mantido em sigilo. Utilizamos pseudônimos para identificá-los.

nenhum dos seis sujeitos podia pertencer à mesma família, companhia circense ou escola de circo, buscando, assim, a maior diversidade possível de opiniões.

Considerando ainda que o objeto deste estudo – que é segurança nas atividades circenses – se estende a qualquer profissional da área, com maior ou menor experiência, vinculado a empresas de maior ou menor porte, tratamos de buscar sujeitos que atendessem a essa diversidade, dentro dos limites desta pesquisa.

O registro de dados das entrevistas ocorreu por meio de dois gravadores digitais de voz. Realizamos as entrevistas num espaço reservado e livre de ruídos ou interferências externas, em acordo entre as partes, não havendo registro de imagens. Buscando facilitar a participação dos sujeitos, tentamos que as entrevistas fossem realizadas, sempre que possível, na própria instituição de trabalho de cada um dos pesquisados e com a devida autorização dos responsáveis. Nos casos onde isso não foi possível, encontramos outros locais apropriados para a realização do estudo. O agendamento das entrevistas foi realizado mediante contato telefônico diretamente com os sujeitos.

Os entrevistados não foram submetidos a riscos e/ou desconfortos, e também não tiveram nenhum tipo de gasto e/ou benefício financeiro por sua participação nesta pesquisa. Além disso, poderiam retirar seu consentimento a qualquer momento do desenvolvimento dos trabalhos. Os dados obtidos foram divulgados de forma escrita e/ou gráfica, tendo seu uso restrito a esta pesquisa e às publicações dela derivadas. Conforme previsto no TCLE (Anexo 3), a identidade dos sujeitos foi mantida sob sigilo mediante o uso de pseudônimos. O presente estudo foi aceito pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) no mês de setembro de 2011 mediante o Parecer n.º 712/2011 CAAE: 0638.0.146.000-11.

A análise dos dados seguiu as diretrizes propostas por Bardin (2011), mais especificamente da técnica de análise categorial, a qual consiste na realização de um desmembramento do texto em unidades de significados e posteriormente sua organização em categorias de análise. A partir dos objetivos desta pesquisa, criamos três categorias principais de análise, elaborando as subcategorias durante o processo de análise. A descrição de cada uma das categorias encontra-se no Anexo 4.

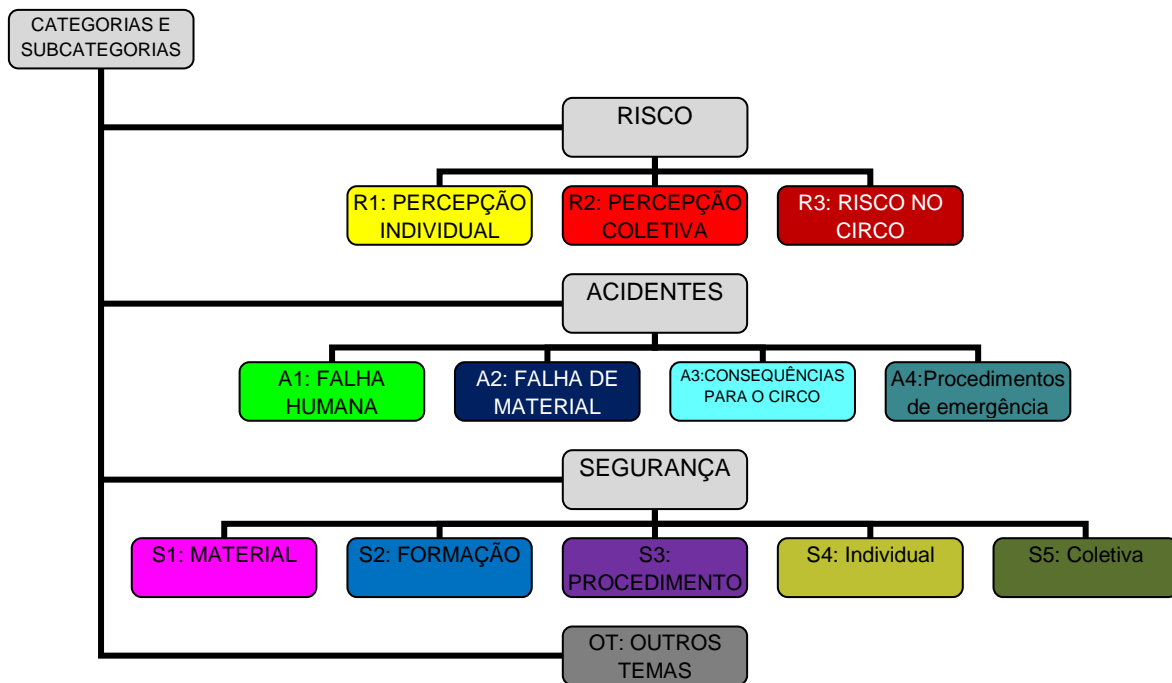


Figura 1: Organização das categorias e subcategorias para a análise de conteúdo

De acordo com o que sugeriu Bardin (2011), analisamos os dados obtidos conforme o seguinte modelo:

1. Entrevista;
2. Transcrição das entrevistas (Anexo 5);
3. 1.^a Redução: é o momento em que identificamos na transcrição as unidades de significado, que são expressões ou frases que apresentam uma ideia completa de acordo com as categorias e subcategorias. No Anexo 6, apresentamos como exemplo a 1.^a Redução de uma das entrevistas;
4. 2.^a Redução: onde as unidades de significado são organizadas de acordo com suas categorias e subcategorias e por sujeito. Este procedimento tem por objetivo realizar uma comparação entre as unidades de significado obtidas com cada um dos sujeitos;
5. Interpretação: etapa final da análise dos dados em que foi apresentado um texto composto pela discussão dos referenciais teóricos disponíveis, juntamente com a análise de conteúdo das entrevistas, composto ainda por extratos dos discursos dos sujeitos entrevistados.

Em suma, este trabalho, para além desta introdução, possui um único capítulo,

no qual apresentamos um texto composto pela discussão dos referenciais teóricos disponíveis, juntamente com a análise de conteúdo das entrevistas, composto ainda por extratos dos discursos dos sujeitos, objetivando debater os aspectos fundamentais sobre risco, acidente e segurança, traçando também o eixo de ligação entre estes conceitos e o âmbito circense.

Para finalizar, apresentamos algumas considerações levando em conta as análises realizadas e visando ressaltar as principais contribuições do trabalho, bem como elencar estudos complementares numa perspectiva de futuro.

1. O RISCO E O ACIDENTE COMO CONCEITOS CENTRAIS PARA O ESTUDO DA SEGURANÇA DAS PRÁTICAS CIRCENSES

1.1 O risco na atividade circense

Não vale a pena correr riscos inúteis, o público não quer assistir a acidentes ou quedas desnecessárias. Esses fatos prejudicam enormemente a imagem dos circos e a categoria circense junto à opinião pública e à sociedade em geral (Funarte, 2008).

O risco se faz presente nas mais diferentes dimensões da vida cotidiana, o que tem levado seu estudo a considerar diferentes perspectivas ou disciplinas científicas, entre elas a economia, o direito, a medicina, a tecnologia, a biologia e também as artes, particularmente do circo (GUZZO, 2009). Assim, pois, convivemos com o risco nas ações mais simples de nosso cotidiano e também nas mais complexas, durante as quais a gestão do risco passa, com frequência, despercebida. Em outras palavras, como diz o ditado popular, “viver é correr riscos”, expressão que é mais bem explicada nas palavras que nos remetem à percepção do risco pela professora Paula⁵:

Eu acho que é um risco controlável! A vida é um risco, andar na rua é um risco, mas é controlável. Tem alguns professores até mais ousados que eu, por serem mais experientes, mas eu podendo falar sobre risco e mesmo não podendo falar, eu falo.

Historicamente, segundo Spink (2008), o primeiro registro da palavra risco data do século XIV, no idioma castelhano, *riesgo*, mas ainda sem ter a conotação de perigo relacionado ao acidente. Neste período, o termo risco remetia ao sentido de dano, perda e também de ganho. Contudo, parece ser que na modernidade o termo consolidou-se no campo da navegação, da prática mercantil e das ações militares, e desde então representa uma ambiguidade entre os sentidos do possível e do provável, do positivo (ganhar) e do negativo (perder). Consequentemente, nós o entendemos, de modo genérico, como sinônimo de incerteza.

Assim sendo, existem vários tipos de risco: econômico, físico, psicológico e

⁵ Recordamos que o nome real dos sujeitos entrevistados foi substituído por pseudônimo visando à preservação de cada identidade, conforme orientação do Comitê de Ética em Pesquisa (FCM / Unicamp).

biológico, entre outros⁶. O risco está diretamente ligado ao perigo, que, por sua vez, representa algo negativo, a ser evitado. Parece ser que o risco estava no passado ligado à incerteza de ganhar ou perder, e na atualidade refere-se, sobretudo, à possibilidade de perder (GUZZO, 2009). Dizendo de outro modo:

Em geral, o aspecto negativo da possibilidade, o poder não ser. [...] Aristóteles considerava o risco como “o aproximar-se daquilo que é terrível”. [...] A pretensão implícita na decisão baseia-se numa indeterminação efetiva, ou seja, na possibilidade de que as coisas se passem de maneira diferente daquilo que eu decido [...] (ABBAGNANO, 2000, p. 859).

Por outro lado, assumimos neste estudo o risco como sinônimo de incerteza, em consonância com Bortoleto et al. (2010, p. 196), que afirma que o risco é a incerteza de perder ou ganhar, de o acidente ocorrer ou não, e em se tratando do âmbito circense ainda, conforme Guzzo (2009), o risco, ou seja, a incerteza está presente em todas as atividades circenses. O silêncio do público durante uma manobra perigosa é um exemplo desta incerteza do que irá acontecer, conforme Breton (2009):

O silêncio que cerca a apresentação dos trapezistas no momento das manobras mais perigosas indica a expectativa inconfessada do acidente [...]. Os aplausos que a seguir ressoam para saudar a vitória sobre a morte traduzem também o alívio (BRETON, 2009, p. 131).

Tratando ainda o risco como sinônimo de incerteza, Breton (2007, p. 10) afirmar que “Toda escolha, profissional ou amorosa, por exemplo, é uma aposta no futuro e leva a um caminho favorável ou perigoso”. Com isso, podemos admitir a presença do risco em qualquer situação, inclusive naquelas próprias à atividade circense. Portanto, toda atividade realizada no circo – seja uma instalação, montagem, a aprendizagem de uma nova acrobacia, a preparação de um novo número – contém riscos, isto é, pode resultar de modo favorável, representado pelo sucesso, ou, ao contrário, ter uma consequência desfavorável, como no caso de um acidente. Em ambas as possibilidades, poderemos ter diferentes consequências, que serão discutidas mais à frente nesta pesquisa. O mais importante aqui é ressaltar que no circo estaremos sempre expostos ao risco, à incerteza, como revela a opinião da artista Marieta, que, além de

⁶ O minidicionário Aurélio (FERREIRA, A. B. H., 2010) define risco como “Perigo ou possibilidade de perigo”; e ainda define perigo como: “Circunstância, estado ou situação que prenuncia um mal para alguém ou algo”.

menção esta relação intrínseca do risco com o circo, também evidencia que ela depende de uma percepção individual:

Com certeza, só de você estar trabalhando em um circo você está correndo um risco. Eu tenho consciência disso, até no chão você tá correndo risco de que algo aconteça com você. Então o profissionalismo é muito importante, se você é um artista profissional, com experiência, a atenção daquele artista no momento que ele pisa no palco, da parte dele, tem que ser 100%, para ele evitar todos os riscos de acidentes possíveis. Então oferece risco sim, risco total. Quando você está fazendo uma acrobacia, está ali o risco, então é uma atividade de risco, na altura, no trampolim, e também riscos que você nem imagina, por exemplo, lá no show hoje tem o palco, que é um monstro, o risco de você cair num buraco, se você não está atento alguém tromba e você cai num buraco, vai ser um acidente feio. Então tem o risco da sua acrobacia, da sua especialidade, o palco, o que ele oferece, até palcos menores, se cai um aparelho, pesinhos, saco de areia, por alguma razão soltou e caiu, o risco de acidente está ali presente mesmo. E riscos de colisões durante um show, às vezes, até correndo, não precisa nem estar no ar, você pode estar correndo, outro artista também e pode gerar um acidente. Então, como eu falei, o profissionalismo, é muito importante para o artista evitar da parte dele as possibilidades de um acidente, e o risco é grande, o tempo todo.

Ainda segundo Breton (2007, p. 9), “a existência individual oscila entre a segurança e a vulnerabilidade, risco e certezas, atalhos e caminhos traçados”. Neste caso, nossa existência é constantemente ameaçada pelo risco, cuja manifestação pode ser por meio de enfermidades ou acidentes, por exemplo. É para além desta condição de vida que a percepção do risco deve ser entendida como uma construção subjetiva e, portanto, individual. Neste caso, seu debate faz-se ainda mais complexo, expondo-nos a contradições tanto nas aproximações teóricas quanto nos discursos dos sujeitos consultados, como observamos no discurso do artista Fábio, quando lhe perguntamos se há risco nas atividades circenses:

Risco, acredito que não! As minhas apresentações eu acredito que não tenham risco. Apesar de que acidente pode acontecer em qualquer lugar, mas eu faço de tudo para que não aconteça, por isso que a gente tem essa rotina, mas é uma coisa de risco.

Se o risco é sinônimo de incerteza, talvez seja nas diferenças de percepção subjetiva e também nas construções coletivas que podemos encontrar indicadores para compreender o fato de que muitos dos artistas circenses se expõem de modo intencional a situações de risco. É buscando um entendimento para a estética do risco que caracterize a arte do

circo que muitos estudiosos, como Wallon et al. (2009), vêm analisando os espetáculos circenses contemporâneos.

Em nosso caso, entender, mesmo que parcialmente, os motivos que levam um artista circense à busca constante de movimentos mais difíceis e, por conseguinte, mais arriscados, foi uma estratégia para logo poder entender as questões de segurança. O ato de ousar aproxima a ação do artista a seus próprios limites, construindo uma tensão entre suas conquistas e aquelas que ainda pode conseguir, objetivando provocar emoções e impressões cada vez mais impactantes. Esta atitude, que caracteriza o ofício de muitos circenses, faz do risco um elemento fundamental de sua atividade profissional, e a possibilidade de perda (de um acidente, por exemplo), uma constante. Talvez seja por isso que Guzzo (2009) tenha afirmado que a prudência já não é a virtude mais esperada do homem realizador, proativo, discurso que apresenta consonância com o de Breton (2009), quando trata a prudência como louvável, porém nunca realmente valorizada. Foi esta ideia que motivou a busca pela exposição ao risco como um desejo, uma necessidade, tão destacada na sociedade competitiva atual. A este respeito ainda, Breton (2007) faz uma consideração de grande relevância:

[...] os riscos assumidos e a exposição pessoal deliberada em circunstâncias difíceis são uma maneira de intensificar o sentimento de existir. Em contrapartida, nossas sociedades impõem que cada indivíduo demonstre a legitimidade de sua existência em um mundo de competição e de eficácia, que faz pouco caso do sossego e da felicidade tranquila de existir [...] (BRETON, 2007, p. 10).

Ainda na tentativa de entender o motivo pelo qual os artistas circenses se expõem a riscos de forma consciente, deliberada, Guzzo (2009, p. 43) afirma que “O maior sucesso está sempre ao lado do maior risco: quanto maior a manobra, o movimento, maior o risco, maior o desejo alcançado”.

Entendemos que o sentido das expressões “maior manobra”, “maior movimento” remete ao seu grau de dificuldade, atitude condizente com uma das “regras tácitas” que tradicionalmente se consolidaram na arte circense, de que o risco revela a coragem e, portanto, uma qualidade fundamental para o artista circense, condição que não coincide com a nossa e que esperamos elucidar, ou ao menos relativizar, ao longo deste trabalho, especialmente

quando tratarmos da segurança, mais adiante.

Entretanto, Arkaev e Suchilin (2009), dois estudiosos da Ginástica Artística (GA) fazem uma afirmação que também se faz verdadeira no circo, a saber, de que a hipervalorização da acrobacia da GA aumenta a necessidade do “controle” do risco. Da mesma forma, a hipervalorização das acrobacias no circo, o fato de que o maior sucesso está ligado à manobra de maior dificuldade (GUZZO, 2009) faz com que o controle dos riscos se torne uma ação primordial para a aquisição de um estado satisfatório de segurança.

É por todos os motivos elencados anteriormente que o circo vem sendo considerado uma arte de risco (WALLON et al., 2009), risco este que ao mesmo tempo causa medo e fascina, que o difere de outras linguagens artísticas e que emerge como um atrativo artístico, ou, melhor dizendo, um motor para sua comercialização. Tais ideias aparecem repetidamente no discurso do artista Fábio: “Acho que é isso que causa essa adrenalina no público. Então por isso existe o risco, e é isso que deixa fascinante”.

Dito isso, fica evidente que a presença do risco surge como um elemento estético que condiciona, muitas vezes, o espetáculo circense. No entanto, a perspectiva do público quando fica maravilhado ao ver movimentos e acrobacias cada vez mais antinaturais, mais “arriscados”, não deve revelar o real risco em jogo, isto é, que o artista está de fato numa situação de risco sem levar em consideração medidas que visam controlar a possibilidade de um acidente. Neste caso, o artista deve atuar de modo inteligente, visando, entre outras coisas, à sua longevidade – que depende de sua saúde e da integridade pessoal. Deve, pois, conceber o risco de modo distinto à percepção do público. O artista pode e deve transmitir a sensação constante e presente do risco, embora sua atuação esteja respaldada por medidas que tratem de minimizá-lo e controlá-lo. Breton (2009) refere-se a este fato quando afirma, sobre o artista, que “Se finge um desequilíbrio ou uma indecisão, logo provoca a agitação da multidão que reage como uma só pessoa”.

Por outro lado, existe também a possibilidade de que os circenses corram risco de forma inconsciente, ou seja, a convivência constante com os riscos próprios da atividade circense faz com que eles não deem a devida importância para as questões de segurança. A maioria dos sujeitos entrevistados revela por meio de seu discurso esta situação, como vemos nas

palavras do montador Francisco:

Eu não vou dizer que eu uso sempre. Aqui em casa tem uma estrutura de 10 metros de altura e eu vacilei ontem conversando, fui pendurar a lira, fui pegar o giro no chão e sem querer soltei. É uma coisa que eu faço todo dia e eu vacilei e soltei o guincho⁷. Como o moitão é pesado o guincho subiu e bateu na estrutura. Tinha uma aluna esperando para subir na lira, outra esperando para fazer tecido, perguntando se estava certo ou não, tinha um cara vestindo a lonja que ele ia fazer solo, aí eu não ia entrar pegar a cadeirinha, colocar o tênis e tudo mais, subi rapidinho na estrutura que nem gato na treliça, fiquei com uma mão na estrutura e os dois pés e puxei o cabo do moitão até chegar no chão, pedi para alguém segurar até eu descer. Demorou 2 minutos a operação, subi e peguei.

Mesmo conhecendo os procedimentos de segurança, muitos optam pelo não uso deles, como revela o próprio Francisco: “Com certeza, nenhum desses equipamentos de segurança é essencial para a montagem acontecer”. E complementa: “Eu trabalho sem cadeirinha quando precisa”. Esta opinião repete-se entre os demais entrevistados, como, por exemplo, na fala de Ivan: “Tem um cinto de rapel que a gente usa, mas eu mesmo, como já me considero ‘cirqueiro’⁸, prefiro mesmo subir à vontade, que é mais livre, sem nada”. Ainda sobre este assunto, o artista Fábio indica: “É muito comum não usar equipamento no circo, primeiro porque tem artista que acha bobeira isso, acha que não vai acontecer nada com ele, também porque vão tirar sarro da cara dele”.

Em geral, esta percepção da “não necessidade” de uso dos equipamentos de segurança revela um aspecto que merecerá maior atenção mais adiante, quando trataremos das questões específicas da segurança. Contudo, elas elevam a presença do risco, que em algumas práticas já é bastante alto, de tal modo que, enquanto o artista tenta fascinar o público com a impressão de alto risco de seus feitos, ou corre riscos por falta de conhecimento ou ainda excesso de autoconfiança, o montador tem exatamente o objetivo oposto: ele deve passar para todas as outras pessoas uma alta capacidade de controlar os riscos e, portanto, de manter a si mesmo e as pessoas ao seu redor seguras. Este é um dos objetivos do montador Francisco:

⁷ Guincho: normalmente equipamento elétrico para içar pessoas ou objetos. Entretanto, neste caso refere-se ao sistema de moitão e cabo de aço utilizado para içar a lira.

⁸ Cirqueiro é um termo comumente utilizado para nomear o sujeito que “pratica circo”. Contudo, para o montador Ivan este termo remete às pessoas que não nasceram no circo, mas por viverem nele há muito tempo já aprenderam os saberes de um circo dito tradicional.

[...] as pessoas veem que tem alguém responsável por isso, é a única pessoa de capacete andando no meio dos artistas, é o técnico de montagem, com luva, colete refletor que chama a atenção, você tá numa estrutura a pessoa te vê lá em cima e não vai passar embaixo [...].

O sujeito Francisco demonstra em sua fala a preocupação de evidenciar que existe alguém cuidando da segurança daquele *show*.

Independentemente de a intenção ser aparentar um alto risco que na verdade não é tão grande assim, ou de demonstrar um baixíssimo estado de risco, que pode também não ser tão baixo assim, o fato é que no circo, assim como em qualquer outro âmbito, sempre convivemos com algum tipo de risco:

Diante da diversidade de suas habilidades, o artista do circo se expõe deliberadamente ao desequilíbrio. Esse jogo entre o controle e a queda impõe que se corra o risco, tanto físico quanto estético [...] (WALLON et al., 2009, p. 23).

Assim, convivemos sempre com alguma incerteza, como, por exemplo, de acontecer ou não um acidente. Por isso, quanto maior a exposição aos riscos, maiores as incertezas e, por conseguinte, mais provável o acontecimento de um acidente. Este axioma pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo: se um funcionário do circo precisa fazer manutenção na cúpula de uma lona, ele pode realizar este serviço se expondo mais ou menos a riscos⁹, usando ou não E.P.I. (Equipamento de Proteção Individual), como cordas, capacetes, etc. Quanto maior conhecimento sobre a atividade que precisa realizar (formação, experiência) e maior domínio sobre os equipamentos necessários e seu manejo, menor será o risco ao qual estará submetido. Consequentemente, menores serão as incertezas e, finalmente, maior será o estado de segurança. O Anexo 7 detalha como esta ação poderia ser realizada com baixo risco.

Conforme Costa (1999), toda prática corporal possui risco de queda, colisão, esgotamento e mal-estar, fato que se encaixa perfeitamente no âmbito circense por se tratar de uma arte do corpo.

Ainda permeando o tema risco, na fase de pesquisa de campo alguns relatos chamaram nossa atenção para mais uma possível classificação do risco: risco ativo ou passivo, conforme comentou o montador Francisco:

⁹ Entendemos risco neste caso como a “incerteza” de cair ou não da cúpula.

Quando caiu a trave no pé do meu amigo, eu queria parar de fazer circo e parar com montagem, eu pensei: que irresponsabilidade, eu conheço ele desde os cinco anos de idade, ele não tem nada a ver com circo, tava lá só olhando.

Desta maneira, julgamos prudente sugerir uma subclassificação de risco em ativo e passivo. Para exemplificar essa diferença, podemos usar um carro com cinco pessoas dentro. Como vimos anteriormente, todas elas estão correndo diversos riscos, dentre eles o de sofrer um acidente. Porém, há uma diferença: o motorista do veículo corre um risco ativo de sofrer um acidente, afinal ele tem em suas mãos o controle da direção, da velocidade e ainda a tomada de decisão; já os demais ocupantes correm esse risco de forma passiva, pois nada poderão fazer, ou poderão fazer muito pouco para evitar um possível acidente, tendo em vista que não possuem controle nenhum sobre a situação.

No âmbito circense, essa subclassificação é de grande importância. O público está quase sempre correndo riscos de forma passiva. Em algumas situações, o artista também corre riscos da mesma forma, e o ponto fundamental dessa subclassificação é que quem corre riscos de forma passiva não tem nenhuma ou quase nenhuma forma de controlá-los e, conseqüentemente, minimizá-los. Alertamos aqui para a imensurável responsabilidade das pessoas que podem controlar os riscos de determinada situação, pois têm sob sua responsabilidade outras pessoas, que correm risco passivo e que muitas vezes não enxergam ou desconhecem os riscos que correm.

Collard (1997) relata a existência de dois tipos elementares de risco, no caso particular das atividades esportivas:

Riesgo estocástico: incertidumbre del medio y adversarios (riesgo estratégico, táctico);

Riesgo Material: que comprende el riesgo corporal, en el sentido de peligro o integridad físico-corporal, o de posibilidad de lesión o incluso muerte; y el riesgo Competitivo, como posibilidad de ganar o perder la competición y/o un bien material (objeto, dinero, premio) en función del resultado.

No circo, entendemos que o risco estratégico está presente no momento da definição dos números, exatamente na estratégia que se traça para a formação do espetáculo, da mesma forma que se faz presente o risco material ligado diretamente às lesões, à integridade

física e a bens materiais. Apontamos ainda a possibilidade de o risco estratégico ser um gerador do risco material, se levarmos em conta que uma ação mal planejada pode levar a um acidente de fato.

Deste modo, o objetivo central do profissional circense é buscar o controle do risco visando a uma convivência mais tranquila e harmoniosa com seu ofício. O referido controle do risco, na opinião de Cardella (2009), pode ser sistematizado mediante a observação de onze elementos:

1. Tempo: este é um recurso que não podemos dosar de acordo com nossa vontade. Por exemplo, no resgate de vítimas não há como aumentá-lo.

2. Espaço: recurso importante, fundamental para a segurança, por exemplo, no momento de uma evacuação, ou na localização correta dos extintores, no caso de um incêndio.

3. Energia: indispensável numa organização, bem como no circo, seja energia elétrica para iluminar a lona, o óleo diesel para movimentar os caminhões ou mesmo a energia muscular dos artistas e funcionários.

4. Material: recurso nem sempre disponível de maneira satisfatória, porém muito importante, como extintores, macas, *kit* de primeiros socorros e E.P.I.s (equipamentos de proteção individual).

5. Equipamento e instalação: equipamentos circenses adequados, instalados de forma correta, rádios e telefones para comunicações e relações públicas.

6. Conhecimento: fundamental para a boa aplicação de todos os recursos; o conhecimento pode e deve ser adquirido pelas pessoas da organização, no caso artistas e funcionários, por meio de livros, como este ou mais técnicos, e também em cursos e encontros relacionados à área.

7. Informação: estar bem informado sobre os acontecimentos durante o espetáculo; saber onde haverá risco de incêndio durante uma *performance* pirofágica; estas são informações muito importantes.

8. Homem: o recurso racional, pensante, e com força e preparo físico e psicológico, necessários a sua função. O número de pessoas adequado para cada situação também se encaixa neste recurso.

9. Habilidade: ser capaz de realizar de forma satisfatória uma tarefa. A habilidade é resultado de potencial e treinamento, com simulações inclusive.

10. Experiência: conhecer por fazer, pela vivência. Este é um recurso adquirido ao longo do tempo e de muita importância na garantia da segurança.

11. Criatividade: é a vontade de resolver problemas, melhorar situações, e até criar novas soluções. A criatividade potencializa a importância e a ação dos recursos anteriores.

Como podemos notar, vários fatores entrelaçados determinam o grau de risco de uma determinada atividade. Assim, é importante diferenciarmos três dos onze recursos que podem ser confundidos: conhecimento, experiência e habilidade. Por exemplo, uma pessoa pode fazer cursos sobre instalações em altura. Ela estará adquirindo conhecimento, mas só terá experiência depois de acompanhar por algum tempo o trabalho de instalações em altura. Mesmo assim, ainda não terá habilidade, que só será adquirida quando ela participar ativamente da prática dessas atividades, garantindo um baixo estado de risco e instalando equipamentos e aparelhos em altura.

Neste caso, os profissionais circenses convivem constantemente com o risco e, portanto, precisam aprender a reconhecê-lo para logo controlá-lo. De modo alegórico, Wallon et al. (2009, p. 26) nos permitem entender o processo de sensibilização do risco e de convivência assumida e desejada deste risco em quatro fases:

- * A descoberta: em que há uma exploração do desequilíbrio (do risco) por uma prática de imitação;

- * O controle: quando o desequilíbrio da fase inicial é controlado por meio de uma figura, fruto de uma prática repetitiva;

- * O domínio: estágio que permite ao artista, ao profissional ser capaz de romper e reaver o equilíbrio quando necessário;

- * Finalmente, a virtuosidade: momento em que o praticante não só rompe e retoma o equilíbrio quando sente vontade, mas também é capaz de modificar a velocidade, a amplitude, a força, o número e o desencadeamento de novas figuras, criando sobre aquilo já conhecido.

Essas quatro fases de aprendizado do risco nos remetem a acreditar que não se aprende a controlar o risco de forma rápida e simplificada. São muitos os riscos presentes em nossa vida, e eles se apresentam das mais variadas formas possíveis nas mais diversas atividades que realizamos, portanto controlá-los e não apenas obter, mas manter um estado de baixo risco é

uma conquista que demanda tempo e requer uma dedicação constante.

Em suma, entendemos o risco como uma condição de incerteza que jamais poderá ser extinta na sua totalidade; como um aspecto presente em todos os momentos, em qualquer atividade, por mais simples que seja. Logo, nosso anseio permanente situa-se no sentido de reconhecer os riscos próprios da atividade circense, para então buscar controlá-los. Neste sentido, compreender a natureza complexa do risco e de como cada profissional o percebe certamente nos ajudará a encontrar soluções teóricas e aplicadas (práticas) visando à preservação da integridade corporal e artística dos profissionais, do público e dos demais envolvidos com as artes do circo. De modo complementar, os discursos dos entrevistados apontam para uma percepção individual do risco no circo. Logo, é importante ressaltar que são as percepções individuais que acabam por formar as percepções coletivas de risco, estas, por sua vez, bem mais difíceis de serem ampliadas ou aprimoradas.

Como produto do risco, poderemos ter o acidente, fenômeno que trataremos a seguir buscando desvelar as principais causas e consequências no âmbito específico do circo.

1.2 O acidente como um elemento presente no circo

A redução de acidentes é um dos mais fortes desafios à inteligência do homem (CARDELLA, 2009, p. 23).

Do mesmo modo observado no risco, convivemos cotidianamente com os acidentes nas mais diferentes atividades humanas (transporte, trabalho, etc.), com consequências que oscilam desde aquelas quase imperceptíveis até as extremamente graves, como a iminente perda da vida.

Quando remetemos aos acidentes trabalhistas, o Ministério da Previdência Social apresenta uma definição que nos interessa particularmente neste trabalho:

Acidente do trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa, com o segurado empregado, trabalhador avulso, médico residente, bem como com o segurado especial, no exercício de suas atividades, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte, a perda ou redução, temporária ou permanente da capacidade para o trabalho (MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, BRASIL, 1999), MANUAL ITEM 5.

Diversas outras áreas do conhecimento elaboraram suas próprias definições, visando a uma compreensão mais precisa deste termo tão difuso em nossa cultura, como, por exemplo, o utilizado no campo da medicina:

[...] seria considerado como “injúria não intencional”, causada pela transmissão rápida de um tipo de energia dinâmica, térmica ou química de um corpo a outro, ocasionando danos e até a morte, e podem ser evitados e controlados (FILÓCOMO et al., 2002, p. 42).

Por outro lado, Cardella (2009) apresenta um conceito elaborado sob uma perspectiva holística no qual não atribui ao acidente uma única causa, um fator isolado, vendo-o, portanto, como um fenômeno que pode ser explicado de modo simplificado. De acordo com este autor, o acidente é um acontecimento de natureza multifacetada que resulta de interações físicas, biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Neste sentido, apoiado no discurso filosófico, o acidente pode ser entendido como:

[...] tudo que acontece por acaso, isto é, pela inter-relação e o entrelaçamento de várias causas, mas sem uma causa determinada que assegure a sua ocorrência

constante ou, pelo menos, relativamente frequente (ABBAGNANO, 2000, p. 14).

A partir desses breves posicionamentos, entendemos o acidente como um produto de uma situação de risco cuja ocorrência é não intencional e que deve ser estudado visando ao desenvolvimento de procedimentos e tecnologias que permitam controlar as condições de risco, minimizando, assim, a possibilidade de sua ocorrência. No entanto, jamais estaremos livres por completo da possibilidade de acidente, especialmente devido à falibilidade humana.

Neste sentido, compreendemos o acidente como resultado de um conjunto de fatores de risco interligados e que pode causar danos ou perdas nas mais distintas dimensões da vida: integridade física, material, social, ambiental, psicológica, econômica, artística e legal. Logo, faz-se fundamental conhecer os fatores que podem gerar algum tipo de acidente, a título de sua antecipação.

Vejamos a descrição de um tipo básico de acidente relacionado às artes do circo no modelo de análise proposto por Cardella (2009):

Quadro 1: Relação: acidente, causa, dano e consequência:

ACIDENTE	CAUSA	CAUSOU DANO	CONSEQUÊNCIA
Eletrocutamento	<u>Físico</u> : choque elétrico	<u>Físico</u> : lesão no indivíduo	Depende da intensidade do choque e de fatores ambientais
	<u>Biológico</u> : estava embriagado ou desatento	<u>Econômico</u> : danificou a instalação elétrica	
	<u>Psicológico</u> : medo de realizar o trabalho	<u>Legais</u> : processo trabalhista	

Nosso posicionamento coincide com o de Abbagnano (2000) e Cardella (2009) quando afirmam que um acidente ocorre, majoritariamente, por vários fatores combinados entre si. Nesta perspectiva complexa, qualquer estudo que pretenda desvelar os aspectos de risco próprios das práticas circenses precisará conhecer em profundidade os acidentes mais comuns,

buscando destacar os aspectos que podem tê-los gerado. Este tipo de aproximação teórica nos permitirá lançar algumas propostas preventivas, e, por conseguinte, elaborar os princípios básicos de uma cultura de segurança no circo, objeto desta pesquisa.

Cabe ressaltar que, por se tratar de uma arte diversificada em suas técnicas, espaços de manifestação, formação profissional, etc., é comum depararmos no circo com situações em que o risco advém do manuseio de produtos químicos inflamáveis, da montagem-desmontagem e uso de estruturas metálicas, da montagem de instalações elétricas e de um conjunto infinito de outras situações que expõem constantemente os circenses ao risco e, conseqüentemente, à possibilidade de acidente. Além de todas essas possibilidades, devemos analisar ainda a exposição deliberada dos artistas circenses, durante sua produção artística, a situações de risco, em que os acidentes aparecem como casualidades, ou, popularmente, como consequência “natural” deste ofício. Como é possível depreender de nosso discurso, não concordamos com esta tese, e, exatamente por isso, entendemos que o estudo aprofundado dos acidentes nos permitirá encontrar novas soluções para a ampliação da segurança da arte circense.

A partir desses pressupostos, trataremos a seguir de analisar alguns acidentes relacionados com o circo, selecionados dentre uma extensa lista e encontrados ao longo desta pesquisa. É importante ressaltar aqui que não encontramos nenhuma fonte oficial ou registro sistemático dos acidentes durante as atividades circenses, fato que dificultou significativamente nosso trabalho. Isso nos levou a realizar uma ampla busca nas mais distintas fontes (livros, artigos, *sites*) e também a identificar alguns fatos a partir do discurso dos sujeitos entrevistados.

a) O Circo Wallace Hagenbeck viajou por vários lugares da América no início do século XX, e no seu auge era considerado o segundo maior circo do continente americano. Por causa da grande quantidade de artistas, animais e equipamentos, o circo utilizava um trem como principal meio de transporte. Na madrugada de 22 de junho de 1918, o circo fazia uma de suas viagens quando foi atingido por outro trem. Alonzo Sargent era o maquinista da segunda locomotiva e havia dormido nos controles, fazendo com que os dois comboios se chocassem a quase 60 quilômetros por hora. 127 pessoas ficaram feridas e 86 morreram. Apesar da tragédia, o circo se recuperou e continuou funcionando até 1938.



Figura 2: Acidente envolvendo o trem do circo Wallace Hagenbeck, em 1918. Fonte: Williams (2010).

No relato deste acidente, a única causa relatada foi o adormecimento de um dos maquinistas. Entretanto, enquanto nos referimos ao conjunto de fatores responsável pelo acontecimento de um acidente, estamos investigando mais a fundo: por que o maquinista dormiu? Será que sua jornada de trabalho era adequada, ou era excessiva? Será que estava sob o efeito de algum medicamento? Ou ainda embriagado? Não sabemos, mas é provável que mais de um fator esteja relacionado com esse acontecimento.

b) Quase sete mil pessoas estavam no Ringling Brothers e Barnum & Bailey Circus no dia 6 de julho de 1944, na cidade de Hartford, em Connecticut (EUA), quando teve início um pequeno incêndio. Rapidamente, os espectadores foram alertados, mas o pânico tomou conta da multidão. A lona do circo era impermeabilizada aproximadamente com 800 quilos de parafina dissolvidos em mais de 20 mil litros de gasolina. Quando as chamas se espalharam, a parafina fervente “choveu” sobre o público e a lona desmoronou.

O número de vítimas não é exato, mas aproximadamente 168 pessoas morreram e mais de 700 ficaram feridas. A origem do fogo nunca foi esclarecida, e alguns sugeriram que um cigarro poderia ter iniciado a tragédia. Vários anos mais tarde, um homem chamado Robert Dale Segee disse ser culpado, mas nunca foi julgado e assim retirou a confissão, fazendo com que o incêndio voltasse a ser um mistério.



Figura 3: Incêndio do Ringling Brothers and Barnum & Bailey Circus, 1944. Fonte: Williams (2010).

Neste caso, podemos constatar como os avanços tecnológicos permitem diminuir as variáveis que provocam acidentes como o acima relatado. Isso porque nos dias de hoje um incêndio desta magnitude seria pouco provável, considerando que a maioria das lonas usadas nos circos de médio e grande porte, e cada vez mais nos de pequeno porte, é elaborada com materiais antichamas, que impedem ou dificultam a propagação das chamas.

c) Em um dia qualquer de junho de 1969, o engolidor de espadas Francis P. Doran, que trabalhava para o Circo Clyde Beatty Cole Bros, estava completamente bêbado ao iniciar sua apresentação. Um dos números que deveriam ser feitos era engolir um tubo de neon, tarefa simples para Duran, mas na hora de agradecer à plateia, ele curvou demais o próprio corpo e o tubo explodiu. O artista acabou internado e sobreviveu, mas o acidente danificou seus pulmões de forma irreversível, e assim, dez anos depois, ele faleceu, aos 61 anos de idade, devido às complicações.



Figura 4: Engolidor de espadas que faleceu em consequência de um acidente durante sua apresentação, em 1969. Fonte: Williams (2010).

Este é um acidente relacionado com a imprudência humana. Precisamos conhecer os riscos para assumi-los, e temos de nos preparar para isso. Realizar atividades como esta estando embriagado demonstra uma grande imprudência.

d) Durante boa parte do século XX, o circo era um dos principais divertimentos nos Estados Unidos, mas poucos visitavam as ilhas do Havaí devido aos altos custos da viagem. Ainda assim, a capital Honolulu teve o seu circo com direito a palhaços, malabaristas, acrobatas aéreos e até mesmo uma elefanta chamada Tyke. No dia 20 de agosto de 1994 centenas de espectadores presenciaram Tyke matar seu treinador, Allen Campbell, e ferir uma de suas assistentes. A elefanta na ocasião fugiu da arena e correu pelas ruas por meia hora, ferindo outro homem antes de ser, finalmente, abatida pelos policiais. Foram necessários 86 tiros para derrubar o animal.

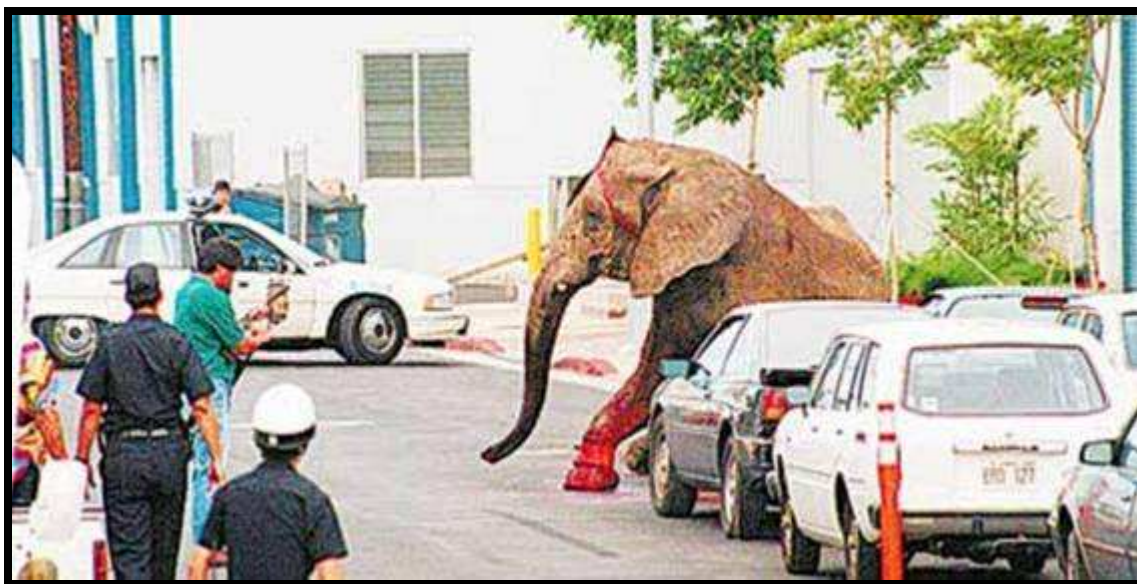


Figura 5: Elefanta que fugiu do circo após matar seu treinador e assistente, em 1994. Fonte: Williams (2010).

Acidentes que envolvem animais requerem uma análise complexa, afinal estamos lidando com seres movidos por instintos. Assim, as possíveis causas de um acidente como esse seriam: estresse do animal por falta de alimento, espaço impróprio, maus tratos, falta de um plano no caso de uma fuga, etc. Muitos podem ser os motivos que causaram este acidente, mas a verdade é que, com certeza, ele poderia ter sido evitado ou ter suas consequências minimizadas.

e) José Miguel dos Santos Fonseca Júnior era um garoto de seis anos apenas no dia 9 de abril de 2000, quando assistia junto com seu pai e sua irmã aos espetáculos do Circo Vostok, instalado no estacionamento do Shopping dos Guararapes, em Recife. Anunciou-se um intervalo de vinte minutos nas apresentações, e José e sua família aproveitaram esse tempo para tirar fotos com os animais. Mas quando estavam retornando ao seu lugar, um dos leões colocou a pata para fora da jaula e puxou o menino através das grades, quebrando-lhe vários ossos do corpo. O menino foi arrastado até o picadeiro e em frente ao público foi dilacerado, e outros leões começaram a devorá-lo. Um deles levou o garoto até a caçamba em que os animais ficavam guardados, e mais leões o atacaram.

A Polícia Militar matou quatro dos animais. O único sobrevivente foi um filhote com sete meses de idade, que vive hoje no jardim zoológico de Recife. A necropsia dos felinos revelou que eles não eram alimentados havia três dias, e investigações mostraram que as

jaulas eram ridiculamente frágeis.

Mais um acidente com animais, neste caso com a constatação de que os leões não eram alimentados com a frequência devida. É possível que isso tivesse acontecido por problemas econômicos que o circo vinha enfrentando, o que nos remete ao raciocínio de que um problema pode ocasionar outros de proporções cada vez maiores. São os diversos fatores interligados que criam um alto estado de risco e que podem, por sua vez, culminar em um acidente.

f) Circo Ringling Bros and Barnum & Bailey nos Estados Unidos em 2004: A aerelista Dessi Espana fazia acrobacias em seu tecido quando ele se soltou e ela caiu de uma altura de nove metros. Após bater com a cabeça no chão, Espana não resistiu e morreu. (OLIVEIRA, 2012).

Este acidente nos remete a uma possível falha de material, que pode ter ocorrido por diversos fatores: má conservação, instalação incorreta, equipamento impróprio, entre outras.

g) Embora o Cirque Du Soleil – multinacional da arte circense que possui dezenas de espetáculos – obtenha um faturamento de milhões de dólares ao ano, os acidentes podem acontecer também em seus picadeiros. No dia 17 de outubro de 2009, o acrobata Oleksandr Zhurov sofreu um grave acidente durante um treino na cidade de Montreal. O ucraniano caiu enquanto fazia o “balanço russo”. Zhurov foi levado para o hospital, mas faleceu no dia seguinte devido às lesões no crânio e no cérebro. Esse foi o pior acidente já ocorrido no Cirque Du Soleil.

Este circo é, sem dúvida nenhuma, uma das companhias que mais se preocupam e investem na segurança de suas atividades, entretanto um acidente fatal como este só nos reafirma o fato de que os riscos podem, sim, ser muito bem controlados, mas jamais extintos em sua totalidade.

h) “Jamais vou me esquecer de Guidoal, uma pequena cidade mineira, onde um forte temporal atingiu o circo, que não resistiu e foi ao chão, as madeiras quebradas e o pano rasgado” (BARTHOLO, 1999, p. 36).

Temporais representam com certeza um grande risco para os circos de lona.

Não conseguimos imagens do relato acima, entretanto, a título ilustrativo, apresentamos as imagens abaixo, que são de um fato semelhante ao que aconteceu com o circo Ostok:





Figura 6: Imagens do circo Ostok após ser atingido por um temporal – Autor: desconhecido.

i) “Dândalo falhou em uma passagem e errou no tempo. Ensaiaava sem o pano preto nos olhos. Mais que o goleiro, o trapezista não pode falhar. Ao chocar-se contra a rede, Dândalo soltou um grito como nunca mais Dover deixou de ouvir. [...] Dândalo fraturara a espinha. Morreu de complicações no hospital de Sorocaba dois dias depois” (RASCOV, 2009, p. 47).

O relato acima foi extraído de um livro chamado O Filósofo Voador, que conta a história do grande trapezista Dover Tangará. Esta passagem relata a morte de seu irmão mais velho Dândalo.

j) “A apresentação do Marcos Frota Circo Show em Uberaba foi marcada por uma tragédia. Um trapezista caiu aproximadamente de cinco metros de altura. O artista ficou gravemente ferido. O acidente foi por volta das 19h30min. De acordo com uma testemunha, o trapezista realizava um número com outros artistas, quando no encerramento saltou do trapézio com a intenção de cair de costa na rede de proteção. Entretanto, a estrutura arrebentou e o artista caiu no chão batendo com a cabeça. Uma equipe do SAMU foi até o local e encontrou o trapezista inconsciente. Após os primeiros socorros, ele foi encaminhado ao Pronto Atendimento do Hospital de Clínicas da UFTM, onde até o fechamento desta edição permanecia em estado

grave. Mesmo após o acidente, o espetáculo continuou” (STRAPAZZON, 2009).

Sobre o noticiado acima, cabe destacar que o montador Francisco relatou ter visto acidente semelhante: “Aqui em Campinas arrebentou o cabo da rede do trapézio, eu conhecia a artista, ela se machucou e ficou fora por um bom tempo”.

k) Em Maracanaú, Região Metropolitana de Fortaleza, o ajudante de circo Amilton Fernando Matias Costas, de 27 anos, morreu eletrocutado quando tentava erguer um mastro e este tocou em um fio de alta tensão. Mais quatro pessoas ficaram em estado grave, apresentando queimaduras do segundo e terceiro graus. Uma das sócias do circo Nossa Senhora de Lourdes, a maranhense Lurdes Nascimento, disse: “O que houve foi uma fatalidade. Algo muito triste. A lona ficava no mesmo ponto onde eles estavam tentando erguer o mastro”.

Interessante é notar que o Diário do Nordeste ainda traz o seguinte comentário ao final de sua matéria:

Acidentes em circos e parques de diversão montados na periferia de Fortaleza são constantes, apesar da fiscalização feita, conjuntamente, pelas prefeituras de Fortaleza e dos Municípios metropolitanos e Corpo de Bombeiros. O maior perigo são as instalações elétricas (fios soltos ou descascados) e as bases de sustentação de brinquedos utilizados, principalmente, pelas crianças. Há três semanas, um garoto morreu de uma queda, em um parque na Zona Oeste. (PORTELA, 2007)

Esta notícia nos faz refletir sobre o atual estado de risco da maioria dos circos, neste caso específico em Fortaleza, levando em conta que os acidentes são constantes, como diz a matéria. Se o são, é sinal de que o controle de riscos não existe ou está sendo ineficiente, de tal modo que podemos tratar o acidente como um indicativo do estado de risco, o que reforça a importância dos registros oficiais de tais acidentes com o objetivo de construirmos um mapa dos acidentes e consequentemente dos riscos nos locais onde as práticas circenses se fazem presentes.

Recentemente, temos dois acidentes que não estão diretamente ligados ao circo, mas poderiam estar, levando em conta a proximidade dos equipamentos utilizados. O primeiro ocorreu com os artistas da Rede Globo de Televisão Thiago Fragoso e Danielle Winitz no momento em que contracenavam suspensos por cabos de aço na peça de teatro “Xanadu”. Os cabos se romperam e os atores caíram sobre o público. Os atores e algumas pessoas da plateia sofreram ferimentos de leves a graves, como no caso de Thiago, que quebrou algumas costelas.

Neste ocorrido podemos perceber como um acidente pode causar danos até mesmo a quem não estava participando diretamente da ação, mas corria um risco passivo, como é o caso da plateia. Ainda não apuraram se a falha foi predominantemente de equipamento ou humana:

1. A atriz Danielle Winits, que se acidentou junto com o ator Thiago Fragoso durante o musical “Xanadu”, na noite do último sábado (28), no Rio de Janeiro, relembrou nesta segunda-feira (30) o momento em que cabos se romperam, fazendo com que os dois atores despencassem de uma altura de cerca de cinco metros, numa das cenas mais aplaudidas do espetáculo (JORNAL NACIONAL, 2012).

Outro acidente ainda mais recente foi a morte de uma menina de 14 anos de idade no Parque Temático Hopi Hari:

2. Uma adolescente de 14 anos morreu nesta sexta-feira (24/02/2012) após ser socorrida com ferimentos causados por um acidente dentro do parque de diversões Hopi Hari, em Vinhedo, no interior de São Paulo. A atração na qual a garota estava é definida pelo parque como uma réplica da Torre Eiffel, um elevador de 69,5 metros de altura, com assentos que sobem a 5 metros por segundo. Os visitantes ficam parados por dois segundos na altura de um prédio de 23 andares e, em seguida, um tranco no assento e o visitante despenca em queda livre, chegando a 94 km/h. (PORTAL G1, 2012).

Existe uma grande possibilidade de falha dos equipamentos, das travas que são elétricas. Este acidente nos mostra que mesmo em grandes organizações os acidentes acontecem. É possível que as causas se mostrem diferentes das organizações menores, mas, como veremos a artista Marieta comentar mais à frente, as falhas de automação acontecem com certa frequência na grande companhia em que ele trabalha.

A partir dos exemplos acima, fica patente o fato de que os acidentes envolvendo as práticas circenses acontecem há muito tempo. Podemos perceber que as causas são as mais variadas possíveis, assim como as consequências, que podem ir de uma lesão bem simples até uma fatalidade, gerando também problemas judiciais e trabalhistas. É fato que as ciências da tecnologia avançaram consideravelmente nas últimas décadas, contudo a segurança nas artes do circo aparenta não ter acompanhado tal evolução. Mesmo nas grandes organizações em que muitas ações são realizadas por máquinas, as falhas de automação também ocorrem, causando acidentes.

É importante ressaltarmos que a maioria dos acidentes relacionados às práticas circenses acaba tendo como consequência uma lesão de pequeno porte, como concluiu Shrier et al. (2009) ao analisar artistas do Cirque Du Soleil entre os anos de 2002 e 2006. Entretanto, essas

pequenas lesões, que por muitas vezes acabam nem sendo consideradas como acidentes, podem ser as causadoras de acidentes maiores e com consequências mais graves, assim como relata o artista Fábio:

Eu me lesionei, e a minha lesão foi imprudência minha. Os meninos estavam treinando e eu estava com o corpo totalmente frio, e eu os subestimei. Eles estavam fazendo crucifixo na faixa, fui fazer e rompi o peitoral menor. Depois de ter rompido o peitoral menor eu lesionei o ombro porque eu tive que continuar trabalhando e acabei tirando a força de um lado e jogando para o outro e acabei machucando.

Este acontecimento evidencia dois grandes problemas relacionados à falha humana: a falta de preparação corporal antes de uma atividade física (aquecimento e alongamento, por exemplo) e a necessidade de continuar trabalhando mesmo quando lesionado. Quando isto acontece, as pequenas lesões vão se somando até que acarretam um acidente mais grave e uma lesão mais séria e possivelmente crônica. Se esta lesão no ombro tivesse se dado no momento de uma apresentação de trapézio, poderia ser geradora de um acidente mais grave.

Outra característica que algumas vezes podemos notar em artistas e atletas que se arriscam é a autoconfiança, entretanto ela tem sido apontada também como causa dos acidentes, é o que mostra um estudo relatado em uma matéria do jornal *The New York Times*:

¹⁰Os cientistas acreditaram por muito tempo que fatores emocionais desempenhavam um papel importante com o fato de suportar lesões relacionadas ao esporte, mas o papel da confiança tem sido controverso. Alguns estudos encontraram uma correlação entre autoconfiança e dano físico, talvez porque um ego à prova de balas pode levar à tomada de riscos. (REYNOLDS, 2011, tradução nossa).

De modo complementar ao que vimos a partir das reportagens analisadas, os discursos dos sujeitos entrevistados revelam alguns acidentes que ocorreram no circo, como pudemos observar no relato acima. E Fábio relata mais:

Já presenciei um acidente e foi bem chato, na verdade foi imprudência do rapaz, misturar bebida com esse tipo de trabalho. Esse rapaz fazia o homem aranha, ele era um ótimo acrobata, mas ele bebeu e foi subir no mastro, e com pouco reflexo ele acabou caindo do mastro, e fraturou costelas, perna e outras partes do corpo. Também fiquei sabendo de um amigo nosso, que foi montar o trapézio dele em

¹⁰“Scientists have long believed that emotional factors play a part in whether a person sustains a sports-related injury, but the role of confidence has been controversial. Some studies have found a correlation between robust self-confidence and physical harm, perhaps because a bulletproof ego can lead to risk-taking”

balanço em uma piscina, e lá em cima ele tomou um choque. Ele estava sem cadeirinha, sem nada e ele caiu de lá de cima. A sorte dele que tinha uma pessoa embaixo e empurrou-o para a piscina.

Mesmo o artista mencionado acima tendo caído na piscina – o que evitou um acidente mais sério –, ele ainda sofreu grande risco no que se refere à combinação água e energia elétrica. Acidentes envolvendo eletricidade parecem acontecer com certa frequência. A título de exemplificação, mencionamos duas reportagens que relatam fatos correlatos:

O delegado titular do 20.º Distrito Policial (DP), no bairro do Acaracuzinho, Deodato Fernandes, deverá decidir pelo não indiciamento dos envolvidos no acidente com o gerente de circo Hamilton Fernando Matias Costa, 27 anos. Hamilton morreu eletrocutado quando tentava erguer um mastro para montagem do Circo Nossa Senhora de Lourdes, no Parque Jari, naquele município na última segunda-feira.

De acordo com Deodato, o que houve foi um acidente e, por isso, deverá encaminhar o inquérito ao Ministério Público, isentando qualquer pessoa de responsabilidade.

Desde terça-feira, o delegado já ouviu cinco pessoas, uma delas o técnico da Companhia Energética do Ceará (Coelce), Luiz Manoel de Sousa Cruz. No seu depoimento apenas um relatório constatando que no local havia rede elétrica de alta tensão e que não houve nenhum pedido por parte dos organizadores do evento para a instalação da lona do circo. (ULTIMA HORA, 2007).

Ainda há este outro caso, que estabelece relação com a energia elétrica:

A juíza Simone Dalila Nacif Lopes, da 1.ª Vara da Comarca de Miracena, no Noroeste fluminense, proibiu nesta terça-feira, dia 2, a montagem e as apresentações do Circo di Monza no município, devido a um acidente fatal que aconteceu durante a montagem do circo, que sequer tinha alvará de funcionamento.

Na sentença, a juíza conta que o diretor do estabelecimento, Paulo Ricardo da Silva, apresentou ao juízo um ofício “comunicando” que o mesmo funcionaria entre os dias 3 e 13 de fevereiro. Dada vista ao Ministério Público, foi requerido que o Conselho Tutelar verificasse as condições para a presença de menores, o que foi deferido pelo juízo. No dia 1.º de fevereiro, porém, um adolescente morreu vítima de um choque elétrico e duas outras pessoas ficaram feridas.

Antes mesmo de o Conselho Tutelar fiscalizar o cumprimento das exigências legais, o circo já estava sendo montado com utilização de corrente elétrica sem que houvesse verificação pelo Corpo de Bombeiros, escreveu a juíza na sentença. A magistrada lembrou, ainda, que qualquer atividade desse porte, principalmente com a participação de menores, impõe a prévia autorização da

Vara da Infância e da Juventude (Disponível em: <<http://direito2.com/tjrj/2012/fev/2/juiza-proibe-montagem-de-circo-apos-morte-de-adolescente>>. Acesso em 2 abr. 2012).

Outro fato importante a ressaltarmos nesta última reportagem é que sempre que houver a participação de menores, a organização deve ter autorização da Vara da Infância e da Juventude.

Por outro lado, a professora Ana Maria, fazendo parte da terceira geração de uma família circense, responde da seguinte forma, quando indagada se já presenciou algum acidente relacionado com o circo:

Presenciei muitos e muitos, já vi meu pai cair de pescoço na rede, quando ele caiu, desmaiou e a rede jogou ele para fora, acabou batendo a boca no picadeiro e perdeu vários dentes, além disso luxou duas vértebras da cervical, só não ficou paraplégico porque Deus não quis. Eu já caí do arame com a perna aberta, pensei que nunca poderia ser mãe. Minha prima caiu da banquilha teve que colocar pino. Uma vez um ex-aluno, já tinha se formado aqui na escola, veio aqui pulou na cama elástica e na double volta ele saiu do eixo e caiu no cimento, teve traumatismo craniano.

Paula, também professora e artista de uma grande companhia circense brasileira, relata um acidente presenciado ao longo de sua carreira:

Já presenciei torções de joelho, há uns três anos atrás uma moça veio fazer uma aula experimental porque ela só viria na semana seguinte, e foi fazer uma atividade na cama elástica, fez toda a atividade e quando estava saindo, andando pra ir pro colchão, ela teve uma torção com fratura exposta próxima do tornozelo. Aqui na CIA tivemos a queda de dois riggers em anos diferentes, a primeira em um teatro do Rio de Janeiro que ele não teve fratura, não sei como. E o nosso diretor técnico que caiu fazendo uma montagem na Ópera de Arame.

Para o montador Ivan, o globo da morte é o número mais perigoso do circo. Ele relata dois acidentes:

Semana passada o artista caiu dentro do globo e outro dia estourou o pneu da moto, o rapaz tentou segurar, mas não deu e caiu sozinho, ainda bem que foi sozinho.

Outro montador, Francisco, comenta alguns acidentes que sofreu e outros que presenciou:

A primeira vez que eu desmontei a primeira trave de circo que eu fiz, que estava no quintal da minha casa, para você ter a ideia da experiência que eu tinha, eu nunca tinha visto uma trave sendo “descida”. Eu só tinha subido a minha trave,

do jeito errado, sabe o que subiu a minha trave? Quatro tecidos. Eu amarrei quatro tecidos no topo da trave, coloquei quatro moleques, dois em cada pé para segurar, e oito moleques, dois em cada folha do tecido para puxar a trave. Beleza, a trave subiu eu catraquei e ficou. E na hora de descer eu fiz a mesma coisa, coloquei quatro tecidos lá em cima, pus os caras segurando, a trave começou a descer e não tinha ninguém pra segurar a cabeça da trave. Era um plano fadado a dar errado. Óbvio, eu desci a trave errado e do meio do caminho para frente foi uma coisa descontrolada, uma trave de quatro metros de vão com sete metros de altura com 800 quilos, ela caiu. Caiu e quicou no chão e caiu bem em cima do meu amigo.

Em Limeira, eu estava com o cabo de aço no ombro, e o cara engatou o guincho errado e era pra eu descer e ele puxou para cima e ele me prensou contra a estrutura, e eu fiz um corte no ombro, e eu não conseguia sair. E, a princípio, eu tentei parar o cara e gritava, mas ele não ouvia, aí eu consegui tirar meu braço a tempo, senão acho que ia arrancar meu braço fora. O guincho estava com a marcha invertida, ou ele puxa ou ele solta, e ele estava errado e foi desesperador.

Eu tive uma aluna que se machucou seriamente, mas não foi na minha casa, foi em outro lugar, alguém passou uma queda pra ela de forma errada, ela caiu, machucou, chegou aqui em casa de colar cervical.

Encerramos esses relatos com as palavras da artista Marieta, que atualmente trabalha numa renomada companhia circense internacional:

Recentemente fui fazer uma queda no tecido e não tive explicação suficiente para evitar qualquer tipo de risco, então na chave eu tinha que abrir a perna em certo ângulo, eu não sabia disso, e por não ter feito no ângulo certo a trava não travou, mas tinha colchão, então não me machuquei.

Após inúmeros exemplos extraídos de *web sites* diversos e das experiências vivenciadas pelos sujeitos entrevistados, não resta dúvida de que os acidentes acontecem com certa frequência durante as práticas circenses, e mesmo com a evolução das tecnologias e a maior disponibilidade de informação, as causas e as consequências revelam a complexidade do assunto.

Nossa análise constata que o fator humano é considerado uma das principais causas dos acidentes, afinal o comando das ações e das decisões é de responsabilidade humana. Muitas vezes os acidentes são atribuídos a falhas nos equipamentos, contudo a instalação, seleção do material, manutenção, fiscalização, etc. é de responsabilidade das próprias pessoas que fazem da arte do circo uma arte viva. O discurso da artista Marieta nos apresenta um cenário ainda pouco presente na realidade brasileira, mas comum nos grandes circos internacionais:

Acho que tem um lado humano, os erros humanos acontecem, podem gerar acidentes gravíssimos, e ao mesmo tempo a automação, acho que eu vejo muito

erro de automação, inclusive no circo onde trabalho, uma multinacional circense, o que eu escuto falar de acidente, tem os acidentes humanos, errou a chave, confundiu a chave, mas eu tenho a impressão de que a maioria dos acidentes graves que acontecem é automação, o que assusta, porque sai do controle do artista. Não sei, estou um pouco por fora no Brasil, como está o nível de automação, mas lá, tem muita automação, então se um aparelho está indo muito rápido, ou girando muito rápido, o artista está sem condições de segurar, isso vai gerar um acidente. Porque às vezes a automação é regida por um ser humano, então também é uma mistura, tem também o erro humano. Acho que de certa forma, por trás, sempre têm o erro humano.

O discurso acima, além de reforçar a ideia de que o fator humano sempre permeia os acidentes, também nos mostra que mesmo em uma grande companhia, que trabalha com algum tipo de automação em quase todos os seus números, os acidentes estão presentes, isto porque a inovação, própria de grandes empresas, tem como consequência explorar o desconhecido, ou seja, correr riscos.

Para além das causas, as consequências de um acidente podem ser as mais variadas possíveis, e normalmente em sua totalidade negativas, passando por processos civis ou trabalhistas, afastamento do artista ou funcionário, deterioração da imagem do circo, dentre outras. Tais consequências podem acarretar prejuízos de várias naturezas (BORTOLETO et al., 2010). Nas palavras da artista Marieta: “Nossa, eu procuro nem pensar sobre acontecer um acidente, porque seria o fim de uma carreira”.

O artista Fábio corrobora a opinião de Marieta: “Para um artista, dependendo do acidente pode ser o fim da carreira”. No caso da professora Ana Maria, que trabalha em uma grande escola de circo: “Enquanto escola pode fechar uma instituição”.

A professora Paula complementa, numa síntese, sobre as consequências de um acidente no circo:

Traz consequências ruins em todos os sentidos, mesmo quando você trabalha num lugar como a gente que tem outros grupos, um acidente que nem é no seu local é ruim pra todo mundo, primeiro fica uma ou mais pessoas lesadas, depois é algo que fugiu do controle, então você não tava tão preparado, e têm danos morais, físicos, financeiros, logísticos, do empreendimento, uma infinidade de consequências todas ruins.

Retomando a ideia de usarmos os acidentes como indicadores do nível de risco presente nas atividades, levando em conta todos os relatos supracitados juntamente com o conteúdo do Anexo 13 e as consequências desses acontecimentos, podemos entender que as artes do circo necessitam de uma sistematização acerca do controle dos riscos. Controlar e diminuir os riscos significa aumentar ou aprimorar a segurança. Por isso, tratamos a seguir exatamente deste

assunto, em que tentamos compreender e apontar algumas diretrizes para a criação de uma cultura de segurança nas artes do circo.

1.3 A segurança como aspecto central para o desenvolvimento do circo

¹¹“O perigo faz parte da dramaturgia do circo. A segurança e a prevenção dos riscos também são importantes para evitar acidentes. O estudante aprende a conhecer as características técnicas de seu “desafio”, das instruções, de seu entretenimento, montagem e desmontagem de diversas configurações. Ele analisa os riscos potenciais dentro de um espetáculo por ele e pelos outros, verifica o material e a segurança das suspensões (cabos). Esta aprendizagem é efetivada pelas práticas cotidianas até que os bons reflexos sejam adquiridos” (Cirque à L’OEUVRE – Centre National des Arts du Cirque – CNAC, 2011, tradução nossa).

A falta de uma normatização ou mesmo de sistematização do conhecimento relativo à segurança é ainda um entrave no que diz respeito ao desenvolvimento do circo brasileiro, como relata a artista Marieta:

Aqui no Brasil, infelizmente nunca ouvi falar sobre segurança, os meus professores me ensinavam como fazer para colocar um aparelho, da melhor maneira possível, mas não tinham um respaldo incrível sobre segurança.

Por que um circo mais seguro?

Como já afirmamos anteriormente, um circo mais seguro, com menos ocorrência de acidentes, evitará problemas judiciais, criminais e trabalhistas, evitando, por conseguinte, multas pesadas e indenizações que podem comprometer a existência da empresa. Garantirá ainda a integridade física dos artistas, público, e demais envolvidos, bem como o prolongamento da carreira dos trabalhadores circenses e a melhora nos espetáculos, além da disseminação positiva da cultura circense.

Pela falta de sistematização e normatização sobre o assunto, optamos por iniciar a discussão definindo de forma preliminar o circo. Para tanto, iremos considerá-lo como uma organização cujos integrantes possuem objetivo comum, pautando-se nas mesmas regras e

¹¹ Le danger participe de la dramaturgie du cirque. La sécurité et La prévention des risques sont d’autant plus importantes pour éviter l’accident. L’étudiant apprend à connaître les caractéristiques techniques de son agrès, les consignes de son utilisation, de son entretien, de son montage et démontage dans des configurations diverses. Il analyse les risques potentiels dans un espace de travail, pour lui et pour les autres, vérifie le matériel et la sécurité des accrochages. Cet apprentissage s’effectue à travers la pratique quotidienne, jusqu’à ce que les bons réflexes soient acquis

princípios (CARDELLA, 2009).

De tal maneira, seja como uma organização familiar, seja como empresarial, a busca por diretrizes comuns de segurança deve ser pensada visando atender todas as necessidades dos distintos membros e em razão da diversidade de funções e especialidades técnicas.

Ainda sob a óptica anterior, ao considerarmos o circo uma organização, tratamos de pensar a segurança como um fenômeno completo, resultado da interação das pessoas envolvidas, das características do espaço e do material utilizado, bem como de outras diversas variáveis. Esta perspectiva coincide com o discurso da artista Marieta, cuja experiência numa companhia internacional de circo revela elementos importantes:

Onde trabalho a segurança é um dos assuntos mais falados. Vejo e fico feliz por isso, apesar de não ser perfeito, e acho que a perfeição não existe pelo fato de nós sermos seres humanos, e existirem erros e possibilidades de erro o tempo todo. Mas lá isso é um fato que me deixa feliz, porque segurança lá é algo muito falado, durante o show temos os técnicos, montadores (*riggers*) e são eles que colocam os mosquetões na gente, a gente não encosta no aparelho pela segurança. Existem pessoas que estão ali treinadas para isso, para garantir a segurança, erros são humanos, mas eles tentam de todas as maneiras evitá-los. Tem um departamento só para colocar e conferir os equipamentos em você. Se você tem uma cadeirinha, eles inspecionam antes do show, e conferem em cada show. Qualquer tipo de anormalidade que você note no equipamento, eles vão olhar, conferir e te dar uma resposta, uma solução segura.

Destas palavras podemos deduzir que, individual ou coletivamente (organizacionalmente), existem diferentes formas de sistematização dos procedimentos de segurança, as quais pretendemos analisar, ampliar e organizar, seja por meio da opinião dos especialistas circenses, seja a partir de conhecimentos oriundos de outras áreas. Uma delas, que certamente nos oferece importantes contribuições, é a industrial, particularmente a indústria química, que possui procedimentos rígidos quanto à segurança, como podemos observar no folheto contido no Anexo 8, que trata de um rótulo utilizado na embalagem destes produtos e que torna possível observar a grande quantidade de informações relativas à segurança.

O mesmo ocorre no campo da aviação. Sempre que entramos em um avião, os procedimentos básicos de segurança e emergência são transmitidos pela tripulação a todos os passageiros. Além disso, cada poltrona conta com um folheto explicativo sobre tais procedimentos (Anexo 9).

Outros setores, distintos documentos e dispositivos, como mapa de risco, mapa de emergência, lista de checagem e outros, trarão contribuições importantes a este trabalho. Em suma, transitar por estas áreas aparentemente tão distantes nos pareceu pertinente e fundamental

para aprender outras formas de elaborar e organizar os conhecimentos sobre segurança no circo. Destas experiências ainda exploramos todos os materiais e como eles são apresentados aos trabalhadores e usuários, *expertise* de que ainda não dispomos – ao menos não com alto nível de sistematização – no circo.

Já no âmbito esportivo, algumas modalidades possuem debates sofisticados acerca da segurança, como é o caso da ginástica artística¹². Um estudo feito por Ralph e Pritchard (1985) mostrou que para 98% dos entrevistados a segurança é o principal fator que deve estar presente na atuação de um bom professor/treinador de ginástica. Uma opinião destacada por outro estudioso, Prieto (1997), revela: “la asociación Riesgo-Gimnasia Deportiva es ineludible, y condiciona ampliamente la práctica de la misma, su evolución, los aparatos, las progresiones, la organización,[...]”. Tal reflexão pode ser igualmente aplicada ao circo. O fato inegável de que o circo é uma arte do risco (WALLON et al., 2009) deve condicionar as práticas circenses e suas evoluções, seja nos aparelhos/equipamentos, seja nas técnicas e procedimentos.

Alguns conceitos advindos dos estudos científicos do esporte – particularmente da ginástica artística – também foram de grande serventia na construção de um projeto de segurança específico para as práticas circenses. Vale recordar inclusive que o CP (código de pontuação) da GA prevê sérias sanções a qualquer ginasta que realizar um exercício sem controle total da segurança. Esta é uma norma reguladora deste esporte, e que por isso condiciona toda a atividade realizada (THOMAS et al., 1997).

Ainda no âmbito esportivo, cabe destacar o grande avanço que as modalidades de aventura no Brasil desempenharam no quesito segurança, inclusive com a criação da Abeta¹³ e mais recentemente do programa Aventura Segura¹⁴, criado pela Abeta objetivando a elaboração de normas de condutas para o turismo de aventura sustentável e seguro. De um modo geral, parece-nos que o circo não conseguiu acompanhar o desenvolvimento no âmbito da segurança da mesma forma que outras áreas do conhecimento acompanharam, deixando de usufruir de diversas ferramentas e saberes já existentes e consolidados, que com ou sem adequações, conforme os casos específicos, poderiam ser incorporados ao cotidiano circense. Isso não significa que o modo secular que vem sendo sistematizado pelos circenses não tenha sido contemplado. De modo geral, buscamos neste trabalho um diálogo entre as diferentes áreas em busca de um trato amplo e

¹² Outros estudos para consulta: MARIN, J. **Les accidents en gymnastique**. Spirales, París, n.º 3, UFR – STAPS, Lyon, 1990; SANDS, W. Injury prevention in women’s gymnastics. **Sport Medicine**, vol. 30, n. 5, 3359-373, 2000; DOWDELL, Trewor. Is gymnastics a dangerous sport in the Australian club context? **Science of Gymnastics Journal**, vol. 3, n. 2, 2011.

¹³ Associação Brasileira das empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura: <http://www.abeta.com.br>.

¹⁴ <http://www.aventurasegura.org.br/>.

multidisciplinar para o problema em questão.

Outro pressuposto assumido em nossa pesquisa é o de que o acidente mantém relação direta com o risco, que, por sua vez, é determinado por um intrincado conjunto de fatores relacionados entre si. Por este motivo, não podemos tratar da segurança de modo isolado, muito menos simplista, senão como um fenômeno complexo, que requer uma abordagem abrangente e holística, e, portanto, entendendo-a como um fenômeno total cujo trato não pode ser fragmentado e restrito a uma análise parcial, como sugere Cardella (2009).

Nessa perspectiva, entendemos segurança como um estado de baixo risco, de otimização do controle do risco e, por conseguinte, de menor probabilidade da ocorrência de acidentes. A partir dessa perspectiva, a segurança pode ser estudada em três momentos: no primeiro, o objetivo é reunir ferramentas, protocolos e demais conhecimentos para que tenhamos um controle satisfatório dos riscos e, assim, um aumento da segurança. Este momento é denominado Ações Preventivas. O segundo momento acontece quando durante uma determinada ação se detecta uma falha. Este momento tem por objetivo a aplicação de medidas específicas para a contenção ou minimização da falha no intuito de evitar um acidente. A ele demos o nome de Ações Paliativas. Já o terceiro momento pode acontecer quando as ações preventivas não forem eficientes, quando a falha não é detectada a tempo ou não pode ser contida por uma medida paliativa. Neste caso, o conjunto de fatores faz com que tenhamos um acidente consolidado, e só nos resta minimizar as suas consequências fazendo uso de conhecimentos e ferramentas específicas. Tal momento é chamado de Gestão de Emergências. Cada uma das três etapas é detalhada a seguir.

1.3.1 Ações preventivas

Quando nos referimos à prevenção, partimos do princípio de incerteza, próprio das situações de risco e que incidem nos acidentes. Assim, focamos nossos esforços na gestão de riscos visando obter a maior quantidade e qualidade de informações possíveis para o controle de tais riscos. Em outras palavras, conhecer em profundidade cada uma das situações a que os artistas e demais profissionais circenses se submetem é o melhor ponto de partida para o estudo da segurança.

De acordo com Cardella (2009), a gestão de riscos, ou seja, as ações preventivas podem ser divididas em quatro etapas: identificar os perigos, avaliar riscos, comparar com o nível de risco tolerado e, por fim, propor ações de controle de riscos. Cada uma destas

etapas pode ser entendida da seguinte forma:

- Identificar os possíveis perigos, isto é, aquilo que pode causar danos;
- Avaliar os riscos, como, por exemplo, a falta de uma cópia de segurança na instalação de um tecido, situação que pode comprometer a integridade do artista no caso de uma falha do sistema de ancoragem;
- Determinar o risco tolerável. Como já vimos anteriormente, jamais conseguiremos extinguir completamente o risco. Cabe a uma pessoa com conhecimento específico avaliar e concluir se o risco é ou não aceitável;
- Finalmente, tratar os riscos visando ao seu controle e, conseqüentemente, ao aumento da condição de segurança. Esta ação preventiva, que acabamos de apresentar, pode ser exemplificada por meio de um número circense de pirofagia¹⁵:



Figura 7: Apresentação de pirofagia.

* Identificação dos perigos: materiais inflamáveis próximos à área de circulação e atuação do artista; possibilidade de o artista poder se queimar ou ainda ingerir acidentalmente o produto químico utilizado; o material (exemplo: as claves de fogo, no caso dos malabaristas) poder cair ou até ser lançado acidentalmente sobre o público. No caso de espetáculos em locais abertos, as condições climáticas, especialmente do vento, podem interferir profundamente na manipulação do fogo.

* Avaliando os riscos: a manipulação de material inflamável consiste por si

¹⁵ Pirofagia é um termo derivado do grego *piro* e significa fogo; *fagia* significa arte de comer, portanto etimologicamente seria comer fogo, e um pirofagista seria um comedor de fogo. No circo, um pirofagista é o artista que realiza apresentações com fogo. Alguns malabaristas e faquires também manipulam o fogo em suas *performances*.

uma situação de risco, logo sua combinação com elementos como figurino do artista, outros materiais inflamáveis (serragem, plásticos, madeira) podem aumentar ainda o risco em questão. Conhecer qual produto é usado pelo artista e se a distância do público é segura também são aspectos importantes.

* Determinando o risco tolerável: pode não ser possível a retirada de materiais inflamáveis, como tecidos e madeira, das proximidades da apresentação, porém este é um risco que pode ser aceito, desde que controlado.

* Tratamento/controle dos riscos: determinar a distância de segurança do público, umedecer com água materiais inflamáveis nas proximidades, distribuir no espaço os extintores de incêndio de forma adequada, possuir profissionais capacitados para operá-los, certificar-se da qualificação do artista na manipulação do fogo, usar combustíveis e materiais adequados e disponibilizar uma manta antichamas próximo ao local da apresentação. Cabe destacar que qualquer tipo de combustível, independentemente do nível de corrosão, ocasiona danos à mucosa bucal e aos dentes, podendo inclusive provocar doenças graves. Esta insalubridade precisa ser estudada com todo o cuidado, uma vez que muitos artistas realizam essas atividades durante anos, ampliando a probabilidade de instalação de doenças ou problemas crônicos.

Ainda sobre este assunto, a Cartilha das Oficinas de Capacitação de Gestores de Empresas Circenses (Funarte, 2008)¹⁶ traz contribuições importantes no que diz respeito às ações preventivas, quando indica:

Quadro 2: Diretrizes de segurança propostas pela Funarte, 2008:

- Circos de lona ao chegarem numa praça devem buscar o setor cultural da prefeitura para orientações sobre leis, alvarás e ligações de água, esgoto e luz;

¹⁶ Com uma iniciativa muito bem recebida pela comunidade circense entre os anos de 2008 e 2010, a Fundação Nacional das Artes (Funarte), por meio de sua Coordenação de Circo, realizou diversas oficinas de formação continuada para proprietários e artistas de circo itinerante das cinco regiões do Brasil. Os temas abordados pelas oficinas foram: elaboração de projetos, planejamento estratégico, legislação circense e o circo e a segurança.

- É importante saber onde fica o hospital mais próximo, você pode precisar, sobre isto falaremos mais quando tratarmos da gestão de emergências;
- Na montagem e desmontagem da lona é imprescindível o uso de equipamento de proteção individual (proteção contra queda, luvas, capacetes);
- Aproveite a desmontagem para vistoriar os equipamentos, consertar os que apresentarem problemas e descartar os que não podem mais ser utilizados;
- Quando partir, deixe a praça como a encontrou, tampe buracos, não deixe estacas, cabos ou lixos, isso evita futuros acidentes com frequentadores da praça e promove a boa imagem do circo;
- A segurança do artista e demais funcionários depende da preparação corporal, concentração no trabalho, local limpo e arejado, conhecimento de seus limites, é necessário estar atento às pequenas lesões, realize sempre um bom aquecimento seguido de um alongamento, no caso de lesão não deixe de procurar um médico e ter tratamento adequado. Cuidado para que seu figurino e adereços sejam compatíveis com a necessidade de seu número, treine e ensaie constantemente sempre acompanhado de um orientador ou assistente;
- Cuide da segurança do público, siga normas para instalações elétricas, de água e esgoto, sinalize fios, caixas de força, saídas de emergência, cabos de aço expostos na área de circulação, extintores de incêndio, cheque periodicamente a conservação das cadeiras, arquibancadas e outros locais que podem oferecer perigo.

Percebe-se, a partir do exemplo anterior, que grande parte da responsabilidade sobre a segurança e, portanto, do estado do risco (desde o conhecimento da situação de perigo até seu tratamento-controle) se deve aos profissionais envolvidos. Assim, artistas, montadores, proprietários e demais profissionais podem ser considerados corresponsáveis por todo o processo de busca de uma maior condição de segurança.

Conforme citamos anteriormente, faz-se muito importante conhecer os principais tipos de riscos com os quais convivemos para que possamos controlá-los de forma eficaz. Um controle inadequado ou impreciso do risco pode acarretar falhas, as quais, segundo Cardella (2009), podem ser classificadas da seguinte forma:

1. Falha Técnica: Motivada principalmente quando os recursos são inadequados ou inexistentes. Por exemplo, quando alguém se propõe a fazer uma ligação elétrica, mas não possui conhecimento apropriado, ou quando o material utilizado é inadequado.
2. Falha por Descuido: Caracteriza-se principalmente por ser causada por

pessoas experientes, em que o principal problema é o excesso de autoconfiança, como, por exemplo, quando um pirofagista, devido à pressa no espetáculo, deixa as tochas muito encharcadas, ou quando deixa o reservatório de combustível sem proteção, aberto ou sem identificação, fatores que aumentam sensivelmente o risco de acidentes. No caso específico de tochas com excesso de combustível, as queimaduras são mais frequentes, uma vez que a chama será maior do que o esperado.

3. Falha Consciente: Esta falha ocorre quando se adotam procedimentos alternativos (improvisos ou popularmente gambiarra) visando à diminuição de gastos ou otimização de tempo. Neste caso, a segurança é deixada em segundo plano. A pessoa conhece o procedimento de segurança-padrão, ideal, mas desvia-se dele adotando um procedimento alternativo, uma adaptação não por descuido, mas de maneira consciente.

Esses três tipos de falha não podem ser analisados de modo isolado, isto é, devemos considerar que a maioria dos acidentes é consequência de um conjunto de falhas e, portanto, de uma situação complexa/composta. Esta classificação nos auxilia na análise posterior das falhas, constituindo um recurso formal (teórico) que, ao ser levado à prática, deve ser interpretado na sua totalidade ou de modo integrado.

Vemos, com isso, que, para além da falha humana, devemos considerar também as falhas que podem ocorrer com os equipamentos, as quais podem estar associadas a um ou mais dos seguintes fatores apresentados a seguir:

*** Falta de manutenção ou inspeção periódica:**

Todo equipamento sofre desgaste ocasionado pelo uso. A falta de manutenção/inspeção faz com que ele venha a falhar por desgaste excessivo e negligenciado pela equipe responsável.

*** Problema na construção do equipamento:**

Sabemos que a maior parte dos aparelhos e equipamentos circenses é construída de forma artesanal, como é o caso dos trapézios. Para que esta prática se faça de forma segura, ela deve ser realizada por profissionais de grande *expertise* no assunto. Entretanto, para os aparelhos/equipamentos que já possuem produção industrializada, a qual nos oferece testes e

homologações¹⁷ – como é o caso dos giros (Swivel) –, aconselhamos a opção por este tipo de produção em lugar do artesanal.

É comum no circo a construção artesanal de giros (ou rotores) com o uso de eixos de bicicleta. Contudo, há no mercado giros homologados com maior capacidade de carga e resistência. O não uso deste equipamento é associado ao custo, dificuldade de acesso, desconhecimento da tecnologia, desconfiança da capacidade (embora seja homologada, isto é, testada tecnicamente por um órgão regulador de qualidade).



Figura 8: Exemplo de giro industrializado com certificação e giro de fabricação artesanal sem nenhum tipo de certificação

Podemos notar na figura acima a diferença entre um giro (Swivel) fabricado de forma industrial (esquerda) e outro de forma artesanal, na imagem ampliada (direita). É importante ressaltar que equipamentos industrializados, testados, garantem um desempenho quanto à carga que suportam ou quanto à sua durabilidade, oferecendo maior confiabilidade do ponto de vista do estado de baixa probabilidade de falha e de um respaldo legal, caso uma falha venha a acontecer.

Outro exemplo possível e comum refere-se à fabricação do trapézio. Nas imagens abaixo, temos um trapézio construído artesanalmente, que, provavelmente por inexperiência de quem o fez, apresenta uma série de problemas: a barra metálica é composta de um cano metálico vazado de parede bem fina; a corda utilizada é de sisal e não foi empatada¹⁸, mas é aberta, passada na barra e amarrada com arame. Além disso, a esfera metálica que é colocada na ponta da barra de alguns trapézios, neste caso, parece se tratar de um puxador de

¹⁷ Como, por exemplo, o reconhecimento da resistência de carga das cordas, por órgãos como CE, UIAA, INMETRO e outros.

¹⁸ Empatar é realizar uma de trança específica de modo a criar um anel na corda que devido ao tipo do entrelaçamento tende a apertar a trança conforme a pressão é exercida.

gaveta que se encontrava apenas encaixado, soltando-se facilmente, o que pode atingir alguém durante seu uso:



Figura 9: Imagens de um trapézio fixo manufacturado de modo inadequado

Vejamos agora um trapézio também produzido artesanalmente, mas desta vez

por um especialista, um mestre circense, com grande *expertise*:



Figura 10: Trapézio fixo manufaturado por um mestre circense com grande *expertise* no assunto

Consideramos que, independentemente do tipo de fabricação do material, deve-se observar a qualidade e a confiabilidade que ele oferece antes de fazer dele uso. Certamente, são desejáveis e recomendáveis equipamentos e materiais (cordas, cabos, etc.) que sejam certificados e, portanto, tenham sido testados anteriormente, o que inclusive responsabiliza o fabricante em caso de falha. Embora a construção artesanal ainda seja majoritária entre os provedores de equipamentos circenses, diferentes empresas nacionais e internacionais vêm

oferecendo estes produtos na sua grande maioria sem oferecer certificados de qualidade ou mesmo sem especificações técnicas conforme regulamenta a ABNT. Talvez uma exceção seja a empresa canadense Barry Cordage, que há mais de uma década fabrica equipamentos de segurança e também aparelhos circenses, respeitando as normativas legais daquele país.¹⁹

*** Equipamento adaptado ou ultrapassado:**

Muitas vezes, por falta de recursos econômicos ou por outras razões, os circenses adaptam equipamentos que na realidade não foram concebidos para aquele uso determinado, por exemplo, quando se maquam utilizando produtos impróprios para este fim, ou quando utilizam cabos de aço com alma de aço (AA)²⁰ nos guinchos elétricos. Além da adaptação, o uso de equipamentos ultrapassados pode também acarretar falhas. Pensando estar economizando, grande parte das pessoas faz uso das cordas de sisal por serem mais baratas, entretanto sua duração é menor. As cordas de fibras sintéticas, como poliéster e poliamida, possuem resistência superior à abrasão, podendo suportar cargas superiores a 4.000kg, além de serem muito mais leves, duráveis e menos volumosas para o armazenamento. Neste caso, embora o valor investido no material de maior qualidade seja maior no momento da compra, a economia em transporte, o armazenamento e menos substituições, tendo vista sua durabilidade superior, fazem deste um material altamente recomendado. Ademais, consideramos a certificação e homologação, que garantem maior segurança com respeito ao equipamento.

No quadro que segue, é possível obtermos informações que comprovam uma maior eficácia das cordas sintéticas, mais leves – e resistentes a produtos químicos e a uma tração – do que as cordas fabricadas com fibras naturais:

¹⁹ FIXED TRAPEZE SYSTEM: <<http://www.barry.ca/circus-equipment/acrobatic-equipment/fixed-trapeze.htm>>

²⁰ Os cabos de aço que foram concebidos para trabalharem enrolados em bobinas (guinchos elétricos, elevadores) são os cabos com alma de fibra (AF).

Quadro 3: Comparativo entre cordas de poliamida, poliéster e sisal – Adaptado das tabelas fornecidas por empresas especializadas no setor:

CARACTERÍSTICAS	POLIAMIDA (Nylon)	POLIÉSTER	SISAL
Absorção ao choque (tranco)	Excelente	Bom	Fraca
Resistência à abrasão	Muito Bom	Excelente	Excelente
Resistência à fadiga	Bom	Excelente	Fraca
Resistência à tração	Excelente	Excelente	Fraca
Flutuabilidade	Negativa	Negativa	Negativa
Resistência a raios UV	Muito Bom	Excelente	Bom
Alongamento	Médio	Baixo	Baixo
RESISTÊNCIA QUÍMICA			
Ácidos	Razoável	Bom	Fraca
Alcalinos	Muito Bom	Razoável	Fraca
Solventes orgânicos	Muito Bom	Bom	Fraca
RENDIMENTO E RUPTURA			
CARACTERÍSTICAS	POLIAMIDA	SISAL	
Diâmetro (mm)	12	12	
Carga de Ruptura sem nó (Kgf)	2.250	670	
Rendimento (peso/metro)	84,7 gramas	111,3	



Figura 11: Exemplo da diferença de volume entre as cordas de sisal e as cordas mais modernas e seguras

Na figura acima, temos dois rolos de corda com 12 milímetros de diâmetro e de 100 metros de comprimento. Podemos notar a diferença no volume de ambos os rolos, além das outras vantagens que a corda de poliamida apresenta em relação à corda de sisal.

*** Vestimenta – figurino:**

A vestimenta (figurino, uniforme de trabalho, roupa de treino) também representa um elemento importantíssimo. Para além da preocupação com os aspectos estéticos (beleza) da indumentária, no momento de conceber e confeccionar um figurino é necessário ter uma série de cuidados e adequações. No caso de um trapezista, ou de um número de tecido, por exemplo, é preciso levar em conta se o material utilizado para a confecção da vestimenta poderá oferecer o atrito necessário para que o artista não escorregue do aparelho, se é compatível com o clima do local para que o artista se sinta confortável durante a apresentação, se o corte do figurino não restringirá os movimentos, dentre outras observações que devem ser feitas. Essas e outras recomendações são evidenciadas também por Bortoleto et al. (2010). Para cada modalidade/especialidade circense e considerando os condicionantes de contexto, deve-se utilizar um figurino específico.

*** Maquiagem:**

Da mesma maneira que o figurino, a maquiagem utilizada pelos artistas merece atenção especial. Deve-se tomar cuidado para não exagerar na quantidade, o que pode ocasionar

escorrimento nos olhos (por ação do suor) e comprometer a segurança do artista no momento da *performance*. Devemos também atentar para o uso de produtos destinados à maquiagem facial (no caso do rosto). Outros tipos de produtos, às vezes adaptados, podem causar irritações na pele. É importante salientar que a maquiagem deve ser de uso individual, pois o compartilhamento pode ocasionar a transmissão de doenças como herpes, por exemplo. Além disso, a data de validade deve sempre ser observada e a maneira de se aplicar cada produto também, conforme esclarece Szegö (2011) na reportagem da revista Saúde, da Editora Abril:

A data de validade estampada no rótulo do cosmético indica que já passou da hora de jogá-lo no lixo, sem dó nem piedade [...] O (mau) costume é arriscado. O contato do produto com ar, pele e mucosas favorece sua contaminação por bactérias e fungos, alerta a dermatologista Dóris Hexsel, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. É por isso que todas as fórmulas contêm substâncias conservantes, justifica o farmacêutico e especialista em tecnologia de cosméticos Emiro Khury, da Associação Brasileira de Cosmetologia. [...] O resultado são alergias e infecções, como o sapinho e a conjuntivite, alerta a dermatologista Patrícia Rittes, de São Paulo. Se houver lesão na pele, como uma espinha, o problema provocado por um cosmético vencido pode ser ainda mais grave. Não apenas o desrespeito à data-limite impressa na embalagem pode ser prejudicial. O uso inadequado do produto também. Um levantamento do Instituto Penido Burnier, hospital especializado em doenças oculares que fica em Campinas, no interior de São Paulo, revela que 15% das pacientes tiveram encrencas como olho seco, coceira e lacrimejamento provocadas justamente por produtos de beleza que, embora dentro do prazo de validade, foram usados de forma inadequada.

É o caso do lápis aplicado repetidamente dentro da pálpebra, um capricho que pode custar caro. Isso altera o pH da lágrima e compromete sua função, que é proteger os olhos. E aí as infecções podem surgir com enorme facilidade, conta o oftalmologista Leôncio Souza Queiroz Neto.

Ainda sobre a maquiagem, a mesma revista elenca seis principais cuidados que devem ser adotados:

1. Tampe os produtos e deixe-os longe de locais úmidos ou muito quentes. Ou seja, nada de guardar maquiagem no banheiro.
2. Se um produto não está mais com o estojo intacto, o lugar dele é no lixo.
3. Evite guardar cosméticos soltos na bolsa. Pequenos choques podem quebrar a embalagem e abrir brechas para problemas.
4. Evite o contato direto de qualquer cosmético com os olhos, sobretudo se você

usa lentes de contato. Estas, aliás, devem ser colocadas antes da maquiagem.

5. Em hipótese nenhuma durma maquiada. Isso acelera o envelhecimento e aumenta — e muito — os riscos de uma irritação.

6. Só compre produtos de marcas confiáveis.

Além da maquiagem, outros recursos engrandecem um espetáculo circense, como, por exemplo, uma boa sonorização e iluminação, e o que move estes recursos é a energia elétrica, que se mostrou uma das principais causas de acidentes no circo, principalmente na fase de montagem onde ocorrem as ligações da rede externa para o quadro de distribuição do circo, mas que se faz presente também em outros momentos.

Por esse motivo, cabe aqui destacar a importância dos equipamentos de segurança que estão relacionados com a instalação elétrica. São vários: multímetros, detector de tensão, alicates digitais, wattímetros, etc. Dentre eles, ressaltamos dois de grande importância para o circo: o multímetro e o alicate medidor de fuga:



Figura 12: Multímetros digitais e analógicos

O multímetro é capaz de realizar diversas medições elétricas, dentre as quais destacamos a possibilidade de aferir se a tensão é de 110, 220 ou de maior voltagem. Esta informação é crucial para qualquer instalação elétrica, podendo evitar acidentes e também prejuízos materiais importantes, uma vez que instalar equipamentos em voltagens inadequadas (especialmente superiores) provoca avarias parciais ou totais nos equipamentos.



Segurança e Economia

Informação

Instalações elétricas irregulares geram fugas de correntes que resultam em diversos tipos de prejuízos; desde o consumo excessivo, falhas intermitentes, queima de equipamentos, incêndios e até mesmo acidentes fatais. Estes aborrecimentos e riscos de acidentes elétricos, podem ser facilmente minimizados através da verificação de fuga de corrente e a instalação de dispositivos DR.

As correntes de fuga não são visíveis, normalmente, a ocorrência é maior em tomadas, plugues e em partes metálicas de aparelhos defeituosos como mostra a figura abaixo. Por isso o uso de um equipamento adequado ajuda na identificação de falhas de isolamento contra choques e desperdício de energia.

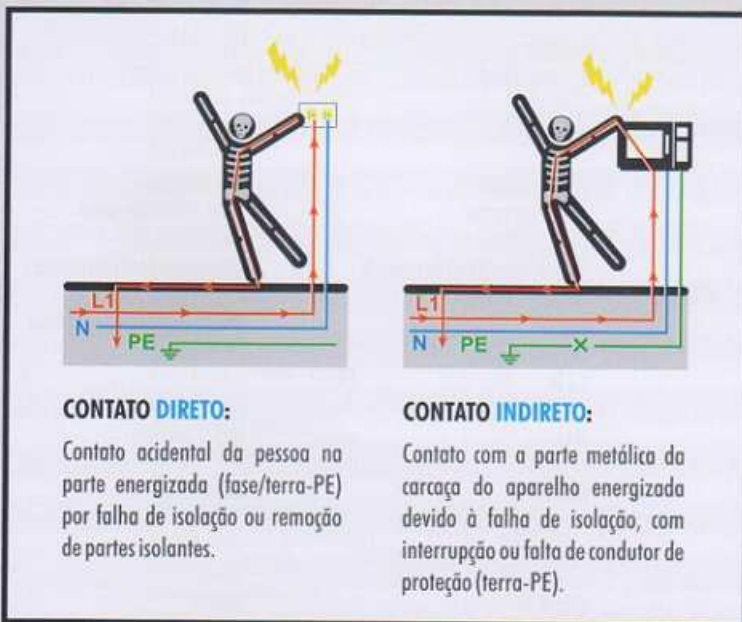


Figura 13: Alicate medidor de fuga e explicações de segurança e economia

Conforme observamos, na medição de possíveis fugas de correntes, além do desperdício de energia, que acarreta prejuízos financeiros, existe também a possibilidade de um acidente fatal pelo aumento de risco gerado por este fato. No caso de um circo com estrutura metálica (mastros, paus de roda), uma fuga de corrente pode ser capaz de energizar todo o circo. Os riscos inerentes à energia elétrica podem causar acidente graves ou fatais, como citamos anteriormente neste trabalho.

Outro equipamento que pode auxiliar em diversas situações de montagens e manutenção, dentre outras, é a trena digital, que possibilita realizar medições a distância, por exemplo, para saber a altura exata de uma estrutura sem precisar sair do chão, ou qual a quantidade de cabo (fiação) necessária para realizar uma ligação:



Figura 14: Trena digital

Com o exposto acima, fica patente que quando utilizamos equipamentos adequados, se possível com certificação de qualidade e concebidos para o objetivo específico, ampliamos o controle do risco e, por conseguinte, a segurança da atividade. No entanto, as decisões sempre serão humanas, e falhas como o uso inadequado, a não observação do desgaste decorrente do uso, ou ainda a falta de inspeção periódica devem ser tratadas como responsabilidade das pessoas.

Já que consideramos os sujeitos como elementos centrais para o aprimoramento da segurança, precisaremos investir na preparação (formação, capacitação) de artistas e demais profissionais, independentemente das funções que exerçam, visando a uma preparação técnica,

física e emocional de qualidade. Uma ação é defendida pela professora Paula ao afirmar que “Precisamos nos aprimorar, capacitar, formar novos *riggers*, com cursos e oficinas mais sérias, aprofundadas, como a que a Funarte iniciou”.

Neste campo, o trabalho desenvolvido com o corpo destes sujeitos adquire uma situação de destaque, quando o assunto é segurança. Logo, a preparação corporal de artistas, montadores e demais funcionários passa a ser um fator determinante para a instauração de uma cultura de segurança.

Por isso, o hábito de aquecer e alongar antes de realizar atividades físicas, de manter uma alimentação saudável e adequada, de possuir um condicionamento físico apropriado para a atividade que se exerce tornam-se fatores fundamentais. Do mesmo modo, tratar efetivamente das pequenas lesões comuns deste ofício é importante para evitar problemas crônicos e causadores de acidentes.

Evitar exposição exagerada ao sol e fazer uso de protetor solar, jamais ingerir bebida alcoólica antes do/durante o período de trabalho (*show*, montagem ou manutenção), prover ao corpo o descanso necessário todas as noites, etc. são outros aspectos que merecem atenção, que em conjunto aumentam a qualidade de vida do circense e, por conseguinte, sua segurança.

Assim, quanto maior cuidado o artista ou mesmo o montador mostrar com seu próprio corpo, maior será seu envolvimento com as questões de segurança, uma vez que estará em melhores condições para exercer as atividades próprias desta profissão.

Tudo o que for contra esta lógica, como ingerir habitualmente bebida alcoólica, não descansar suficientemente, alimentar-se mal e não cuidar do preparo físico e emocional, estará contribuindo para o aumento dos riscos e, portanto, para a diminuição da segurança.

Evidentemente, somos conscientes das dificuldades enfrentadas pelos circenses, que frequentemente desempenham diferentes funções (artista, montador, bilheteiro, etc.). Contudo, o que pretendemos com este estudo é exatamente mostrar caminhos para a melhoria da qualidade de vida dos circenses por meio da criação e adoção de uma cultura de segurança, possível quando os diferentes fatores acima forem atendidos minimamente.

Ainda sobre a preparação do corpo, mais especificamente o preparo e o condicionamento físico, podemos mencionar a experiência exitosa que vem sendo obtida em alguns esportes por meio de avançados processos de treinamento corporal dos atletas, cuja

atividade física é similar à do artista (MORALES, 2005) e que podem nos ajudar a nortear este debate. Um exemplo é o descrito Nunomura e Nista-Piccolo (2005), quando versam sobre a Ginástica Artística, modalidade que, como já dissemos, mostra um minucioso cuidado com as questões de segurança. Segundo as autoras, dentre os aspectos ressaltados, a preparação física (condicionamento físico) consiste no elemento central entre as medidas de segurança. Como destaca Carr (1998), quando afirma que o excesso de massa corporal atrapalha na realização de acrobacias, este fato pode ser estendido a outras atividades físicas.

Deste modo, entendemos que o desenvolvimento das capacidades físicas é um dos principais fatores na prevenção de lesões e longevidade da carreira, seja do artista, do montador, da barreira, seja outro de funcionário do circo.

Ao tratar deste assunto, devemos ressaltar que dispomos na atualidade de várias técnicas e métodos para o treinamento corporal, que vão desde aqueles pensados para a reeducação postural global até os treinamentos funcionais, como a musculação ou o pilates.

Atenta para essas possibilidades e à sua importância, a própria Escola Nacional de Circo (ENC), no Rio de Janeiro, mantém uma academia à disposição dos alunos, da mesma forma que ocorre com a artista Marieta numa renomada trupe internacional:

A empresa oferece um preparador físico, de musculação, e pilates, é opção do artista se cuidar ou não, por um bom tempo eu fiz uma vez por semana musculação e pilates, para evitar lesões e manter a forma, mas eles não obrigam você a participar, entretanto esperam que você se cuide dessa maneira.

Não apenas antes e depois, mas também durante o processo de ensino e aprendizagem, ou mesmo nos ensaios, a segurança deve também ser observada. A orientação sobre os riscos da atividade deve ser feita desde o início e de forma constante. É fundamental que o praticante conheça os riscos para que seja capaz de controlá-los, assim como afirma a artista Marieta: “treinadores e professores têm o dever de passar essa informação para os aprendizes”.

Também é importante que o aprendizado seja realizado em níveis e que seja respeitada a evolução de cada aluno/artista, assim como afirma Morales (2005), e o planejamento para um aprendizado em longo tempo, além de ser mais seguro, também pode proporcionar uma formação sólida, global e completa. Da mesma forma, Querubim (2003) considera que antes do circense buscar especialização na área escolhida deve realizar uma preparação corporal global, visando à flexibilidade e ao fortalecimento muscular. Neste processo de aprendizado, as ajudas

manuais devem se fazer presentes. Como destacam Peixoto e Ferreira (1993), Russel (2010) e Nunomura (2008), essas ajudas são parte importante no aprendizado de um novo movimento, uma nova acrobacia. É preciso ter conhecimento técnico e também preparo físico para prestar ajuda, além de discernir em qual momento ela deve ou não ser prestada e de que forma.

Da mesma forma que a inspeção das instalações, fazem-se importantes a supervisão e a adequação do planejamento de cada indivíduo. Seja um artista em treinamento, seja qualquer outro funcionário, pode otimizar o processo e consequentemente os resultados.

Por fim, o preparo do corpo antes da/durante a/depois da atividade física em longo prazo pode ser fator decisivo na longevidade da carreira, não apenas para artistas, como afirma o montador Francisco:

Antes de iniciar a montagem, eu aqueço, alongo, subo e monto. Mas aquece e alonga? É, aquece e alonga meia hora. Uma vez fui montar um tecido numa festa e não podia ter mesa embaixo, aí a organizadora tava querendo montar o salão rápido, então eu comecei me alongar e me aquecer, é um procedimento que eu faço antes de qualquer montagem, e leva 20 minutos no mínimo, o certo é fazer em meia hora. Nesse dia a menina estava com pressa eu fiz em 20 minutos, mas não deixei de fazer, não vou deixar de fazer, porque se eu tiver uma câimbra lá em cima ou uma fisgada no ombro ou alguma coisa assim, é o meu trabalho que eu comprometo, e é exatamente o que eu vendi para ela que eu não vou conseguir fazer. Então, eu disse moça, não me apressa porque isso faz parte do meu procedimento de trabalho.

Para além da preparação do corpo, algumas outras atitudes de cunho mais burocrático devem ser tomadas. Citamos como exemplo o fato de que os circos têm por dever exigir de todos os seus artistas o DRT. Este registro profissional mostra que o artista está habilitado para desenvolver determinada função e pode ser conseguido junto ao SATED (Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos de Diversões). No caso de um acidente que envolva artistas sem DRT, o Ministério Público pode alegar que a causa do acidente foi o fato de o circo manter em seu quadro de funcionários pessoas inabilitadas para as funções, conforme consta na cartilha da Funarte (2008).

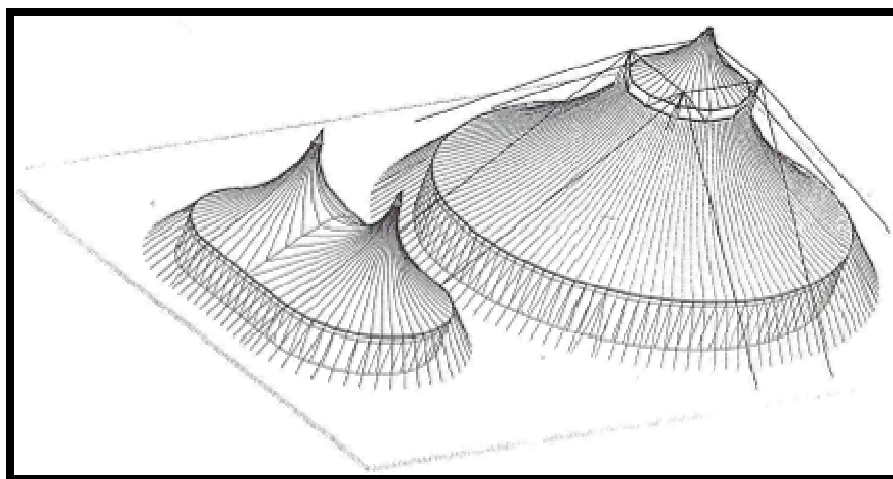
Visando sistematizar algumas das medidas preventivas que auxiliam no entendimento e no tratamento dos riscos geradores das falhas supracitadas, bem como da segurança, propomos e desenvolvemos alguns instrumentos/protocolos já empregados em diversas áreas, porém que precisamos adaptar considerando a especificidade da atividade circense.

Em primeiro lugar, um recurso ainda pouco presente no cotidiano circense é o mapa de risco, o qual consiste numa representação gráfica dos espaços utilizados para a prática e espetáculo circense, seja ela em qualquer contexto (rua, teatro, lona, etc.) em que são destacados os riscos próprios de cada espaço ou subespaço, como, por exemplo, do quadro elétrico.

A elaboração de um mapa de risco é certamente uma atividade complexa, podendo levar tempo e demandar conhecimentos técnicos especializados. Contudo, qualquer atitude que procure a manutenção da segurança justifica-se pelos inúmeros benefícios apontados ao longo deste trabalho.

Neste sentido, um mapa de risco costuma ser elaborado sobre a planta baixa do local, classificando as diferentes situações de risco por cores e assim criando uma sinalização visual e de fácil identificação. Os riscos são identificados da seguinte maneira: em vermelho representa-se o risco químico, em azul o risco físico, em marrom o risco biológico, em amarelo o risco ergonômico e em verde o risco mecânico. Círculos de três diâmetros diferentes são inseridos na planta baixa, em que o diâmetro do círculo representa a intensidade de um determinado risco. Caso um local possua mais de um tipo de risco de igual intensidade, utiliza-se o mesmo círculo dividindo-o em partes. Para informação completa sobre mapa de risco, consulte-se o Anexo 11.

Para fim ilustrativo, apresentamos abaixo um exemplo de um mapa de risco de um circo de lona de médio porte:



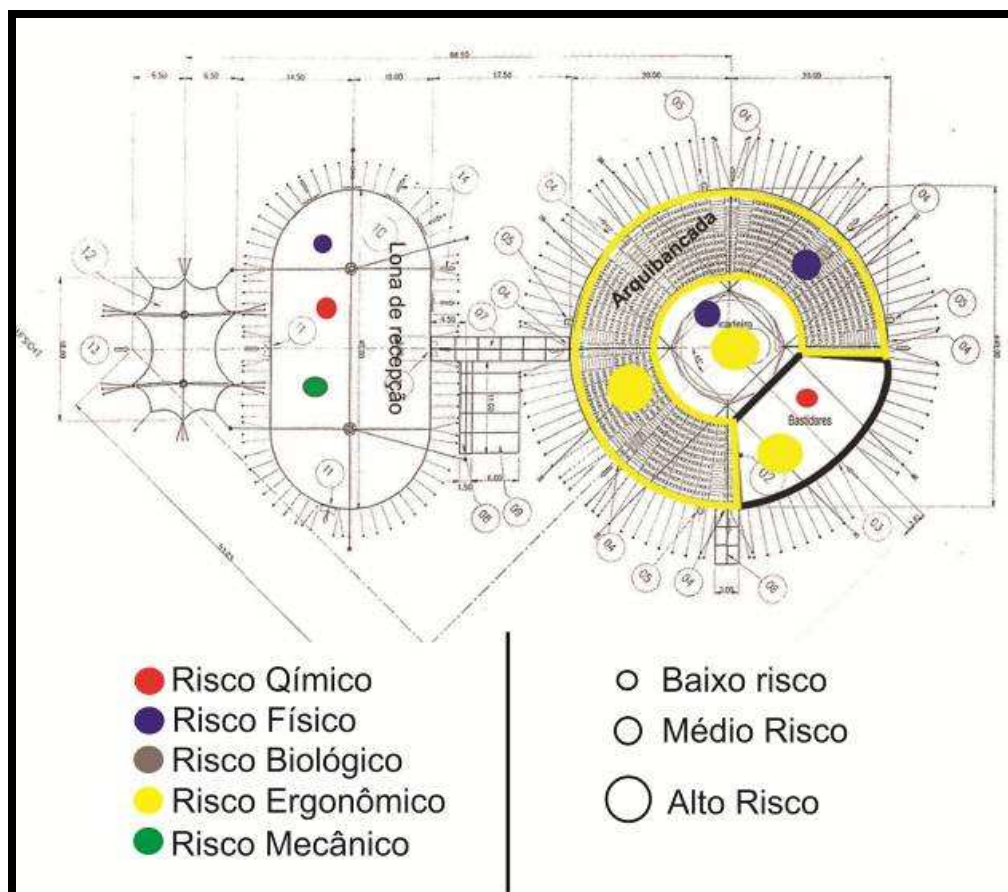


Figura 15: Representação de vista aérea e mapa de risco de um circo de lona de médio porte

Deste modo, o mapa de risco tem como objetivo principal apontar as principais áreas de risco e quais tipos de riscos são previstos para elas, visando oferecer informações a todos os usuários daquele espaço.

Outro instrumento frequentemente utilizado durante o processo de montagem/instalação e desmontagem/desinstalação é o *Check List*, ou, em português, Lista de Checagem.

Considerando que a montagem e a desmontagem consistem em momentos críticos e que oferecem diferentes riscos aos profissionais envolvidos e também a todos que irão utilizar ou frequentar os espaços e equipamentos montados, deve-se atentar de modo cuidadoso para estas ações²¹.

²¹ Segundo o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de São Paulo (CREA-SP), para este tipo de serviço é necessário que a empresa esteja registrada no CREA de seu estado e conte com um responsável técnico habilitado para emitir uma Anotação de Responsabilidade Técnica (ART), documento no qual assume a responsabilidade pelo serviço executado.

Um *Check List* é uma listagem de equipamentos e procedimentos que serão empregados ao longo da montagem ou da desmontagem dos espaços/equipamentos. Nele, informações técnicas e também dos equipamentos de segurança a serem utilizados deverão estar disponíveis e ser do conhecimento de todos antes do início do processo.

Deste modo, propomos o *Check List* que acreditamos poder auxiliar no controle das montagens e desmontagens de estruturas e aparelhos, bem como na sua inspeção periódica, como podemos notar num diálogo exposto na obra de Heward e Bacon (2006):

Havia um sinal acusando falta de pressão hidráulica nos elevadores. Quando os elevadores recebem esse sinal, esteja correto ou não, eles não se mexem. Então, a equipe foi passando a lista de verificação ponto a ponto tentando descobrir qual era o problema, e em poucos minutos deciframos o enigma.

O exemplo que apresentamos abaixo se refere à instalação de uma rede de trapézio de voos, mas pode ser adaptado para qualquer outra atividade típica circense:

<p align="center">Check List de Montagem/instalação</p> <p>Equipamento: Rede de trapézio de voos</p> <p>Data da instalação:</p> <p>Data da próxima inspeção/manutenção:</p> <p>Técnico (Rigger) responsável pela instalação:</p> <p>Técnicos (Riggers) responsáveis pela revisão: 1 –</p> <p align="center">2 –</p>			
Itens Checados:	Rigger Responsável	Rigger Revisor 1	Rigger Revisor 2
Trama da Rede:			
Empates da Rede:			
Cabos de aço:			
Empates dos Cabos de aço:			
Tiffors:			
Moitões:			
Cordas:			
Polias (patescas ou roldanas):			
<p>Observações:</p> <p>Rigger responsável:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Rigger Revisor 1:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Rigger Revisor 2:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Assinaturas:</p> <p>Rigger Responsável:</p> <p>Rigger Revisor 1:</p> <p>Rigger Revisor 2:</p> <p>Observação: Foto da montagem anexa.</p>			

Figura 16: Check List de montagem / instalação de aparelhos e estruturas

De acordo com o *Check List* proposto, podemos notar que todo processo de montagem é checado por três pessoas diferentes, o que diminui consideravelmente a possibilidade de falhas passarem despercebidas.

Propomos ainda que ao final de cada instalação seja afixada em algum local do equipamento montado uma etiqueta que contenha os primeiros campos do *Check List*:

Número do Check List: 0001

Equipamento: Rede de trapézio de voos

Data da instalação:

Data da próxima inspeção:

Técnico (Rigger) responsável pela instalação:

Técnicos (Riggers) responsáveis pela revisão: 1 –

2 –

Figura 17: Etiqueta de identificação da montagem/instalação

Esta etiqueta tem por objetivo identificar de forma prática os dados principais da instalação. Caso seja necessário, será possível acessar os dados completos no *Check List* original, que deve ser arquivado por meio do número do *Check List*.

Aconselhamos a utilização (adaptação) deste documento para todo tipo de montagem e instalação: motores elétricos (guinchos), estruturas de lona, estruturas de Box truss²², ancoragens (amarrações) de tecidos, trapézios, cordas, liras e outros aparelhos, arquibancadas e quadros de força e de luz. Desta forma, conseguiremos obter um controle da instalação e das inspeções que devem ser realizadas regularmente.

O Anexo 12 apresenta um *Check List* real e sua respectiva etiqueta, utilizado em uma escola de atividades circenses.

Além das já citadas, outras medidas preventivas se fazem importantes. Abaixo exemplificamos algumas delas e as respectivas sinalizações que devem ser utilizadas nos espaços circenses:

* Uso de Equipamento de Proteção Individual (E.P.I.): Cada atividade necessita de E.P.I.s específicos. O capacete, por exemplo, ao contrário do que muitos imaginam, não deve ser usado somente por quem trabalha em altura, mas principalmente por quem está em baixo, pois esta pessoa corre risco de ser atingida por objetos que venham a cair. Sempre que este risco

²² Estrutura metálica, treliçada, comumente utilizada em eventos para montagem de pista de dança e traves com o intuito de prender tecidos, liras, trapézio, etc.

existir, recomendamos o isolamento da área sob o local do trabalho e o uso deste aviso para alertar as pessoas que transitam pelos arredores:



Figura 18: Placa de sinalização sobre o risco de queda de materiais

Cadeirinhas (cintos de segurança), talabartes e outros dispositivos²³ devem ser usados para qualquer tipo de trabalho em altura, os quais, segundo o item 36.1.2.1 da NR²⁴ 36 (Norma Regulamentadora referente a trabalhos em altura) sejam trabalhos realizados acima de 2 metros de altura. Para a ligação da energia elétrica deve-se utilizar calçado adequado e luva específica (NR 10). Caso a atividade ofereça ruído excessivo (corte de ferro, motores a diesel), devem-se usar protetores auriculares. No manuseio de produtos químicos é obrigatório o uso de luvas, óculos de proteção e máscara, e assim sucessivamente. Cada atividade oferece um conjunto de riscos específico, e para controlar cada um desses riscos existe um E.P.I. Com o intuito de orientar, relembrar e manter um estado de segurança satisfatório, os locais/atividades que necessitam de E.P.I. devem conter o seguinte aviso:



²³ Talabarte, trava-quedas e descensores são equipamentos de segurança em altura que facilitam o deslocamento vertical e previnem de quedas acidentais.

²⁴ É possível obter a lista das NRs (Normas Regulamentadoras) no *site*: <http://portal.mte.gov.br/legislacao/normas-regulamentadoras-1.htm>, e a NR 36, por ser uma norma recente, pode ser obtida em: [http://www.fiesp.com.br/sindical/pdf/trabalho%20em%20altura%20\(texto%20inicial\)%20nr%2036.pdf](http://www.fiesp.com.br/sindical/pdf/trabalho%20em%20altura%20(texto%20inicial)%20nr%2036.pdf).

Figura 19: Placa de sinalização sobre a obrigatoriedade do uso de E.P.I.s

Podemos ser ainda mais específicos orientando que o E.P.I. deve ser usado em uma determinada situação ou local:



Figura 20: Placa de sinalização detalhada sobre a obrigatoriedade do uso de E.P.I.s

Alguns locais, como caixa de força (energia elétrica), casa de máquinas (local onde estão instalados os guinchos elétricos), acesso à parte externa da lona (cúpula), entre outros, oferecem alto risco e devem ser frequentados somente com o uso de E.P.I.s adequados e por pessoas altamente qualificadas, motivo pelo qual estes locais devem conter um ou mais dos seguintes avisos, ou outros que possam ser confeccionados de acordo com a necessidade:





Figura 21: Placas de sinalização sobre os locais com acesso restrito

Com a classificação das falhas e os exemplos apresentados, podemos reafirmar que é a atividade humana que condiciona as questões de risco, acidente e, logo, de segurança. Assim, não basta buscar melhorias apenas nos equipamentos, mas, e principalmente, na preparação dos sujeitos circenses, para que reconheçam tais responsabilidades e sejam altamente qualificados no assunto.

Mediante os fatores de registro, técnicas, equipamentos, montagens, materiais e muitos outros, com certeza inúmeros protocolos de segurança preventiva ainda serão criados para o controle dos riscos inerentes ao circo. Acreditamos que a maioria dos responsáveis por uma organização circense deseje aumentar a segurança, porém, talvez por não possuírem conhecimento suficiente ou por colocarem este assunto em segundo plano, acabam negligenciando a segurança, mesmo sabendo das consequências de um acidente. Desta forma, acabam por se utilizar, de forma consciente ou não, de procedimentos subjetivos, como: “vamos torcer para dar certo”, “não vai dar nada não”, e no caso de um acidente constatado, justificam com expressões como: “deu azar”, “ninguém podia ter ajudado” (BORTOLETO et al., 2010).

Embora todo tipo de falha seja indesejável no processo de segurança, o risco sempre se faz presente e a falha ainda pode acontecer, e é no momento em que uma falha de fato ocorre que podemos fazer uso de ações paliativas, como veremos a seguir.

1.3.2 Ações paliativas

Quando a primeira etapa, que consiste nas ações preventivas, não é executada de forma satisfatória e, portanto, não é capaz de garantir a segurança, identificaremos algumas falhas que, segundo sua natureza, poderão ser contidas com medidas paliativas, ao menos

momentaneamente.

No caso de falhas de pequeno porte, que normalmente acarretam consequências pouco importantes, de modo geral podemos recorrer a ações paliativas ou temporárias, como, por exemplo:

* Um motor elétrico falha no início do espetáculo: poderá ser substituído por um sistema de polias (moitão);

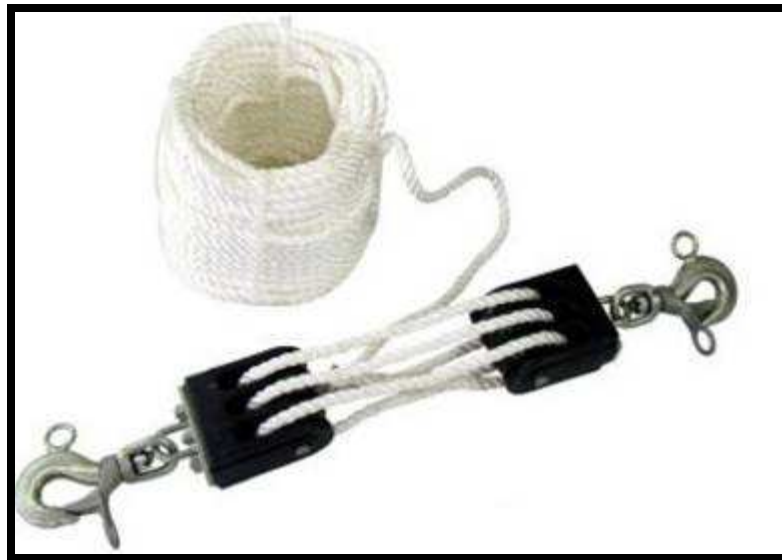


Figura 22: Moitão, equipamento utilizado como guincho para aparelhos aéreos do circo

* O sistema elétrico teve uma pequena falha: pode ser possível uma ação paliativa para operarmos com uma capacidade menor de iluminação, por exemplo.

Naturalmente, as ações paliativas são para uma resolução momentânea e devem ser precedidas de medidas definitivas e que solucionem o problema o mais breve possível. Infelizmente, por qualquer motivo, as soluções temporárias tendem a se tornar permanentes até que uma falha mais grave aconteça. Infelizmente este tipo de falha é identificado quase sempre após acidentes.

A decisão de suspender o uso ou adotar uma ação paliativa deve ser tomada após uma análise global feita por pessoas qualificadas no assunto, pois uma ação paliativa pode resolver um problema e acabar por causar outro, como, por exemplo, na ligação de um holofote em caráter de urgência visando aprimorar a iluminação de uma determinada área. Caso a ligação

seja feita com fios ou conectores inadequados, poderá trazer danos mais sérios do que ter ficado com a iluminação insuficiente.

Quando mesmo com as ações preventivas temos constatada uma falha que não pode receber uma ação paliativa, ou que recebe ação paliativa de forma inadequada, ela poderá resultar num acidente. No caso de um acidente constatado, entra em ação a terceira parte da visão holística de segurança: as ações de emergência.

1.3.3 Ações de emergência

A emergência é a manifestação dos fatores de risco em fatos reais. Uma emergência é sempre um fato fora do comum, inesperado. A gestão (controle) de emergências visa retomar o controle em situações de emergência. Vejamos alguns princípios propostos por Cardella (2009, p. 80) que podem influenciar na gestão de emergências:

1. A velocidade de propagação da série de eventos perigosos é maior que a velocidade que o homem detecta, analisa e sobre as quais toma decisões.
2. Em situação de emergência, o homem apresenta uma elevada probabilidade de cometer falhas. Essa probabilidade diminui se ele estiver adequadamente treinado.
3. Não é possível elevar a confiabilidade dos sistemas a cem por cento. Quando o último recurso mecânico-eletrônico falha, o controle passa a depender totalmente da intervenção humana.

Ainda desses princípios decorrem as seguintes considerações:

- * As emergências devem ser analisadas previamente para que as decisões críticas sejam incorporadas ao plano de ação, e as ações sejam executadas de modo automático no momento da ocorrência;
- * As ações de controle devem ser executadas preferencialmente por equipamentos, pois eles atuam muito mais rapidamente e com muito maior confiabilidade do que o homem, por exemplo, num sistema de jatos d'água para combate a incêndio;
- * As pessoas que atuam no controle de emergências devem ser treinadas em detecção de falhas.

Em três princípios conseguimos resumir que é essencial termos equipamentos adequados e de qualidade aliados a pessoas bem treinadas e atualizadas. Sabemos que diante de uma situação de emergência o ser humano tem sua capacidade de tomada de decisão comprometida, fato este comprovado nas palavras do montador Ivan:

Não dá pra dizer o que tem que fazer, porque na hora do acidente a pessoa tá de cabeça quente, é só na hora mesmo que a gente consegue reagir, falar.

Também o montador Francisco demonstra indecisão e contradição em seu discurso:

Eu julgo que eu sei o que fazer, apesar de ter situações difíceis, às vezes você não sabe mesmo o que fazer, o negocio é manter a calma, segurar aonde e encaminhar pro hospital, em caso de queda não mexe, chama o resgate, não sei!

A artista Marieta também se mostra despreparada para atuar de alguma forma no momento de um acidente (emergência):

Eu acho que não sou uma pessoa habilitada para falar sobre isso, tive primeiros socorros na faculdade, mas não foi suficiente para eu ter segurança para colocar a mão em uma pessoa acidentada, então não sou habilitada por falta de preparo meu. Na empresa que trabalho tem uma equipe de primeiros socorros, qualquer um pode se inscrever tem prova, treinamento, simulação.

Neste caso, notamos que em uma grande companhia internacional existe também uma equipe de primeiros socorros, um bom exemplo para ser seguido pelos circos brasileiros: realizar a formação e o treinamento constante de uma equipe de socorristas formada pelos próprios circenses.

O artista Fábio faz uma consideração importante e correta:

Se a pessoa não tiver noção nenhuma de primeiros socorros ela não deve mexer na pessoa e ligar para uma ambulância ou para o bombeiro socorrer.

Entretanto, sabemos que alguns circos no Brasil estão montados em cidades distantes de centros urbanos e de um hospital. Nesses casos, socorristas dentro da própria

organização poderiam fazer uma diferença ainda maior nas consequências finais de um acidente.

O discurso da professora Ana Maria nos remete a um pensamento que se faz presente em muitas organizações circenses:

Em um espetáculo tem a máxima do circo, o espetáculo não pode parar. No dia que meu pai caiu a gente colocou um moço para cantar, e depois o apresentador finalizou o espetáculo. Mas na maioria das vezes o espetáculo tem que continuar, de pequeno a gente já é preparado para isso, às vezes vê um parente desmaiado e tem que continuar. Mas aqui na escola os alunos não são preparados para isso.

Neste último discurso, podemos notar, além da falta de preparo para lidar com um acidente, o descaso com os artistas. Será que ainda na atualidade, mesmo com uma pessoa desmaiada, o espetáculo não pode parar? Será melhor continuar o *show* daquela noite sem antes prestar um socorro adequado, e privar um artista de trabalhar o restante da vida, ou o contrário? Neste trabalho defendemos que o espetáculo pode e deve parar, e só recomeçar após o atendimento (primeiros socorros; evacuação, se necessária, etc.) ter sido realizado de maneira adequada, e se realmente houver condições para isto acontecer. Não podemos “colocar em jogo” uma carreira artística por uma única noite de espetáculo (nem por muitas).

Desta maneira, insistimos novamente na necessidade da formação das pessoas envolvidas com o circo, sejam elas artistas, treinadores, montadores, professores, barreiras. Há pouco tempo, a Funarte, em uma ação de importância ímpar, elaborou uma cartilha (já citada anteriormente) e promoveu cursos sobre diversos temas relacionados ao circo.

Tratando agora de tentar minimizar os erros nas tomadas de decisões em momentos de emergências, propomos aqui dois instrumentos/protocolos de emergência: o mapa de emergência e o Plano de Ação em Emergências (PAE). O mapa de emergências se assemelha ao mapa de risco, entretanto nele, no lugar de sinalizarmos os riscos, sinalizamos equipamentos de segurança que podem ser usados numa emergência, tais como extintores, hidrantes, quadros de força e luz, telefone e primeiros socorros/DEA (Desfibrilador Externo Automático), além de saídas de emergências e rotas de fuga. Neste documento, faz-se muito importante sinalizar onde a pessoa que o está vendo se encontra. Isto é fundamental para que ele se localize e identifique onde está a saída de emergência mais próxima, o telefone, o extintor mais próximo. Abaixo,

temos um exemplo real de um mapa de emergência de um circo de médio porte. Este mapa se encontra na entrada da antelona (lona secundária onde se localiza o comércio de comidas e bebidas do circo).

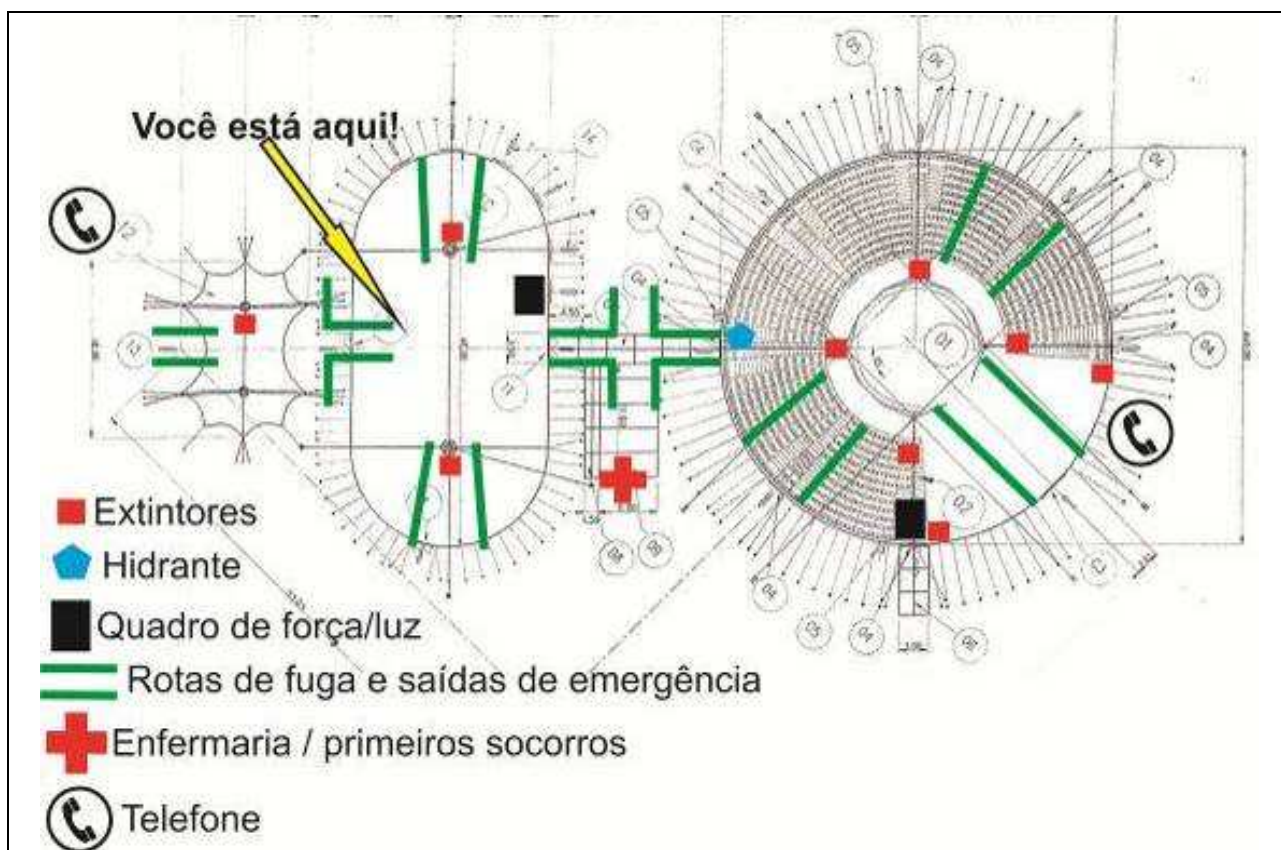


Figura 23: Mapa de emergência de um circo de lona de médio porte

Os mapas de emergência devem ser colocados em vários locais estratégicos da organização, e podem ainda ser distribuídos impressos no verso do ingresso, ou mesmo em um folheto à parte. Deste modo, no momento de uma emergência ficará bem mais fácil localizar o que for preciso.

Alguns circos têm utilizado um aviso como o que segue abaixo:

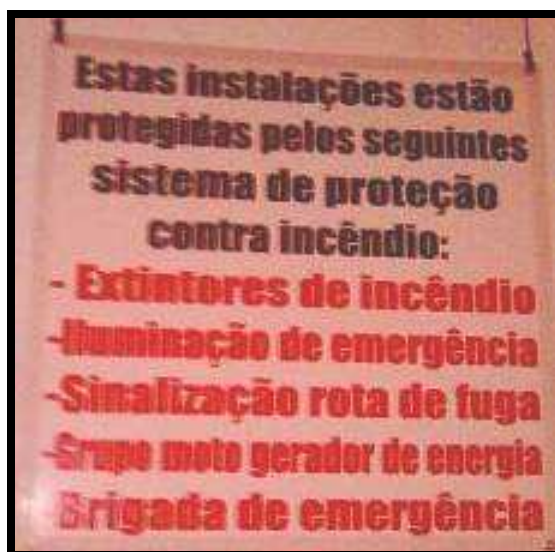


Figura 24: Exemplo de placa de aviso utilizada em circo nacional de SP

Sem dúvida, a organização coloca um aviso deste com a intenção de aprimorar a segurança do público. Entretanto, no que uma sinalização desse tipo ajudaria? Saber que existem extintores é diferente de saber onde estão localizados, por exemplo. É nisto que o mapa de emergência faz diferença.

Em complemento ao mapa de emergência, o PAE (Plano de Ações em Emergências) deve conter, segundo Cardella (2009), além de telefones e endereços úteis, possíveis situações de emergências e informações sobre o que fazer em cada uma delas. As ações devem ser simples e diretas tanto quanto possível. O PAE deve ser estudado e treinando por todos, afinal no momento da emergência não sabemos quem estará mais próximo do ocorrido. Bons cursos (primeiros socorros, resgate em altura, etc.), aliados ao PAE devem tornar os envolvidos capazes de atuar em situações de emergência, protegendo pessoas e minimizando os danos ao patrimônio e ao meio ambiente. Abaixo temos um exemplo:

PLANO DE AÇÃO EM EMERGÊNCIAS	
TELEFONES E ENDEREÇOS ÚTEIS	
SAMU	192
RESGATE BOMBEIROS	193
DEFESA CIVIL	199
POLÍCIA MILITAR	190
HOSPITAL “X” (MAIS PRÓXIMO DO CIRCO)	ENDEREÇO E TELEFONE
COMPANHIA DE ENERGIA ELÉTRICA	TELEFONE
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	TELEFONE
POSSÍVEIS SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA	
SITUAÇÃO	AÇÕES
CHOQUE ELÉTRICO	DESLIGAR A ENERGIA, LIGAR 192, PRESTAR PS ²⁵
INCÊNDIO	ACIONAR O ALARME, EVACUAÇÃO, LIGAR 193, CONTROLE DO FOGO
QUEDA DE ALTURA	LIGAR 192, PRESTAR PS
INGESTÃO DE PRODUTO QUIMICO	LIGAR CEATOX 0800-0148-110 E TER A COMPOSIÇÃO DO PRODUTO EM MÃO

Figura 25: Exemplo de um Plano de Ação em Emergências (PAE)

O PAE deve ser utilizado em conjunto com o mapa de emergências.

É evidente que toda organização deve concentrar esforços para o aprimoramento das ações preventivas da segurança, visando, assim, não precisar de ações paliativas ou de emergências. Contudo, sabemos que, embora seja possível controlar grande parte dos riscos, eles jamais serão extintos na sua totalidade, de tal modo que devemos realizar treinamentos regulares, bem como manter um processo de formação continuada (constante) com

²⁵ PS é a sigla de Primeiros Socorros.

todos os envolvidos na atividade circense (artistas, montadores, capatazes, mestres, professores, alunos, etc.), abordando os diferentes aspectos tratados neste trabalho, entre eles o combate a incêndio, a evacuação da lona e os primeiros socorros. Assim, devemos estar sempre bem preparados para responder a uma situação real de emergência, com a devida tranquilidade, buscando reações adequadas a cada uma das situações.

Com o objetivo de sintetizarmos este entendimento, objeto central deste trabalho, elaboramos o fluxograma (figura ilustrativa) abaixo:

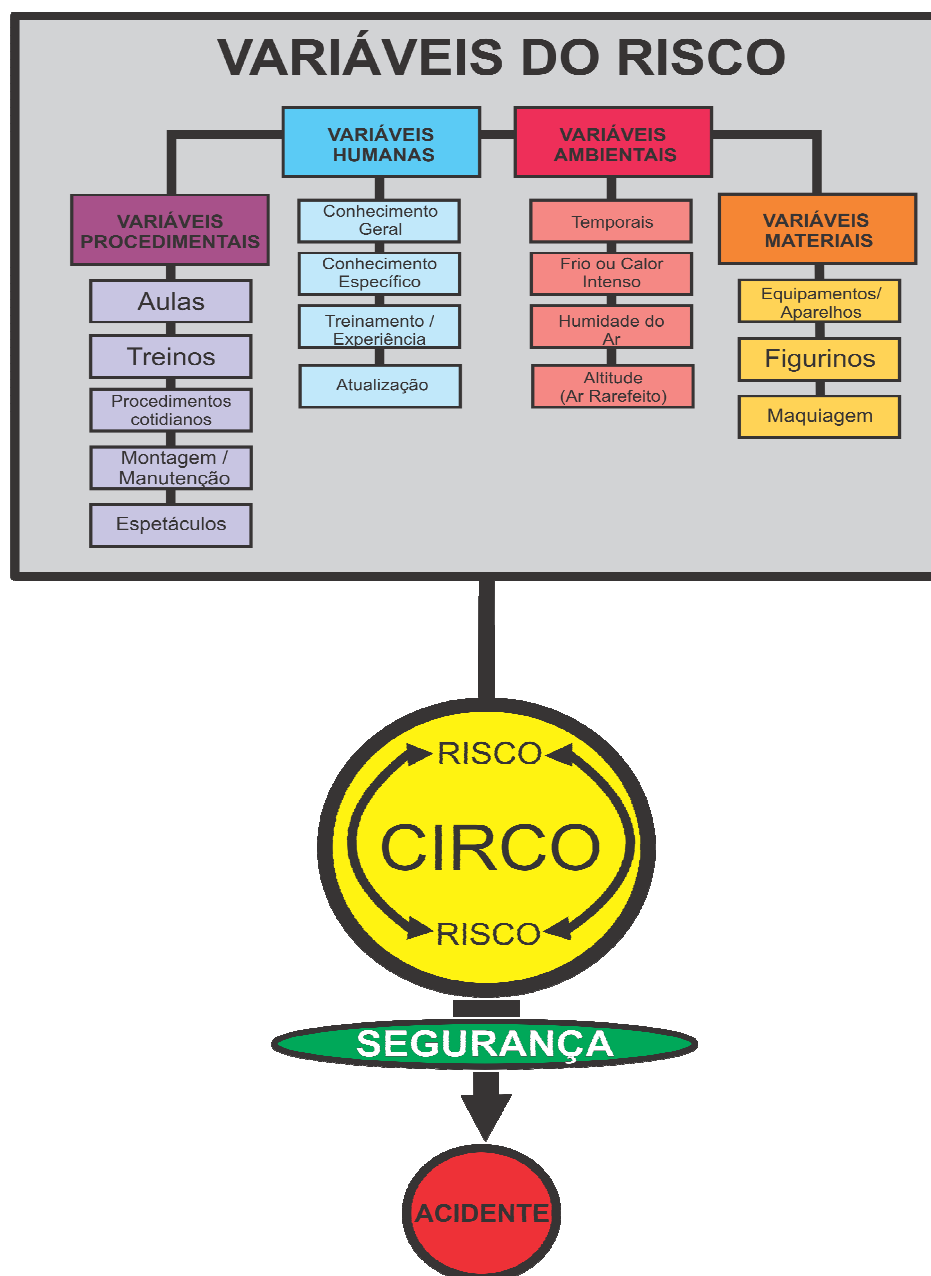


Figura 26: Fluxograma da segurança no circo

O fluxograma acima apresenta as principais variáveis do risco no circo, lembrando que a variável humana é capaz de intervir e controlar as demais, com exceção das variáveis ambientais sobre as quais o ser humano não tem controle, mas pode fazer uso de materiais, equipamentos e procedimentos que aumentem a segurança em cada uma das variáveis ambientais. Todo esse conjunto de variáveis se faz presente no circo por meio do risco. Entre o risco e o acidente (um dos produtos do risco) encontra-se um filtro: a segurança. Esse filtro é capaz de controlar, diminuir o risco, sempre presente, e determinar se resultará ou não em um acidente.

Caminhando para o encerramento deste trabalho, evidenciamos, portanto, mais uma vez a importância da segurança no controle dos riscos e consequentemente na prevenção de acidentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste estudo, parece-nos que a segurança de fato representa um assunto relevante para o atual debate acerca do circo, seja no Brasil, seja no Exterior. Vimos, tanto na literatura quanto nos discursos dos especialistas, que o risco, considerado em nosso trabalho um elemento central desta discussão, ainda é tratado com certo descaso e mesmo ignorado, confiando a garantia de segurança na *expertise* dos circenses.

Observamos ainda que inclusive o uso dos equipamentos básicos de proteção individual e coletiva é pouco frequente para muitos circenses. Independentemente dos motivos levantados, buscamos alertar com esta pesquisa que o risco do ofício circense, em suas mais distintas ações e atividades, jamais deverá ser ignorado ou tratado como um elemento secundário. A presença cotidiana do risco deve motivar todos a manterem uma constante atenção e preocupação com este assunto. Somente com esta atitude é que poderemos manter as atividades circenses em níveis aceitáveis de controle dos riscos e, portanto, da manutenção da segurança de todos os envolvidos, desde artistas até ao público. Ser seguro é ser metódico, no sentido de utilizar procedimentos que balizem ações de controle do risco e que foram desenvolvidos por especialistas.

Desta forma, conseguiremos elaborar um modelo-padrão de segurança e, a partir dele, realizar adaptações necessárias a cada realidade do circo, almejando uma percepção coletiva aprofundada do risco que permita a adoção de uma cultura de segurança. Recordamos que, ao garantirmos maior segurança, muitos serão os ganhos, do econômico ao corporal. Estaremos, ademais, promovendo uma imagem benéfica à promoção do circo enquanto linguagem artística, condizente com as expectativas e padrões de segurança próprios à sociedade contemporânea. Por isso, ressaltamos que a segurança, bem como tudo o que faz parte dela (controle do risco, análise dos acidentes, atividades preventivas, etc.) representam assuntos de sumo interesse para o circense, cuja responsabilidade só pode ser pensada de forma coletiva.

Em outras palavras, o ato de aprimorar a segurança de uma organização – neste caso da atividade circense – é um dever de todos, uma corresponsabilidade, principalmente se consideramos que as consequências da falta de segurança impactarão em todos os envolvidos, e

não apenas na organização circense (no proprietário, no promotor, no artista, etc.), mas em toda a comunidade circense no Brasil e no Exterior, estando ela próxima ou distante de onde ocorrer um acidente.

Os relatos apresentados, corroborados pela opinião dos sujeitos, revelam a existência de um significativo número de acidentes, bem como uma enorme variedade de causas e consequências, todas elas depondo contra a imagem que desejamos que o circo promova na atualidade. Vimos que a maior parte dos acidentes apenas possui relatos midiáticos (jornalísticos), muitos deles ressaltando apenas os aspectos negativos desses sucessos. Contudo, conhecer tais fatos nos foi de grande valia para podermos compreender a natureza diversa e complexa dos acidentes relativos ao circo. É, portanto, a partir da análise desses acidentes que pudemos iniciar algumas das reflexões que apresentamos neste trabalho visando à ampliação da segurança na prática circense.

Deste modo, sugerimos que tanto o poder público quanto as organizações circenses e pesquisadores tratem, se possível numa ação conjunta, de promover mais estudos sobre este assunto, buscando inclusive um modo oficial de registrar tais fatos. Esta será, provavelmente, uma importante ferramenta para a promoção de novas políticas públicas e para a criação de instrumentos (normas) que regulem a atividade circense no que diz respeito à segurança, criando, por que não, um programa semelhante ao “Aventura Segura²⁶”, já existente no Brasil (por que não “Circo Seguro”), o qual deveria, além de promover ações que auxiliem nos estudos deste tema, recompensar de alguma maneira as organizações de circo (lona, escolas, academias, trupes, empresas) e os profissionais que realizam seu trabalho sempre pautado na segurança, afinal conscientizar é valorizar aquele que faz bem e, finalmente, fazer com que quem faz bem sirva de exemplo aos demais.

Em nossa opinião, reconhecer os riscos e os acidentes próprios das atividades circenses representa um passo fundamental para a adoção de uma prática mais segura. Contudo, estes saberes terão o impacto desejado quando integrarem parte do processo de formação/capacitação dos artistas, montadores, professores e demais profissionais circenses,

²⁶ O programa Aventura Segura, desenvolvido pela Abeta – Associação Brasileira de Esportes e Turismo de Aventura, tem por objetivo aprimorar a segurança nos esportes e turismo de aventura. Para saber mais: <<http://www.aventurasegura.org.br/>>.

passando, assim, de uma prática segura para um conjunto mais amplo, o qual não se restringe apenas ao ensino de ações, mas também a reflexões e novos estudos, alcançando, dessa forma, uma cultura de segurança no circo. Isso significa pensar a segurança como um elemento central do processo pedagógico.

Embora tenhamos observado certa preocupação neste sentido, tanto das escolas de circo quanto de outras instituições, é notório que este debate ainda se mantém num plano secundário, distante do protagonismo que defendemos ao longo deste trabalho, isto é, como um aspecto prioritário e essencial para o desenvolvimento e manutenção sustentável do circo.

É também neste sentido, do ponto de vista pedagógico e da concepção do espetáculo artístico, que caberá aos profissionais que ensinam as artes do circo ensinar aos artistas como criar um número com o máximo controle possível do risco, e que ao mesmo tempo revele ao público todo o potencial atrativo que o risco possui, um espetáculo seguro que não perca o fascínio que o risco promove enquanto estética circense, como ressalta Wallon et al. (2009). Foi neste viés que a artista Marieta se pronunciou: “[...] Algumas vezes tem o efeito visual, você está numa cadeirinha e parece que o risco é incrível, mas você está preso pela cadeirinha [...]”.

Outro exemplo da mudança de atitude defendida neste trabalho, no que concerne à segurança, diz respeito aos editais de fomento ao circo, bem como outras iniciativas, como concursos, festivais, convenções, encontros, etc. Entendemos que em todas estas ações os procedimentos de controle de risco, de prevenção de acidentes, e, portanto, de manutenção da segurança devem ser incluídos como um quesito de qualidade artística, devendo inclusive constar no projeto técnico inscrições e demais documentos próprios de cada situação. Assim, esperamos que, com o tempo, esta atenção com a segurança seja incorporada aos hábitos circenses, como muitos já o fazem desde o planejamento pedagógico até as elaborações artísticas e ações empresariais. Esta mudança de paradigma poderá levar-nos à adoção de uma cultura de segurança no circo, anseio que tratamos de defender veemente ao longo desta pesquisa.

Parece-nos fundamental que circenses e demais envolvidos (produtores, montadores, diretores artísticos, gestores, etc.) atentem para as novas tecnologias e, por conseguinte, para as inovações no âmbito da segurança já disponíveis. Acessar tais

conhecimentos e recursos poderá gerar significativos benefícios ao circo. Aqui cabe um alerta aos pesquisadores, que em nossa opinião possuem a responsabilidade de aproximar os sujeitos circenses dos conhecimentos mais recentes, e assim contribuir para continuidade de uma linguagem artística que, de forma gloriosa e vitoriosa, conseguiu superar os imensos desafios impostos pela modernidade e suas novas concepções de vida.

Acreditamos que, por se tratar de um estudo exploratório e diante das dificuldades vencidas para a sua realização, as reflexões e proposições aqui apresentadas poderão ser de grande utilidade para o desenvolvimento deste tema e gerar debates que certamente alcançarão resultados ainda mais significativos. Vale a pena ressaltar que os protocolos/instrumentos apresentados neste trabalho, mesmo a título de exemplificação, já nos têm ajudado na promoção de um circo mais seguro. Contudo, muitos avanços ainda estão por vir visando aos padrões ideais de segurança que desejamos para esta atividade no futuro.

Entendemos ademais que esta pesquisa também pode ser de grande valia para outras áreas, em particular as que estudam as atividades corporais, pois trata não só dos aspectos específicos do circo, mas também de aspectos genéricos do risco, do acidente e da segurança, podendo, com estas reflexões, auxiliar na construção de uma prática corporal mais segura.

Por outra parte, somos conscientes das limitações deste estudo, não apenas pelo tempo escasso, mas principalmente pela dificuldade de encontrar fontes de pesquisa. Muitos circenses ainda não se sentem à vontade para falar sobre os acidentes, talvez temendo as consequências que tais revelações poderiam trazer. Outros partilham de um pensamento de que quanto mais segurança se aplicar ao circo, mais pessoas despreparadas estarão praticando e atuando no mercado de trabalho, entretanto estas duas percepções coletivas precisam ser modificadas. Acreditamos não ser possível prolongar ainda mais esta discussão; chegou o momento de agregarmos conhecimento por meio de debates com a participação de mestres circenses e pesquisadores da área.

É necessário repensarmos as tradições circenses com o intuito de manter as que são positivas e engrandecem a arte do circo, e modificar as que dificultam o desenvolvimento da segurança e de outros aspectos no âmbito circense. Esperamos continuar caminhando e ampliando nossos estudos sobre esta temática e, por que não, despertar o interesse de outros

pesquisadores e de mestres circenses que queiram colaborar no desenvolvimento deste assunto. Somente com um trabalho coletivo e mais amplo é que poderemos no futuro garantir avanços mais importantes e que ajudem a valorizar ainda mais esta arte secular que tanto encanta nossa sociedade.

Considerando o trabalho realizado, parece-nos cada vez mais que a segurança não pode ser vista senão como uma QUESTÃO DE PRIORIDADE, isto é, como um assunto que deve estar presente em qualquer discussão e ação circense, seja ela de pequeno, médio, grande porte; de cunho social, técnico, artístico; seja qualquer outro. Deste modo, talvez seja o momento de a próxima campanha²⁷ de promoção do circo incorporar a segurança, e que este tema esteja ainda mais presente nos debates sobre o Plano Nacional de Circo do Colegiado Nacional de Circo²⁸, assim como se fez presente de forma preliminar no Relatório de Atividades 2005-2010.

²⁷ Por exemplo, em 2006 a Fundação Nacional de Arte (Funarte), em parceria com a Rede Globo, lançou a campanha publicitária “Receba o Circo de braços abertos”, voltada para a popularização do Circo (<http://www.cultura.gov.br/cnpc/wp-content/uploads/2011/07/plano-setorial-de-circo.pdf>).

²⁸ No Plano Nacional de Circo é possível observar no Eixo 1: “Fortalecer a ação do Estado no planejamento e na execução das políticas culturais”, indicação da necessidade do Estado de “Apoiar e viabilizar a regulamentação das normas de segurança para atividades circenses”.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia** – São Paulo: M. Fontes, 2000.

ABRAHÃO, S. R. **Valoración de las actividades circenses en la formación del profesorado de educación física**: una propuesta para la transformación social en la escuela Barcelona, 2011.

ARKAEV, L. I. SUCHILIN, L. **How to create champions**: the theory and methodology of training top-class gymnasts. Londres: Meyer & Meyer, 2009.

BARTHOLO, R. **Respeitável público**: os bastidores do fascinante mundo do circo. Rio de Janeiro: Letras & Expressões; São Paulo: Elevação, 1999.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**: Ed.70, 2011.

BORTOLETO, M. A. C. et al.. **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Volume 1. Jundiaí - SP: Editora Fontoura, 2008.

_____.et al. **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Volume 2. Jundiaí - SP: Editorial Fontoura, 2010.

BRETON, D. Le. Aqueles que vão para o mar, o risco e o mar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 3, p. 9-19, Campinas, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, maio 2007.

_____. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

CARDELLA, B. **Segurança no trabalho e prevenção de acidentes**: uma abordagem holística. São Paulo: Atlas, 2009.

CARR, G. **Biomecânica dos esportes**: um guia prático. Editora Manole, 1998.

CENTRE NATIONAL DES ARTS DI CIRQUE – **Cirque à L’OEUVRE** – CNAC, 2011

COLLARD, L. **Logique interne et risque**. Faculte des Scienciees du Sport. Actas del Seminario Internacional de Jóvenes Investigadores de Acción Motriz de INEFC Victoria, 1997.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha**: uma trajetória de jogo com limites e incertezas – Rio de Janeiro: UGF. Tese de doutorado do programa de pós-graduação em Educação Física, 1999.

CREA, **Responsabilidade técnica** Disponível em: <http://www.creasp.org.br/profissionais/responsabilidades-profissionais/responsabilidade-tecnica>. Acesso 15 out. 2011.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Acidente no circo deixa um morto e 4 feridos**. Publicado em: 26 jun. 2007. Caderno Polícia. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=446357>. Acesso em: 27 fev. 2012.

DOWDELL, Trewor. **Is gymnastics a dangerous sport in the Australian club context?** Science of Gymnastics Journal, vol. 3, n. 2, 2011.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. Curitiba, PR: Positivo, 2010.

FILÓCOMO, F. R. F. et al.. **Estudo dos acidentes da infância em um pronto socorro pediátrico**. Revista Latino Americana de Enfermagem, 2002, janeiro-fevereiro, 10(1) p. 41-47. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v10n1/7770.pdf>. Acesso em 24 de janeiro de 2011.

FOUCHET, A. **Las artes del circo**: una aventura pedagógica. Buenos Aires: Stadium, 2006.

FUNARTE, Ministério da Cultura Brasil. **Cartilha de capacitação de gestores de empresas circenses**. Brasil, 2008.

_____. **Escola nacional de circo** Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/escola-nacional-de-circo-2/>. Acesso em 13 ago. 2011.

GUZZO, M. **Risco como estética, corpo como espetáculo**. São Paulo: Annablume, 2009.

HEWARD, L.; BACON, J. U. **Cirque Du Soleil**: a reinvenção do espetáculo. Tradução de Cristina Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

JORNAL NACIONAL. **'Ouvi um pequeno estalo', diz Danielle Winits sobre queda em 'Xanadu'**. Publicado em: 30 jan. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/01/ouvi-um-pequeno-estalo-diz-danielle-winits-sobre-queda-em-xanadu.html>. Acesso em: 15 mar. 2012

LÜDORF, S. M. A. **Metodologia da pesquisa**: do projeto à monografia. Rio de Janeiro: Shape, 2004.

MARIN, J. **Les accidents en gymnastique**. Spirales, París, n.º 3, UFR – STAPS, Lyon, 1990.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, BRASIL, 1999, Manual item 5. Disponível em http://www1.previdencia.gov.br/pg_secundarias/paginas_perfis/perfil_Empregador_10_04-A5.asp. Acesso em 17 abr. 2011.

MORALES, G. R. **L'entraînement Acrobatique au Sein Du Cirque**. Paris: L'Harmattan, 2005.

NUNOMURA, M. **Ginástica artística**. São Paulo: Odysseus, 2008.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2005.

OLIVEIRA, L. **Quais foram os acidentes de circo mais bizarros da história?** Publicado em: 2012. Disponível em: http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/pergunta_287973.shtml. Acesso em 24 jul. 2010.

PEIXOTO, C. e FERREIRA, V. **A ajuda manual: atitude corporal face ao executante**. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, 1993.

PIETRO, Javier Paramio. El riesgo en la gimnasia deportiva desde un enfoque multivariable. En **Actas del V Encuentro de profesores y alumnos de gimnasia de los INEFS y FCAFD – INEFC** Castilla y León, 18 y 19 abril, 1997.

PORTAL G1. **Adolescente morre após acidente em parque de diversões no interior de SP**. Publicado em: 24 fev. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2012/02/adolescente-morre-apos-acidente-em-parque-de-diversoes-no-interior-de-sp.html>. Acesso em: 27 fev. 2012

PORTELA, M. **Acidente no circo deixa um morto e 4 feridos**. Publicado em 26 jun. 2007. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=446357>. Acesso em 20 mar. 2010.

QUERUBIM, M. O. **Marketing de circo**. Mogi das Cruzes: Oriom Editora, 2003.

RALPH, M.; PRITCHARD, O. What is happening to the teaching of Gymnastics in schools? **The British Journal of Physical Education**, v. 16 n. 1, 1985. p. 5-9.

RASCOV, E. **O filósofo voador**. São Paulo: Terceira Margem, 2009.

REYNOLDS, G. **What the Circus Can Teach Us About Sports Injuries**. Publicado em 30 mar. 2011. Disponível em: <http://well.blogs.nytimes.com/2011/03/30/what-the-circus-can-teach-us-about-sports-injuries/>. Acesso em: 17 fev. 2012.

RUSSEL, K. **fundamentos da ginástica e da literacia motora**. Lisboa: Federação de Ginástica de Portugal, 2010, 1.^a edição portuguesa.

SANDS, W. **Injury prevention in women's gymnastics**. Sport Medicine, vol. 30, n. 5, 3359-373, 2000.

SERRA, M. M. **Observación y análisis de la expresión motriz escénica, estudio de lça lógica**

interna de los espectáculos artísticos profesionales: Cirque Du Soleil (1986-2005). Barcelona, 2010.

SHRIER, I. et al.. Injury patterns and injury rates in the circus arts: an analysis of 5 years of data from Cirque Du Soleil. **The American Journal of Sports Medicine**. Disponível em: <http://ajs.sagepub.com/content/37/6/1143.abstract>. Acesso em 24 abr. 2012.

SILVA, E.; ABREU, L. A. **Respeitável público: o circo em cena.** Rio de Janeiro, RJ: FUNARTE, 2009.

SPINK, M. J. Posicionando pessoas como aventureiros potenciais: imagens de risco – aventura em matérias de revista. **Psicologia e Sociedade**, 20. p. 50-60, 2008.

STRAPAZZON, M. A. **Trapezista cai durante apresentação no circo de Marcos Frota e está em estado grave.** Publicado em 21 nov. 2011. Disponível em: <http://www.circonews.blogspot.com.br/2009/11/acidente.html>. Acesso em 19 abr. 2012

SZEGÖ, T. **Maquiagem não use nada vencido nem empreste produtos.** Publicado em: 2011. Disponível em: http://saude.abril.com.br/edicoes/0289/corpo/conteudo_250527.shtml?pag=1. Acesso em 19 Jan. 2012.

THOMAS, L.; FIARD, J.; SOULARD, C.; CHAUTEMPS, G. **Gimnasia deportiva: de la escuela... a las asociaciones deportivas.** Editorial Ágonos, Lérida, 1997.

ULTIMA HORA. **Delegado conclui que morte por choque elétrico em circo foi acidental.** Publicado em: 27 jun. 2007. Disponível em: <http://verdesmares.globo.com/v3/canais/noticias.asp?codigo=183467&modulo=967>. Acesso em: 01 abr. 2012

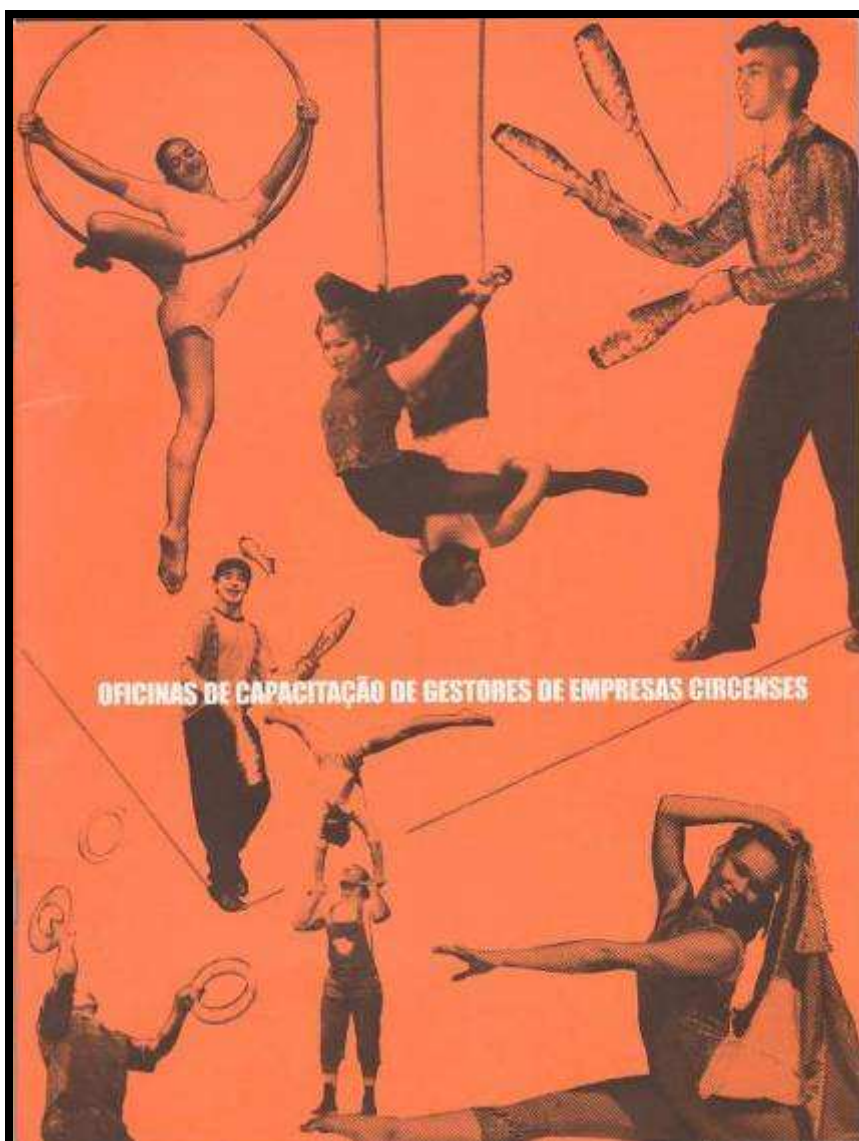
WALLON, E. (org.). **O circo no risco da arte.** (título original : “Le cirque au risque de l’art”). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

WILLIAMS, F. **10 Tragédias ocorridas em circos.** Publicado em: 2010. Disponível em: <http://listmoor.com.br/lista/acidentes-circos/>. Acesso em 07 Mar 2011.

ANEXOS

ANEXO 1: DOCUMENTOS QUE REVELAM A PREOCUPAÇÃO COM A SEGURANÇA EM DIFERENTES INSTITUIÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS:

- Cartilha da Funarte em que consta um módulo específico sobre segurança no circo:



- Trecho da *web site* da Escola Nacional de Circo (ENC) em que podemos notar que a montagem dos equipamentos com segurança é um dos objetivos que os alunos devem alcançar: (<http://www.funarte.gov.br/escola-nacional-de-circo-2/>).

Missão:

Preservar a tradição da Arte Circense por meio de seu ensino regular e sistêmico, criando um espaço cultural legítimo, aberto à reflexão e à experimentação.

Objetivos:

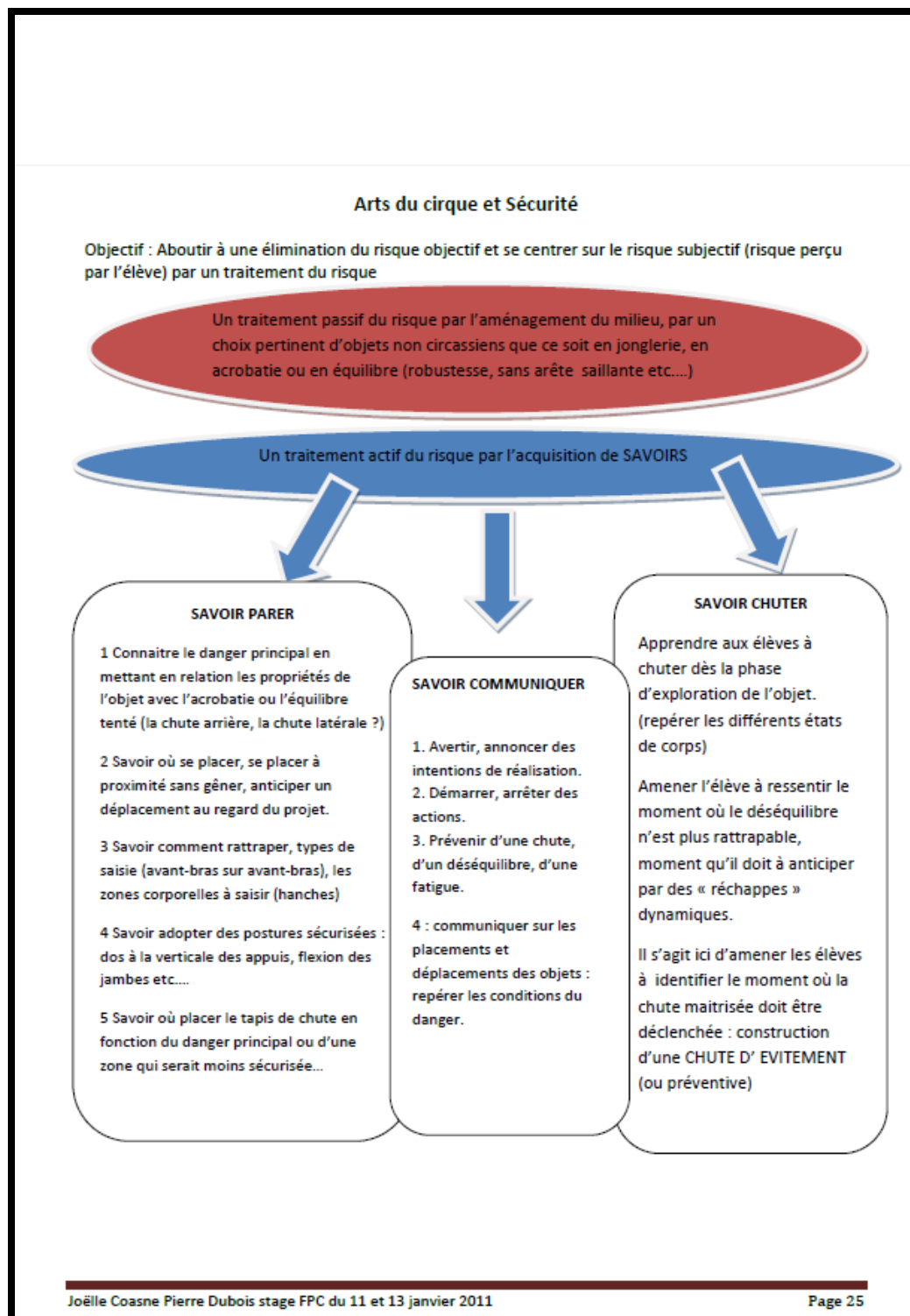
Formar o artista circense através do domínio de habilidades e técnicas, capacitando-o para:

- Elaboração e execução de números com excelência;
- Montagem de equipamentos com segurança;
- Organização do espaço cênico circense;
- Domínio dos fatores técnicos que interferem na realização dos espetáculos;
- Reciclagem e especialização de profissionais circenses do Brasil e do exterior.

- Capa de um manual da FEDEC (Fédération Européenne des Écoles de Cirque) sobre segurança:



• Trecho sobre segurança retirado de uma apostila de um curso francês de circo:



ANEXO 2: ROTEIROS DAS ENTREVISTAS

2.1 Roteiro das entrevistas realizadas com artistas



Titulo pesquisa: Segurança no Circo: Segurança nas artes do circo: questão de prioridade

Pesquisador: Diego Leandro Ferreira

Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto

ROTEIRO NORTEADOR - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Sujeito: Artista

INTRODUÇÃO: Conforme consta no TCLE

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E DOS OBJETIVOS PRINCIPAIS

Perguntas gerais:

1. Em primeiro lugar, o(a) senhor(a) poderia fazer uma breve apresentação pessoal (nome, idade, localidade de residência) e também artística (nome artístico, formação circense familiar/escola, principais circos, eventos ou empresas em que atuou, etc.)?
2. Que tipo de atividades o(a) senhor(a) realizava no circo?

Perguntas específicas:

3. Que tipo de formação o(a) senhor(a) recebeu para trabalhar como artista de circo?
4. O(A) senhor(a) poderia comentar um pouco sobre sua rotina de treino quando começou e atualmente?
5. O(A) (a) já se lesionou alguma vez? Como foi?
6. O(A) senhor(a) já presenciou algum acidente no circo? Conhece alguém que se acidentou?
7. Quais são os acidentes mais frequentes no circo?
8. Em sua opinião, quais as principais causas dos acidentes?
9. Em sua opinião, quais as consequências de um acidente para o circo?
10. Em sua opinião, seu trabalho é uma arte que oferece riscos? Quais?

11. Durante sua formação, foi tratado o tema do risco, dos acidentes e da segurança? Como?
12. Considerando sua experiência e as atividades que o(a) senhor(a) desempenha, o que poderia ser feito para melhorar a segurança no circo?
13. O(a) senhor(a) utiliza algum tipo de material de segurança em suas apresentações? Quais?
 - 13.1 Apresentaria ou treinaria sem esses materiais se fosse necessário? (perguntar apenas se a resposta da pergunta 13 for positiva)
14. Em caso de um acidente no circo, seja durante um ensaio, seja em um espetáculo, o que você recomenda fazer?
15. Enquanto artista, quais são suas responsabilidades quanto à segurança no circo?
16. Quem monta e desmonta seu material? Como ele é guardado?
17. Caso ocorra um acidente, qual é, em sua opinião, a melhor maneira de agir?
 - 17.2 Você recebeu algum tipo de formação para lidar com situações de acidente?
18. Enquanto artista, o que um acidente representaria em sua vida?

Finalização

19. Para finalizar, gostaria de fazer algum comentário com relação ao assunto em questão, ou seja, à segurança das práticas circenses?

2.2 Roteiro das entrevistas realizadas com montadores



Titulo pesquisa: Segurança no Circo: Apontamento e considerações preliminares

Pesquisador: Diego Leandro Ferreira

Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto

ROTEIRO NORTEADOR - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Sujeito: Montador

INTRODUÇÃO:

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E DOS OBJETIVOS PRINCIPAIS

Perguntas gerais:

1. Em primeiro lugar, o(a) senhor(a) poderia fazer uma breve apresentação pessoal (nome, idade, localidade de residência) e também artística (formação circense familiar/escola, principais circo, eventos ou empresas onde atuou, etc.)?
2. Que tipo de atividades o(a) senhor(a) realizava no circo:

Perguntas específicas

3. Que tipo de formação o(a) senhor(a) recebeu para trabalhar como montador(a) no circo?
4. O(A) senhor(a) poderia comentar um pouco sobre sua rotina nos procedimentos de montagem?
5. O(A) senhor(a) utiliza algum tipo de material de segurança nas atividades cotidianas? Quais?
6. O(A) senhor(a) se sente bem preparado para exercer a atividade de montagem?
7. O(A) senhor(a) já se lesionou alguma vez? Como foi?
8. O(A) senhor(a) realizaria suas atividades sem os materiais de segurança se fosse necessário?

9. O(A) senhor(a) já presenciou algum acidente no circo? Conhece alguém que se acidentou?
10. Quais são os acidentes mais frequentes no circo?
11. Em sua opinião, quais as principais causas dos acidentes?
12. Em sua opinião, quais as consequências de um acidente para o circo?
13. Considerando sua experiência e as atividades que o senhor desempenha, o que poderia ser feito para melhorar a segurança no circo?
14. Em caso de um acidente no circo, seja durante um ensaio, seja em um espetáculo, o que o(a) senhor(a) recomenda fazer?
15. Enquanto montador(a), quais são suas responsabilidades quanto à segurança?
16. No momento de um acidente, o(a) senhor(a) saberia exatamente o que fazer sem cometer falhas? O(A) senhor(a) recebeu algum tipo de formação para lidar com situações de acidente?
17. Enquanto montador(a), o(a) senhor(a) julga ser indispensável pelo menos um sistema de redundância (*backup*) em todas as atividades circenses? (fazer a pergunta apenas se o sujeito demonstrar conhecimento mínimo sobre o assunto)
18. Enquanto montador(a), o que um acidente representaria em sua vida?
19. Em sua opinião, o seu trabalho oferece riscos? Quais?

Finalização

20. Para finalizar, gostaria de fazer algum comentário com relação ao assunto em questão, ou seja, à segurança das práticas circenses?

2.3 Roteiro das entrevistas realizadas com professores



Título pesquisa: Segurança no Circo: Apontamento e considerações preliminares

Pesquisador: Diego Leandro Ferreira

Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto

ROTEIRO NORTEADOR - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Sujeito: Professor

INTRODUÇÃO: Conforme consta no TCLE

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E DOS OBJETIVOS PRINCIPAIS

Perguntas gerais:

1. Em primeiro lugar, o(a) senhor(a) poderia fazer uma breve apresentação pessoal (nome, idade, localidade de residência) e também artística (formação circense, familiar/escola, principais circos, eventos ou empresas onde atuou, etc.)?
2. Que tipo de atividades o(a) senhor(a) realizava no circo?

Perguntas específicas

3. Que tipo de formação o(a) senhor(a) recebeu para trabalhar como professor de circo?
4. O(A) senhor(a) poderia comentar um pouco sobre a rotina de suas aulas?
5. O(A) senhor(a) utiliza algum tipo de material de segurança em suas aulas? Quais?
6. Ministraria as aulas sem esses materiais se fosse necessário?
7. O(A) senhor(a) já presenciou algum acidente no circo? Conhece alguém que se acidentou?
8. Quais são os acidentes mais frequentes no circo?
9. Em sua opinião, quais as principais causas dos acidentes?
10. Em sua opinião, quais as consequências de um acidente para o circo?

11. Considerando sua experiência e as atividades que o(a) senhor(a) desempenha, o que poderia ser feito para melhorar a segurança no circo?
12. Em caso de um acidente no circo, seja durante um ensaio, seja na aula, seja em um espetáculo, o que o(a) senhor(a) recomenda fazer?
13. Enquanto professor(a), quais são suas responsabilidades quanto à segurança no circo?
14. No momento de um acidente, o(a) senhor(a) saberia exatamente o que fazer sem cometer falhas? O(A) senhor(a) recebeu algum tipo de formação para lidar com situações de acidente?
15. Enquanto professor(a), o que um acidente com o(a) senhor(a) ou com um aluno seu representaria em sua vida?
16. Em sua opinião, suas aulas oferecem algum tipo de risco?

Finalização

17. Para finalizar, gostaria de fazer algum comentário com relação ao assunto em questão, ou seja, à segurança das práticas circenses?

ANEXO 3: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Faculdade de Educação Física – Unicamp



Mestrado na Área de Educação Física e Sociedade. Tema: Segurança no Circo:

Apontamento e considerações preliminares

Pesquisador responsável: Diego Leandro Ferreira

Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto

Obtenção do consentimento

O pesquisador Diego Leandro Ferreira apresentará o TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) ao sujeito no momento da entrevista, e este documento será assinado pelo entrevistado na presença do pesquisador.

Justificativa da pesquisa

A “cultura de segurança”, isto é, um conjunto de informações técnicas e tecnológicas, que, transformadas em protocolos específicos para cada atividade do cotidiano do âmbito circense, podem minimizar significativamente os riscos, prevenindo acidentes e aprimorando a qualidade do trabalho no âmbito circense, pode auxiliar no alcance de diversos benefícios, por exemplo: um artista que segue algumas normas de segurança evita acidentes, evitando lesões, aumentando a longevidade da carreira e a qualidade do espetáculo. Todas as pessoas envolvidas com a atividade circense devem se preocupar com a cultura de segurança, a qual também promoverá a valorização e o respeito da imagem do circo perante a sociedade e principalmente a garantia da continuidade da cultura circense, afinal é notório que grande parte do público já não vê com bons olhos acidentes produzidos durante os espetáculos, se é que algum dia foi visto.

Objetivos da pesquisa

Este estudo tem por objetivo analisar os parâmetros básicos sobre segurança no âmbito circense, buscando ampliar nossos conhecimentos acerca da “cultura de segurança” neste tipo de prática, bem como contribuir com o escasso referencial teórico sobre este tema.

Procedimentos utilizados na pesquisa

O(A) voluntário(a) aceita participar da pesquisa por meio de uma entrevista semiestruturada, sabendo que terá a garantia de ter sua identidade preservada.

Este TCLE deve ser assinado pelo(a) voluntário(a) no momento da entrevista semiestruturada na presença do pesquisador. O voluntário receberá ainda uma cópia do TCLE.

Não há riscos previsíveis decorrentes da participação na pesquisa e não será oferecido nenhum benefício direto ao voluntário que poderá retirar o consentimento a qualquer momento do desenvolvimento dos trabalhos. Os dados aqui obtidos serão divulgados em forma escrita e/ou gráfica (sem o uso de imagens), e sua utilização fica restrita a esta pesquisa e as publicações dela derivadas.

Para contato com o pesquisador

Diego Leandro Ferreira – diego@educacaoofisica.com.br

Para contato com o Comitê de Ética em Pesquisa

Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 – Caixa Postal 6111, 13083-887, Campinas – SP
Fone (19) 3521-8936, Fax (19) 3521-7187 e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Eu, _____ aceito participar
como voluntário(a) desta pesquisa.

Diego Leandro Ferreira

Voluntário(a)

Campinas, ____ de _____ de 2011.

ANEXO 4: DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Categoria Risco (R): Entendemos que cabe nesta categoria toda situação de incerteza, possibilidade de algo dar errado. Conforme já definido, neste trabalho subdividimos o risco em Percepção individual (R1) e Percepção coletiva (R2), além do Risco no circo (R3),

Categoria Acidentes (A): Nesta categoria, encontramos todos os relatos de acidentes, subdividindo-os quanto à falha que o causou: humana (A1) ou de material (A2); as consequências para o circo (A3) de tais acidentes e também os procedimentos de emergências adotados no momento dos acidentes (A4).

Categoria Segurança (S): Nela constam todos os apontamentos feitos relativos aos meios de se evitar acidente, controlar e diminuir riscos. Subdividimos essa categoria em materiais relacionados com a segurança (S1), formação de pessoas (S2) e procedimentos (S3), além de dividir também a segurança individual (S4) e coletiva (S5).

Categoria Outros temas (OT): Unidades de significado que não se encaixam nas categorias anteriores, mas que de alguma forma são relevantes para a pesquisa.

ANEXO 5: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS:

- Entrevista realizada com a artista Marieta²⁹

Apresentação

Meu nome é Marieta, tenho 28 anos, sou nascida em Campinas. Comecei o circo em 2001, fiz GA desde os 9 anos e quando eu entrei na faculdade, quer dizer, um pouco antes de entrar na FEF eu comecei a fazer circo com um grupo, e quando entrei na faculdade comecei a trabalhar com eventos. Atualmente estou no num das maiores cias de circo desde de 2005.

Como foi a sua formação para trabalhar com circo?

Eu comecei na ginástica artística, acho muito importante isso apesar de não ser circo, porque o esporte me deu uma base muito grande para crescer no circo de uma forma rápida. Em 2001, 2002 um grupo de amigos que estudavam na comigo me convidou para fazer parte desse grupo de acrobacias, banquine, e pirâmides, e aprendi muito com eles, então não tive escola de circo, depois comecei começar treinar aéreos com um parceiro, então, eu tive também grandes professores e essa foi a minha formação. Agora no hoje, com os treinadores atuais aprendi muita coisa e continuo aprendendo, então acredito que essa foi a minha formação para chegar aonde eu cheguei.

Que tipos de atividades você realiza no circo, que já realizou e o que realiza agora?

Fiz banquine, mão a mão, depois passei a fazer trapézio fixo, malabares, com isso aprendi perna de pau e monociclo, também cheguei a fazer apresentações, Hoje faço corda, bungee, body loop, trampolim, simples, mas faço também, e hoje também, acho importante citar que eu sou backup, uma posição de reserva de uma caracter, personagem, que é uma senhora brasileira que faz esse papel e eu sou a reserva dela, então é só encenação, não tem nenhuma acrobacia, que é uma coisa nova que eu passei a fazer, que com caracter eu tenho a experiência hoje em dia, e também no body loop faço uma caracter reserva também, que tem também uma grande parte de encenação, então eu passei a fazer isso também além das acrobacias.

²⁹ Lembramos mais uma vez que os nomes aqui utilizados se tratam de pseudônimos.

Você poderia comentar um pouco da sua rotina de treino hoje em dia e antes da atual fase?

Quando eu comecei foi uma transição interessante do esporte para o circo, porque no esporte a gente tem um horário fixo com o clube, os treinadores e as competições também, No circo por não estar numa escola, não ter treinador, ficava muito a opção minha e do meu parceiro ou do meu grupo, então a gente pegava o melhor horário para todo mundo, então não era tão rígido como no esporte. Mas não por isso a gente deixava de treinar muito, então no esporte era 6X por semana, uma média de 4/5 horas por dia, no circo passou a ser, quase todo dia, um pouco diferente, talvez duas ou três horas, alguns dias com uma hora, era um pouco mais variável. Aqui é variado. Quando cheguei lá para aprender tudo, tinha muito treino e pouco show, porque ainda não estava no show, então era treino todo dia, uma média de 3 horas por dia, no máximo. Porque lá tinha muitas outras coisas que eu não tinha enquanto estava aqui, como, prova de figurino, aprender a maquiagem, papelada para assinar, então tudo isso vinha junto além do processo de treinamento. Depois que eu entrei no show mudou essa carga de treino, porque fazendo o show a minha especificidade já tava sendo praticada cada show, então, os treinos eram mais, uma prova de figurino, teste no palco, uma luz, um artista novo que chega, a gente tem que treinar para o artista novo ser integrado no show, ao pegar os artistas reservas a carga de treino aumentou muito porque eu estava aprendendo um outro papel. Então eu tinha os shows mais a carga de treino para aprender o ato novo, então ficava pesado, e fica por conta do artista lá fazer a preparação física, então eles oferecem um preparador físico, de musculação, e Pilates, então fica a opção do artista se cuidar, então por um bom tempo eu fiz uma vez por semana musculação e o Pilates, para não se machucar, manter a forma, e eles não obrigam você, mas eles esperam que você se cuide dessa maneira. Então não tem como eu te dizer a carga de treino por dia, é variado, a partir do momento que você está no show as razões dos treinos são variadas então o tempo também é variado.

Você já se lesionou alguma vez?

Isso faz parte do dia-a-dia. Nunca tive nada sério, a ponto de fazer cirurgia, já quebrei o braço na ginástica, quando tinha uns 10 anos. Depois que fui para o circo, tive várias lesõezinhas, uma mais marcante foi no punho, foi uma tendinite, então demorou 2 meses para ficar bom 100%, pela inflamação e tudo mais. Tive um espasmo no pescoço e nas costas que fiquei duas semanas fora também, tive também uma torção no joelho, fiquei modificada no show, não conseguia fazer tudo, demorou 01 mês. Acabei de voltar de uma inflamação no quadril, fiquei um dia fora do

show. Então assim, lesões fazem parte do dia-a-dia.

E acidente? Você já presenciou algum acidente ou já se acidentou?

Nunca me acidentei graças a Deus, que eu me lembre aqui, já aconteceram quedas, mas acidente nunca aconteceu comigo, Já ouvi histórias, mas presenciar acho que não.

E essas quedas que aconteceram foram de aparelho?

Recentemente uma queda no tecido, foi talvez, não tive explicação suficiente para evitar qualquer tipo de risco, então na chave eu tinha que abrir a perna em certo ângulo, então eu não sabia disso, e por não ter feito no ângulo certo a trava não travou, mas tinha colchão, então não me machuquei. Cai meio em cima do ombro, mas não aconteceu nada além do susto. Aqui no Brasil uma das razões, eu imagino a falta de lonja, que hoje em dia até imagino que já está mais divulgada, conhecida, mas quando eu comecei não era tão, então a estrutura não tinha uma lonja, então as quedinhas, relacionamente pequenas poderiam ter sido evitadas, pensando hoje naquela época. Graças a Deus nunca aconteceu um acidente, mas poderia ter acontecido pela falta de uma lonja. E no circo aqui no Brasil, acredito que a falta de treinador, de escola, e porque nossos treinos era eu e meu parceiro, e a gente fazia o que sabia, olhava em vídeos, então a falta de um treinador para estar do lado, segurando, falando, também, hoje olhando para trás, eu vejo que, fez muita falta. Por sorte nunca tive um acidente grave, mas vejo que isso seria fundamental para evitar até acidentes pequenos.

Em sua opinião, quais são os acidentes mais frequentes no circo?

Acho que tem um lado humano, os erros humanos acontecem, podem gerar acidentes gravíssimos, e ao mesmo tempo a automação, acho que eu vejo muito erro de automação, inclusive no meu emprego atual, o que eu escuto falar de acidente, tem os acidentes humanos, errou a chave, confundiu a chave, mas eu tenho a impressão de que a maioria dos acidentes graves que acontecem é automação, o que assusta, porque sai do controle do artista. Não sei, estou um pouco por fora no Brasil, como está o nível de automação, mas lá, tem muita automação, então se um aparelho está indo muito rápido, ou girando muito rápido, o artista está sem condições de segurar, isso vai gerar um acidente. Porque às vezes a automação é regida por um ser humano, então também é uma mistura, tem também o erro humano. Acho que de certa

forma, por trás, sempre têm o erro humano.

Em sua opinião quais são as consequências de um acidente para o circo, seja ele grande, seja pequeno?

Eu acho que a pior consequência é para quem sofreu o acidente, seja um artista ou um trabalhador, se ele sofreu o acidente ele vai ter consequências que podem ser para a vida toda, pode ser um trauma que você pode parar de trabalhar. E para o circo, se você ouvir que aconteceu um acidente, se você ouvir uma notícia na TV, jornal, ou até boca a boca, isso gera para o circo um impacto ruim, fica mau visto, falta de segurança, o perigo. Até antigamente com os animais, vamos dizer, o acidente de um animal que mordeu uma criança, péssimo né, a reputação de um circo fica muito ruim após um acidente, seja ele qual for.

Em sua opinião, o trabalho que você realiza hoje oferece riscos? Quais?

Com certeza, só de você estar trabalhando em um circo você está correndo um risco. Eu tenho consciência disso, até no chão você tá correndo risco de que algo aconteça com você. Então o profissionalismo é muito importante, se você é um artista profissional, com experiência, a atenção daquele artista no momento que ele pisa no palco, da parte dele, tem que ser 100%, para ele evitar todos os riscos de acidentes possíveis. Então oferece risco sim, risco total. Quando você está fazendo uma acrobacia, está ali o risco, então é uma atividade de risco, na altura, no trampolim, e também riscos que você nem imagina, por exemplo, lá no show hoje tem o palco, que é um monstro, o risco de você cair num buraco, se você não está atento alguém tromba e você cai num buraco, vai ser um acidente feio. Então tem o risco da sua acrobacia, da sua especialidade, o palco, o que ele oferece, até palcos menores, se cai um aparelho, pesinhos, saco de areia, por alguma razão soltou a caiu, o risco de acidente está ali presente mesmo. E riscos de colisões durante um show, às vezes, até correndo, não precisa nem estar no ar, você pode estar correndo, outro artista também e pode gerar um acidente. Então como eu falei o profissionalismo, é muito importante para o artista evitar da parte dele as possibilidades de um acidente, e o risco é grande, o tempo todo.

Durante a sua formação, foi tratado o tema risco, acidente e segurança no circo de alguma forma?

Aqui no Brasil muito menos. No meu emprego é um dos assuntos mais falados, e eles têm como Cia, vejo e fico feliz por isso, apesar de não ser perfeito, e acho que a perfeição não existe pelo fato de nós sermos seres humanos, e existem erros e possibilidades de erro o tempo todos, mas lá isso é um fato que me deixa feliz, pq segurança lá é muito falado, durante o show nós temos os technicians, os riggers, eles colocam os mosquetões na gente, a gente não encosta no aparelho pela segurança, tem pessoas que estão ali treinadas para isso, para garantir a segurança, erros são humanos, mas eles tentam de todas as maneiras evitar isso, tem um departamento só para colocar os equipamentos em você, conferir, Se você tem uma cadeirinha, eles inspecionam antes do show, conferem, se tem dois show, conferem duas vezes. Qualquer dano que você vê, eles vão olhar, conferir, te dar uma resposta. Aqui no Brasil, infelizmente nunca ouvi falar sobre segurança, os meus professores me ensinavam como fazer para colocar um aparelho, da melhor maneira possível, mas não tinham um respaldo incrível sobre segurança. Tanto que no Circo que trabalhei no Brasil, eu pus cabos, eu não sei qual era a frequência de inspeção, eu lembro que uma vez eles subiram e viram que o cabo estava sem condições de fazer o número de trapézio porque estava sem o pendulo, então, uma coisa dessas, às vezes você nem parou para pensar, eu sei que foi também uma falha minha, mas por falta de informação, noção. Então fico feliz pela pesquisa porque é um tópico muito importante.

Considerando a sua experiência, o que você acha que poderia ser feito para melhorar a segurança nas artes do circo no Brasil?

Acho que informação, através de uma pesquisa como essa, de livros, para os professores que isso seja uma espécie de currículo obrigatório, porque um aluno, um artista iniciante não tem obrigação, por uma falta de informação de saber os riscos e saber o que fazer em termos de segurança, então acho que os treinadores e professores tem o dever de passar essa informação para os aprendizes. Além de pesquisas, livros, informações na internet, vídeos na internet, que seja divulgado para todo mundo, uma *web site* que informe sobre isso, qualquer meio de comunicação hoje em dia que possa atingir as pessoas do circo. Tenho certeza que a segurança é um fator essencial, primordial para os alunos, principalmente para os professores que vão ensinar os alunos, é questão de risco de vida, é fundamental.

Você utiliza algum tipo de material de segurança nas suas apresentações?

Em um dos meus números é feito com Harnês, uma espécie de cadeirinha, então o risco é de colisão, de pegada errada, deslocar o ombro, porque estou pendurada por essa cadeirinha. Na corda não tenho segurança, porque a ideia é essa né, fazer o público ficar impressionado com a altura que a gente está sem segurança. No body loop também não tem segurança porque, é aquela coisa né, você não vai ter a cadeirinha em todos os números, cabe a você ter um treinamento adequado e durante o processo de aprendizagem do seu ato ter a segurança adequada para chegar a um nível que você está seguro para fazer aquilo sem cadeirinha ou lonja. No trampolim também não, eu faço só uns flicks também, não tem como ter uma cadeirinha, mas todos os aparelhos são inspecionados e essa parte eles fazem a segurança, e o risco de um acidente por erro meu é constante.

No caso de um acidente no circo durante um ensaio, espetáculo ou qualquer outra situação, o que você recomenda fazer?

Eu acho que não sou uma pessoa habilitada para falar sobre isso, tive primeiros socorros na faculdade, mas não foi suficiente para eu ter segurança para colocar a mão em uma pessoa acidentada, então não sou habilitada por falta de preparo meu. No meu atual emprego tem uma equipe de primeiros socorros, qualquer um pode se inscrever, tem prova, treinamento, simulação, eu não faço parte dessa turma porque eu morro de medo, não posso ver osso quebrado, sangue. Mas teria que fazer um curso, estudar, ou então liga para uma ambulância, pede socorro, mas eu não aconselho mexer se você não tem informação suficiente.

Enquanto artista, quais as suas responsabilidades na segurança no circo?

Muito importante essa parte, a responsabilidade do artista é fundamental, afinal é a sua vida. Temos os riggers que colocam o mosquetão na gente, eles conferem, eu confiro de novo. Quando eles vão colocar a minha corda no mosquetão, eu estou olhando eles colocarem, e eu vejo que alguns artistas não fazem isso, mas eu vejo que é fundamental o artista saber do que ele tem que cuidar então você como artista tem o dever de, pela sua própria vida, tudo o que está a seu alcance você conferir duas vezes, e se não tem quem confira para você, você tem que ter dever total de conferir. Você tem que ter noção total da sua responsabilidade porque é sua vida que está em risco.

Quem monta e desmonta seu material e como ele é guardado?

No meu emprego atual tem esse departamento, então eles que cuidam disso para gente. A gente fica bem mimada lá, porque a gente tem muita assistência, se um dia você sai dali você tem que se informar e observar, porque eu observando estou aprendendo, mas teria que fazer um curso, porque lá tem as pessoas que cuidam disso para gente.

E como artista, o que um acidente representaria na sua vida?

Nossa, eu até procuro nem pensar sobre acontecer um acidente, porque seria o fim de uma carreira, ou um trauma tão grande que talvez, eu não sei a dimensão da consequência porque eu nunca tive um acidente grave. Mas dependendo do grau do acidente seria o fim da sua carreira e ainda com sorte não deixando lesões para o resto da sua vida, então, dependendo do nível do acidente vai ser para sempre. Se for um acidente menor, tudo bem, você vai ter a consciência de; poxa agora vou ter mais cuidado, mas acho que a gente tem que evitar chegar nesse ponto de só aprender depois do acidente. Apesar de não gostar de pensar sobre acidente, é uma realidade constante, tenho consciência disso, e da minha parte procuro conferir duas vezes, ficar atenta a isso, porque sei que pode afetar minha vida para sempre, até quando eu deixar de ser artista.

Você falou do número da corda, que a intenção é exatamente que o público veja a altura em que vocês estão e sintam o risco. Você acha que sempre o risco a que o público imagina que vocês estão se expondo é realmente ao que vocês estão se expondo?

Nesse ato sim, realmente é. É uma altura de aproximadamente 15 metros de altura, na verdade o que eles estão vendo é menos alto do que realmente é, porque tem um buraco que eles não veem a profundidade, do palco para baixo tem mais 5 metros. Então o que eles veem é ainda piorado, eles não veem, mas a gente sabe. Algumas vezes tem o efeito visual, você está numa cadeirinha e parece que o risco é incrível, mas você está preso pela cadeirinha, mas algumas vezes é o risco real sim.

Para finalizar, você gostaria de fazer algum comentário sobre o assunto?

Estou muito feliz pelo tema, honrada de estar fazendo parte dessa pesquisa, agradeço mesmo pela oportunidade, fico feliz de ver as pesquisas no Brasil sobre esse assunto. Segurança, falei e

repito: é primordial e fundamental, acho que tem que ser currículo obrigatório de quem pratica circo e todas as partes, do artista, treinador, empresa que produz o espetáculo, todo mundo tem que ter informação sobre isso na sua dimensão, por exemplo, eu, como artista, não tenho conhecimento sobre automação, mas tenho uma equipe que tem esse conhecimento e que me passa a confiança de que eles estão me dando essa segurança, então acho fundamental de todas as partes que envolvem o show, uma apresentação que as pessoas tenham confiança, não existe contar com a sorte, rezar para não ter acidente, se a gente não fizer com consciência a nossa parte com relação a segurança, é fundamental. É triste de ver os acidentes que de forma banal acontecem, alguns não temos controles, mas aqueles que são possíveis, é triste, lamentável ver que acontece por falta de cuidado por uma dessas partes que estão envolvidas, é primordial. Fico muito feliz com esse trabalho, esse tema é fundamental para que o circo possa crescer e que as pessoas tenham segurança desde uma academia, escolinha, coisa simples até um show incrível cheio de aparatos, não importa a segurança tem que existir, em qualquer nível de espetáculo, acrobacia, de show, não interessa, tem que existir em todos os níveis da pratica do circo.

- Entrevista realizada com o artista Fábio:

Apresentação

Meu nome é Fábio, tenho 38 anos, sou artista circense há 10 anos. Sou artista circense há 10 anos, mas antes disso já atuava em outras áreas. Tenho DRT de ator caracterizador, trapezista, palhaço e pirofagista. Trabalhei no Moscou, no circo Raquimer, em empresas como Unilever, 3M, hotéis também, The Royal Palm Plaza, Bourbon.

Como você entrou no mundo do circo?

Eu entrei no circo através da minha atual esposa, Ela tinha começado a fazer tecido circense, estava no comecinho e eu já atuava em discotecas, casas noturnas, como pirofagista. Em um desses trabalhos a gente se encontrou, trabalhamos juntos. Ela queria que eu entrasse para o grupo dela, e começamos a treinar juntos. O grupo foi crescendo e nós íamos treinando, a primeira modalidade que eu comecei a trabalhar foi acrobático e depois começamos a trabalhar com um Double trapézio.

Quais são as principais atividades que você realiza na área do circo?

Eu sou porteau, então a minha modalidade é tudo que envolve a portagem, então portagem de balsa, de trapézio, número acrobático de Dands. É mais a portagem mesmo, e atualmente mais a acrobática e o trapézio mesmo.

Que tipo de formação que você recebeu para trabalhar como artista de circo?

Na verdade a formação foi a experiência que os mestres passaram para nós, e eu acho também que essa coisa de formação é meio complicada. Eu não acredito que seja uma formação, o artista na verdade tem os caminhos, tem os mestres, mas não é a formação que faz o cara virar um artista, e sim a vontade e a perseverança. Na verdade quem faz o artista é o povo, porque o povo que faz você ser um artista, não é você quem define que é artista.

Como é sua rotina de treino de quando você começou e atualmente?

Quando eu comecei a gente treinava e eu sentia muita dor, porque o corpo tem que se adaptar e antes de começar a vida circense eu fui atleta de alto nível de supino e eu tinha muita massa

muscular, eu achava que isso seria fácil para mim, só que eu só tinha explosão e não resistência, meu corpo não estava preparado para isso. A minha rotina era muito mais continua, depois que eu atingi um certo ponto eu treinava a semana toda e descansava sábado e domingo quando não tinha trabalho. Hoje em dia eu treino três vezes por semana, é pouco, mas é o que sobra porque tenho que administrar a minha empresa.

Você continua fazendo aula? Ou treina por conta?

Atualmente treino por conta, mas sempre tem os amigos que a gente troca uma ideia sobre algum truque diferente e os mestres que vão estar sempre na nossa vida e a gente está sempre lá pedindo uma ajuda para eles.

Bom, os mestres, pelo que você está falando, tiveram um papel importante pelo menos no alavancar da sua formação?

Na verdade os mestres nem sempre são aqueles pessoas que ficam te ensinando, mas o fato de você conversar com eles você aprende muito, porque são pessoas que estavam no circo, nasceram no circo, então eles tem muita coisa para passar para gente, então o fato de conversar com eles já é um grande aprendizado.

Você comentou que antigamente sua rotina de treino era mais intensa e hoje é um pouco menos intensa. Você já se lesionou alguma vez treinando ou se apresentando?

Eu me lesionei, e a minha lesão foi imprudência minha. Os meninos estavam treinando e eu estava com o corpo totalmente frio, e eu os subestimei. Eles estavam fazendo crucifixo na faixa, e eu não sou mais um menino, fui fazer e rompi o peitoral menor. Uma outra é que depois de ter rompido o peitoral menor eu lesionei o ombro porque eu tive que continuar trabalhando e acabei tirando a força de um lado e jogando para o outro e acabei machucando o outro.

Como é sua rotina de treino? O que você começa fazendo?

Geralmente eu dou uma aquecida, me alongo, alongo principalmente ombro, coxas. Dou umas balançadas e penduradas no trapézio. Passamos a sequência primeiro de solo e depois passamos algumas vezes as sequências do trapézio. Primeiro a gente treina os números aéreos e depois a gente vai para o solo, porque aí você está com energia para treinar os aéreos, que é um número de

risco. Depois descemos para o solo para treinar o resto das coisas com o resto da energia que sobrou.

Faz bastante tempo que você está trabalhando com circo, trabalhando em vários âmbitos.

Você já presenciou algum acidente do circo?

Já presenciei e foi bem chato, na verdade foi imprudência do rapaz, misturar bebida com esse tipo de trabalho. Esse rapaz fazia o homem aranha, ele era um ótimo acrobata, mas ele bebeu e foi subir no mastro, e com pouco reflexo ele acabou caindo do mastro, e fraturou costelas, perna e outras partes do corpo.

Tem algum outro acidente que você já presenciou ou conhece alguém que já presenciou?

Eu fiquei sabendo de um amigo nosso, que ele foi montar o trapézio dele em balanço em uma piscina, e lá em cima ele tomou um choque. Ele estava sem cadeirinha, sem nada e ele caiu de lá de cima. A sorte dele que tinha uma pessoa embaixo e empurrou ele para a piscina.

Em sua opinião, quais são os acidentes mais frequentes no mundo do circo?

Autoconfiança é um acidente. As pessoas acham que só pelo fato de você ser um artista circense você é uma pessoa que sobe em qualquer lugar, não tem medo de altura, é o super-homem. E na verdade não é bem assim, você tem que tomar as medidas de segurança. Então às vezes a pessoa tem muita autossegurança, “Vou subir, não precisa por cadeirinha não”, e em uma dessas você pode se dar mal, porque nos somos seres humanos não máquinas, e pode acontecer de fadigar um músculo ou tomar um choque, como esse meu amigo tomou e cair. E dependendo da altura que você cair não tem como você se safar de acontecer alguma coisa grave com você.

Você acha que esse tipo de atitude que você falou, de não querer colocar equipamento às vezes até pela praticidade de subir sem, é comum no mundo do circo?

É super comum, primeiro porque tem artista que acha bobeira isso, acha que não vai acontecer nada com ele, e também não quer gastar com equipamento. E também pelo fato de que alguns vão tirar sarro da cara dele, mas ele sabe que está errado, mas ele não faz porque não quer pagar mico com os amigos. Mas é super comum, no circo isso acontece muito, demais.

E na sua formação, seus mestres, ou até mesmo colegas que treinavam com você, comentaram sobre o risco, o acidente ou a segurança dessas atividades?

Olha, os meus mestres circenses tem os métodos deles, que eles aprenderam daquele jeito, e eu respeito, mas eu tenho outros amigos que trabalham com a parte de alpinismo, de exploração em caverna e é um método mais seguro, tem os equipamentos apropriados, não é uma corda de sisal, tem os mosquetões, são equipamentos preparados para isso mesmo.

Então eu respeito os métodos circenses, mas não são tão seguros, que eu não acho tão seguros, eu fico com o pé atrás. Então eu acabo indo para o lado mais certo, que é o lado dos equipamentos que realmente foram feitos para isso.

Considerando as atividades que você faz como artistas, o que você acha que poderia ser feito para melhorar a segurança no circo?

A primeira coisa era a conscientização das pessoas, parar com essas comparações “eu sou de circo, você não é”, porque isso já dá uma distanciada nas pessoas porque as pessoas dizem assim “porque é que eu vou aprender com aquele cara, eu sou de circo, eu nasci no circo, não preciso aprender nada”, e não é bem assim, a gente tem que estar sempre aprendendo com todo mundo, não interessa se a pessoa é de circo ou não é, o aprendizado é válido para qualquer hora e qualquer lugar. Então acho que a primeira coisa é essa aceitação de ambas as partes, tanto a aceitação dos circenses como a aceitação do não circense, essa aceitação é primordial, pois assim fica muito mais fácil de um aceitar o outro. É lógico que isso não é, não estou classificando todo mundo, mas a maioria tem essa dificuldade.

Você usa algum tipo de material de segurança nos seus números? Quais?

Sempre utilizo. No número da pirofagia, geralmente eu utilizo um extintor, e uma pessoa que conheça meu número. Geralmente minha esposa faz comigo, ela é partner e como ela conhece meu número ela vai saber se deu alguma coisa errada. Deixo também atrás da coxa uma estopa molhada e os abafadores do fogo e sempre dou uma olhada no local para ver se tem muitos tecidos, e eu já antes de entrar no número eu dou uma borrifada d’água nos tecidos, porque eu tenho segurança no que eu faço, mas acidentes acontecem.

No número de trapézio, como eu faço Double trapézio, são duas pessoas, é meio complicado você colocar lonja, porque não dá, é o tempo todo se entrelaçando um no outro, então não dá

certo a lonja, então a gente trabalha com colchão, mesmo a gente sendo maduro sempre tem um colchão embaixo para evitar uma queda e cair direto no colchão.

Se fosse necessário, você treinaria ou apresentaria sem esses materiais de segurança?

Eu acho que não tem necessidade disso, eu faria o máximo para não apresentar, mas, é complicado, eu prefiro apresentar com o colchão embaixo porque não to colocando em risco só eu, mas todos que estão me assistindo, então eu acredito que eu não me apresentaria.

Qual é o procedimento quando alguém liga para vocês para contratar alguma apresentação com relação à segurança?

Então, a gente é uma empresa, então a gente nunca fala de primeira que será possível fazer. Primeiro a gente faz uma visita técnica, nessa visita a gente vê qual é a estrutura do local, se suporta aquele peso, a logística de entrar e sair colchão, se é alto ou baixo, se precisa de ponto de ancoragem, etc. E depois a gente passa o orçamento e no contrato vem as regras do que é preciso.

No caso de um possível acidente no circo, nos ensaios ou espetáculos, o que você recomenda fazer?

Se a pessoa não tiver noção nenhuma de primeiros socorros ela não deve mexer na pessoa e ligar para uma ambulância ou para o bombeiro socorrer. Porque você não sabe se a pessoa fraturou alguma vértebra ou alguma coisa, então você não mexe na pessoa, isso se for um tombo do trapézio ou tecido, enfim. Agora se for fogo, se a pessoa pegou fogo, a primeira coisa é abafar o fogo, não jogar água no ferimento e entra em contato com um órgão responsável.

Enquanto artista, quais são as suas responsabilidades quanto à segurança no circo?

Olha, eu enquanto artista, sempre que estou entrando em cena ou no picadeiro eu não visio só a minha segurança, mas também a segurança dos meus amigos que estão trabalhando, dos outros artistas. Então a primeira coisa que eu falo para o pessoal, para os barreiras, é limitar o espaço para as pessoas não ficarem circulando, e tentar ficar concentrado. Porque o artista tem um problema, o artista mesmo, que acredita no que ele está fazendo, toda vez que ele vai entrar, ele pode ter 200 anos de circo, ele sempre vai ter aquele friozinho na barriga. E esse momento é para o artista se concentrar ou para todos os artistas se concentrarem numa energia de

responsabilidade. Eu acho que esse momento em que todos ficam de mãos dadas, mandando uma energia positiva não é só uma energia espiritual, é chamar a responsabilidade dos artistas naquela hora. Pensando “Eu estou aqui para fazer alguma coisa diferente, estou aqui para mudar, para passar uma coisa boa para o público”, então isso é uma coisa primordial, porque isso chama o artista para a realidade.

Quem monta e desmonta o seu material?

No meu caso, eu e a minha esposa geralmente, e quando é um lugar muito difícil que precise de uma técnica mais profissional de um rapel ou alguma coisa de escalada, daí eu contrato outra empresa. Mas geralmente somos nós, nós temos cadeirinha, um básico de segurança em altura, e a gente até prefere que seja nós porque a gente sabe o que precisa para poder amarrar, se você tem uma viga com quina, temos que colocar uma faixa de proteção, então tem todos esses aparatos técnicos que a gente prefere nós mesmos colocar os aparelhos.

Como esse equipamento é guardado quando vocês não estão usando?

Eles ficam guardados em case, cada material tem um case. Porque primeiro, o trapézio é feito de corda de algodão e essa corda apodrece muito fácil se ela ficar muito tempo entre sol e chuva ela apodrece. E geralmente, dentro do nosso trapézio tem um cabo de aço, que seria um cabo de segurança, que passa dentro da corda e é amarrado no trapézio.

E os outros materiais?

Estão todos separados em case. O material de pirofagia fica guardado em um frasco bloqueado para ele mesmo, o amianto eu troco de 6 em 6 meses, e o amianto é muito tóxico, então agora a gente tá tirando o amianto e deixando o Kevlar e de 6 em 6 meses tem que trocar para evitar que ele desfaça e saia voando nos outros.

Esse material de pirofagia, como você o identifica? Como você o transporta?

Eu uso a isoparafina, que é um derivado da parafina, ele não tem gosto e não tem cheiro, é para usar mesmo para ambiente fechados, mas ele é tão perigoso, tão tóxico como o querosene. Eu acho até mais tóxico porque a querosene você sabe o quanto ingeriu, a isoparafina não. Então para o cara chegar a cuspir com isoparafina o cara tem que estar bem profissional. Eu levo ele

num frasco que vende para levar produtos químicos que é a prova de fogo e só sai a quantidade que você quer usar. Mas eu levo tudo em case, tem o case do bastão, o dos produtos inflamáveis e etc.

Caso ocorra um acidente, qual é a melhor maneira de você agir, em sua opinião?

A primeira coisa que eu faria é colocar as pessoas em segurança, pegar o extintor para apagar. Mas a primeira coisa é colocar as pessoas em segurança, evacuar o lugar, porque o primordial são as pessoas, depois vemos o que fazer com o resto. Porque não adianta você tentar apagar o fogo de imediato, só se ele estiver no começo.

Você recebeu algum tipo de informação para lidar com situações de emergência?

Sinceramente Não, eu sou muito curioso, eu tenho bastante amigos que já fizeram curso de segurança, então eu fico só na curiosidade perguntando para um ou para outro, mas curso mesmo em si eu nunca fiz não.

O que você acha que causa fascínio no público nas apresentações que você faz?

É o perigo né, no circo é sempre o perigo né. Do trapezista é a tensão de ele cair, do pirofagista de ele se queimar ou queimar alguma coisa, acho que é isso o medo da sensação da altura, do fogo, do calor. Acho que é isso, causa essa adrenalina no público.

Você falou desse perigo que fascina o público. Você acha que as atividades circenses o circo em si são uma atividade de risco?

Olha, para o público é, porque é até engraçado as pessoas perguntam “o que você faz?”, e você diz que é artista circense e eles falam, “nossa é perigoso demais”, então as pessoas não sabem o trajeto para você chegar a ser um artista circense, ou um outro artista, então para eles é surreal, mas a gente vive daquilo, então a gente tem todo um cuidado, a gente tem que estar preparado para fazer aquilo, eles acham que a gente é louco né. Mas eu acho que o público pensa isso mais por falta de conhecimento.

Mas você acha que as apresentações que você faz, para você, elas oferecem risco?

Risco acredito que não, as minhas apresentações eu acredito que não tenham risco. Apesar que acidente pode acontecer em qualquer lugar, mas eu faço de tudo para que não aconteça isso, por isso que a gente tem essa rotina de treino, mas é uma coisa de risco né, porque você está numa altura então você pode cair, se você esta mexendo com o fogo pode se queimar, então por isso existe o risco, e é isso que deixa fascinante.

Como artista o que um acidente representaria na sua vida?

Para um artista dependendo do acidente pode ser o fim da carreira, mas a gente tenta não pensar nisso muito não. Mas se você machucar, dependendo da lesão você não volta mais. Mas o artista circense tem essa coisa né, se o cara é trapezista e machucou o ombro, ele passa a fazer outra coisa. Meu mestre era um ótimo trapezista, volante, machucou o ombro e foi para o icário, que ele só usa as pernas.

Para finalizar, você gostaria de fazer algum comentário com relação ao que a gente falou?

O que eu quero dizer para as pessoas é serem mais humildes e abrirem a cabeça porque conhecimento nunca é demais. É bom você ter conhecimento, amigos que você troque ideias, porque segurança nunca é demais, custa você colocar uma cadeirinha? Custa você verificar seus equipamentos para ver se eles estão bons? Isso é primordial, então peço para as pessoas tomarem cuidado com os seus aparelhos, pois não vai estar só se agredindo, mas agredindo também o publico, porque se o artista não respeita a si mesmo ele também não respeita o publico e se não respeita o publico não merece ser artista.

Para a imagem das artes circenses, um acidente ou mesmo uma situação de alguém fazendo uma instalação sem segurança, como isso seria visto pelo público?

Uma irresponsabilidade, o cara deixa de ser artista e passa a ser louco. Quando sair tudo bem, beleza, mas quando acontece o contrário as pessoas acham que é loucura, falta de profissionalismo, Mas as coisas estão mudando, as pessoas estão vendo que tem que ter essa responsabilidade. Porque uma comparação, o Cirque Du Soleil tem uma responsabilidade muito grande com os artistas e com a segurança, e é um grande circo, não vou dizer que é o maior do mundo, mas leva com bastante responsabilidade o que se diz de segurança. Então tem muita coisa

que a gente tem que aprender com essas pessoas, porque se eles chegaram até onde chegaram não foi a toa. Não desmerecendo os artistas tradicionais, eles também tinham esse cuidado, mas da forma deles, uma forma mais antiquada, resolvia para aquela época. Agora, os tempos são outros, vamos mudar, vamos para frente.

Esse “vamos mudar, vamos para frente” você acha que pode ser uma maior ligação das artes circenses com parâmetros e assuntos mais atuais e mais científicos?

Sim, eu acho que essa ciência ela veio para ajudar e não só para atrapalhar. É lógico que tudo tem que ter uma balança, não pode pender muito para lá ou para cá, então eu acho que a ciência a gente tem que desfrutar o melhor que tem. Hoje em dia tem as cordas, faixas que aguentam 2 ou 3 toneladas, tem as cordas que são de um material superior ao das cordas de antigamente, os mosquetões, então essas coisas vieram para ajudar e não atrapalhar. Então as pessoas têm que fazer uma junção do milenar com a atualidade, com o futuro, porque isso é só para agregar coisas boas para o artista e para o público.

Como você se prepara fisicamente para manter essa rotina de treino e apresentação?

Eu não sou muito regrado não, porque primeiro que eu não sou só artista, também dirijo a empresa, então os horários são muito loucos, não conseguimos viver só de apresentação. Então a minha rotina é, eu levanto de manhã, não gosto muito de tomar café da manhã, quando possível dou uma corrida, ando de bicicleta, como, fico um pouco no computador, preparo o almoço, a Daniela vai dar aula e eu vou resolver coisas de banco, quando eu volto, a gente treina em casa, temos uma estrutura aqui mesmo, e a Daniela volta a dar aula, jantamos e dormimos. A parte de alimentação, tento não comer muito amido a noite porque sou diabético. Fora isso, faço uma alimentação normal, arroz, feijão, legumes, carnes, etc.

- Entrevista realizada com o montador Ivan:

Apresentação

Meu nome é Ivan, tenho 25 anos, comecei no circo porque eu faço capoeira, então eu saltava e recebi uma proposta para ficar uns três dias de auxiliar de um amigo meu que se machucou. Eu gostei e continuei e fiquei com o Circo uns 2 anos, daí eu conheci o circo que trabalho hoje, como na época tinha bastante animais, recebi uma proposta para tomar conta deles. Ai eu fiquei tomando conta, mas teve um acidente, ai me interessei na área de eletricista, ai conheci varias pessoas e virei capataz.

Quais atividades você faz no circo Hoje?

Tudo, energia iluminação, montagem, manutenção, tudo que precisa.

Como eram as atividades com os animais?

Era uma coisa que não dá para explicar, era como se fosse seus filhos, tomar conta de várias pessoas.

Você teve alguma formação? Como foi Sua formação para você começar a trabalhar com as coisas do circo?

É motivação, é você gostar se interessar e correr atrás. Ai você vai vendo, sempre teve uma pessoa por trás de mim, ai ficava só fazendo as coisas básicas, mas formação mesmo não tive.

Como funciona seu dia a dia?

Cada dia depende do outro, tem dia que tem que pintar as carretas, ai acordo, tomo café, ai vou pintar as carretas. Tenho que parar as 18h, tomo banho para começar o espetáculo e espero terminar.

Como é o procedimento de montagem?

Primeiro o dono vai fazer a planta, depois vai o outro rapaz medir o terreno, ai a gente chega com os mastros, fazemos as medidas, batemos as estacas, chega a lona, a gente monta, tira o material de dentro para levar para a outra cidade, desmonta tudo aqui enquanto os artistas já estão lá

trabalhando.

Você usa algum material de segurança, por exemplo, quando você trabalha com alta tensão, ou quando vai fechar o chapéu da lona lá em cima?

Tem um cinto de rapel que a gente usa, mas eu mesmo, como já me considero cirqueiro, prefiro mesmo subir a vontade, que é mais livre, sem nada.

Então você se sente bem preparado para exercer a atividade de capataz?

Com certeza, ainda falta muita coisa para eu aprender, mas convivendo a gente vai aprendendo mais.

Alguma vez você já teve algum acidente?

Que eu me lembre, acidente mesmo é só quando perde um braço ou algo assim, o que as vezes acontece, é que a gente não vê o cabo de aço e tropeça, cai, ou na estaca, mas acidente mesmo não.

E esse acidente com animais, do qual você falou, com foi?

A gente perdeu por nada, o governo brasileiro decidiu tomar, entraram e tomaram os animais, outros animais morreram, e ficou por isso mesmo, ninguém viu nada.

E para mexer com outras coisas de eletricidade, você usa algum material?

Luva, alicate, que varias vezes você não dá tempo, está despreparado.

Você já ouviu falar de algum acidente que aconteceu em outro circo?

Vários. O maior medo de todo mundo que tem circo é o temporal, felizmente já pegamos vários mas até hoje nunca caiu.

Quais os acidentes você acha que mais acontecem no circo?

Hoje em dia é temporal e arquibancada mal montada, mas que dá mais medo são os temporais.

Durante o espetáculo ou treino de número, aéreo, ou animal, você chegou a ver algum acidente?

Cara acidente eu já vi, mas só que um acidente tão besta, que acontece, até hoje só vi acidente desses bestinha. Semana passada mesmo teve um, o cara caiu dentro do globo, mas isso é uma coisa relativa, se tem que acontecer....

O globo da morte, então, é um dos números mais perigosos que existem?

Com certeza, já está dizendo né, globo da morte. Outro dia a moto estourou o pneu, o rapaz tentou segurar a moto para não machucar os outros, mas infelizmente não deu, aí ele caiu sozinho, ainda bem que foi sozinho, e os outros continuaram rodando.

Em sua opinião, quais as consequências de um acidente para o circo? Relacionado a temporal, número, ensaio, como você acha que isso reflete no circo?

Deixa a autoestima do circo baixa, porque ninguém quer ver mal o outro, a gente está aqui para ver felicidade e quando uma pessoa se machuca... Mas não só eu, mas outras pessoas estão treinadas para esse tipo de acidente.

Considerando a experiência que você tem, o que você acha que pode fazer para diminuir o número de acidente?

Por enquanto aqui no Brasil, quando fala em acidente, eu ainda não vi. Então não posso afirmar, não digo nesses circos pequenos, mas nesses grandes no Brasil, é raridade.

No caso de um acidente, o que você recomenda fazer?

Depende do acidente, da pessoa da lesão, tentar ajudar, se não puder ajudar chamar uma ambulância, SAMU. Não dá pra dizer o que tem que fazer, porque na hora do acidente a pessoa tá de cabeça quente, é só na hora mesmo que a gente consegue reagir, falar.

Enquanto capataz do circo, quais são as suas responsabilidades quanto à segurança?

Não entendi.

Você é o capataz, monta a lona, os aparelhos, dá manutenção na eletricidade, como você vê

sua responsabilidade nesse serviço?

É grande, muitas vezes pensei em desistir, não por você, por outras pessoas, então você tem que pensar bem o que você quer, porque isso aqui é uma arte, você está aqui porque você gosta, mas essa responsabilidade não há dinheiro no mundo que pague, porque isso aqui é como uma empresa que você carrega sozinho, e a qualquer momento ele desaba.

Para você como montador, como capataz, o que um acidente representaria para você?

Depende do acidente, pra mim, acidente se eu sofresse hoje, se não fosse muito grave, eu ia cair, levantar e continuar de novo, agora se fosse uma coisa grave mesmo, que eu fique na cama, sem me mexer, tem só que lamentar. Pq desde pequeno eu aprendi, a gente cai, levanta e continua.

Em números aéreos, você já viu algum acidente?

Aqui, pela estrutura, nunca vi, porque aqui tem segurança, tem lonja, para isso mesmo. Mas eu já vi alguns vídeos e fiquei até surpreso, mas aqui nunca vi e nem espero ver.

Aqui todos os números aéreos tem lonja?

Sim, tem que ter segurança em primeiro lugar.

Você acha que alguma vez, se fosse necessário, eles fariam sem lonja?

Acho que não, porque não tem tanta precisão fazer sem lonja.

Aqui tem trapézio de voos? Como era a segurança?

Era com a rede, embaixo e lateral. Então não tinha perigo.

Durante a montagem e desmontagem a lona, já ouviu falar de acidente em algum outro lugar?

Lona eu não vi, mas já vi um acidente de um Parque, a gente estava terminando de montar a nossa lona, e a Roda Gigante pegou fogo, aí a gente saiu correndo para socorrer.

O circo é um universo muito grande. Você acha que esse universo oferece risco para quem está dentro dele?

Todo lugar oferece risco, só que o circo hoje em dia, está mais seguro do que você andar na rua, porque se você olhar bem, as lonas estão mais reforçadas, não oferece muita segurança, mas perigo acho que não. Melhorou bastante, e cada vez mais vai evoluindo, porque agora a lona tem antichamas, é mais tensionada, as estacas estão aumentando mais as asas, então fica mais reforçada.

O que você acha que ainda pode melhorar para diminuir o risco?

Eu acho que o governo brasileiro pode começar a abrir a mão para o circo, porque a gente não pode investir muito no circo onde o circo está muito discriminado. Então a gente se preocupa melhor com o público, com a segurança, que pode até afetar a gente, mas como a gente vai fazer isso se todo lugar que a gente chega é pedrada. A gente tenta evoluir, mas é difícil.

Então a primeira ajuda tem que partir do Governo?

Tem que começar do governo, porque se você olhar bem o circo está se acabando.

E dentro do circo, entre os circenses, você acha que tem alguma coisa que dá pra melhorar?

A gente tem que estar sempre procurando melhorar, crescer né, e a gente cada praça, mês, cada ano a gente está sempre procurando evoluir para ver se cresce a segurança no circo do Brasil.

E você acha que o Governo pode ajudar como? Só com o aumento de verba, ou também com oficinas, cursos?

Os espaços para montar circo que aqui no Brasil não tem, está acabando. Podia começar assim, e a segurança, a gente podia chegar, saber o local onde a gente ia montar, a segurança ia ser mais. A gente podia preparar mais o circo pro público né. Porque tem lugar que a gente vai que o terreno é mole né, então a gente tem que correr atrás para reforçar o circo para dar o melhor possível para o público, então já podia partir daí: espaço para montar o circo.

Você gostaria de fazer falar alguma coisa mais sobre risco, acidente, circo?

Em matéria de acidente a gente não pode dizer nada porque qualquer lugar acontece acidente,

mas quem puder evitar é bom, às vezes isso é difícil, mas... o circo é assim.

- Entrevista realizada com o montador Francisco:

Apresentação

Meu nome é Francisco, tenho 28 anos, nasci em Botucatu interior do estado de SP, mudei pra Campinas quando eu era criança, com a minha mãe que veio transferida da Unesp para Unicamp, e ai cresci aqui em Barão Geraldo a ,quando eu entrei pra fazer faculdade de educação física eu resolvi sair da casa dos meus pais e morar em uma republica, e ai nessa republica morava um rapaz que fazia artes cênicas e treinava tecido acrobático e ai eu fui assistir, gostei muito, comecei a praticar, e em pouco tempo a gente tinha formado um grupo, que tinha três pessoas responsáveis professores, que era o Paraí, o Titiola e o Felipinho, e eles começaram a passar essa técnica do tecido pra gente, e eu sempre joguei hóquei sobre patins, meu negocio era o hóquei e eu fui fazer educação física por causa do hóquei, mas daí eu comecei a gostar cada vez mais e aprender coisa nova e ai entrou um pouco de alguns conceitos do treinamento desportivo que gera duvida sobre o que é melhor treinar, será que é melhor treinar força no começo do treino ou no final do treino, e vamos aprender as quedas primeiro ou vamos fazer a maromba antes, e eu comecei a ajudar cada vez mais nesse grupo, e me interessar mais por circo, quando eu tava no final da faculdade de educação física eu tinha que fazer estagio né, e ai lá fui eu pras academias e virei instrutor de musculação, dei aula até step sabe, dei aula de tudo nas academia ai, e ai por coincidência uma das professoras de academia que dava aula de tecido na academia, em uma academia que eu dava aula teve que sair, e ai a dona da academia ficou meio desesperada assim, e ai eu cheguei na dona da academia e falei: olha eu faço tecido também e eu tenho condições de dar aula já, eu nunca dei aula de tecido mas eu tenho condições, e ai nessa época eu treinava tecido fazia uns três anos já, e ai eu comecei a dar aula nessa academia em Valinhos, e ai depois comecei a dar aula em outra academia, e depois vim aqui pra Barão comecei a dar aula na academia Figueiredo e ai todo lugar que eu ia dar aula de outra coisa que eu tava dando aula de educação física na escola eu ia lá e levava o circo, levava o tecido e tudo mais entendeu, ai quando eu terminei meu curso de especialização em fisiologia do exercício aqui na FEF, eu decidi que eu ia abrir um espaço meu, que eu ia mais dar aula em academia porque eu ganhava salário de estagiário, tinha um monte de aluno, minha aula era um sucesso, as alunas pagavam caro para fazer aula de tecido e eu ganhava super pouco, então eu decidi que eu ia ter um espaço meu ai que eu fui correr atrás de que estrutura mínima eu consigo ter. Então eu conheci o um

mestre circense que é meu professor até hoje e ele é, num da pra falar que ele é técnico de montagem de circo, ele é o circo em si, daí que vem, isso é uma fonte, ele viveu a vida inteira com isso, foi um dos melhores trapezistas de voo do mundo, tem um super currículo, então ele começou a me ensinar trapézio e me passou como fazer essa trave, e foi muito legal porque desde a primeira estrutura que eu fiz eu perguntei pro quanto era e ele me deu um orçamento e eu não tinha dinheiro, tinha acabado de me formar então eu vi certinho como era a estrutura e ai eu fui lá e fiz ela, sem falar com ele, e isso gerou uma briguinha entre a gente no começo, ele ficou bravo e tal, falou que eu devia ter pedido pra ele só pra ensinar então e ai ele me cobrava o custo, e não falar que eu ia comprar uma trave e depois... Obviamente a gente é amigo até hoje, eu expliquei que não foi que eu quis pegar o conteúdo e passar a perna nele, é que eu não tinha dinheiro pro orçamento e eu vi um jeito de fazer, enfim. Mas na época eu não tinha conhecimento nenhum assim de solda pintura, física nem nada, fui lá peguei o projeto com ele, arrumei uma cara que soldava bem barato, arrumei um ferro velho comprei os tubos, levei os tubos lá, cheguei com o meu carro todo amassado, mas eu fiz uma trave e ai comecei a dar aula no quintal, isso foi o surgimento da minha escola de circo que é o nano circo a Idea de sair das academias foi numa viagem que eu fiz em janeiro pro nordeste com essa galera que eu já treinava circo, e ai a gente chama nossa viagem de nano circo, porque tinha um chileno que era físico, trabalhava com nano partículas era malabarista também, ainda é, e ai a gente foi que foi nessa viagem, com perna de pau, tecido trapézio, monociclo, malabares, e ai a gente falou: Cara a gente é um cirquinho. Quando eu voltei decidi o nome da escola, porque era muito pequeno, tinha uma trave só, um tecido só, um colchão só, só ensinava tecido, era um negocio bem diferente do que é hoje, ainda bem né, da pra ver a evolução. Ai eu comecei a dar aula de circo na minha casa, e eu tava em contato direto com a estrutura, ai minha trave ficou desalinhada, eu tive que alinhar a estrutura, ai eu chamava o mestre de circo, ele ia lá e alinhava a trave, e eu ficava olhando ele fazer, ai eu fui pegando a manha, e ele foi passando, o que eu você ajeita primeiro, primeiro você ajeita o nível pro trapézio ficar reto, depois você ajeita o ângulo ela com o solo, se ela ta perpendicular, depois que você ajeita a abertura dos pés, depois que você ajeita a torção da trave, fui aprendendo a ordem que se faz as coisas para montar uma trave simples de circo, bom o nano circo foi crescendo foi exigindo mais estrutura, a gente foi construindo cada vez mais coisa, na segunda estrutura que eu fui fazer eu fiz orçamento de novo, e ai o mestre me convenceu que eu tinha que aprender a soldar, ai eu comprei uma maquina de solda, ele me ensinou a soldar e esse chileno

que morava comigo e fazia doutorado na física da Unicamp tinha sido soldador durante dez anos, ele me ensinou um monte de coisa também sobre, como é a solda, que tipo de eletrodo se usa pra cada tipo de espessura, aí eu fui treinando fui soldando, hoje em dia eu já construí dois circos grandes de quatro mastros, com cúpula de 50m², esse que tem aí tem 48, tem 6 por 8 metros, hoje em dia eu continuo treinando circo, dando aula e construindo as estruturas, nesse caminho fizemos aí diversas montagens em teatros e ginásios, nas cidades do interior do estado de São Paulo, pra apresentações de academia, de dança, de ballet, alguma coisa que tenha que pendurar eu to lá, festa de casamento, é só chama a gente vai lá e pendura, e aí foi dando esse “*know how*”, eu não fiz um curso assim, então eu tenho um amigo meu que fez faculdade de educação física e trabalha numa loja de escalada fazendo expedição pro Aconcágua, o cara é alpinista profissional, então ele me ensinou sabe olha: isso aqui é um oito, isso aqui é um oito duplo, você usa o oito para isso, usa aquele para aquilo, e eu fui aprendendo essa noção de posicionamento de faixinha, de mosquetão, essas coisas que vem muito da escalada também, então acho que foi uma fusão assim desse conteúdo do alpinismo com o circo mesmo, no circo se usa dois nós só o porco e o cabeça de lobo, só se faz esses dois, num conhecem um oito no circo, eu faço um oito lá meu professor fala caramba que nó grande, ele não pensa que nem eu.

Que tipo de atividade você realiza hoje no âmbito circense?

Ah, hoje tá legal assim, hoje eu acho que a gente atingiu o 3D, né tridimensional, estamos agindo em todas as áreas, então eu ensino circo numa escola pra turminha do sexto ano, tenho o minha escola onde eu dou aula, a gente atende todo mundo, aqui no quintal de casa, não tenho CNPJ, não tenho divulgação na internet, não pago imposto, a gente não ganha muito dinheiro, esse ano também surgiu uma coisa interessante, um professor de circo da Unicamp do instituto de artes cênicas pediu um afastamento e aí eu fui lá cobrir umas aulas dele, então tive essa experiência legal de dar aula de circo na faculdade, é vou deixar a montagem por último porque esse é nosso foco, além disso, eu tenho uma vida de artista circense, eu comecei fazendo tecido, apresentei em diversas festas raves, depois comecei a treinar Double trapézio, montei um número de Double trapézio fizemos um FIC com esse Double e ganhamos uma experiência legal, agora eu to com um número de trapézio em balanço que tá quase pronto, eu trabalho num grupo de teatro, que a gente mistura as linguagens da dança, do circo e do teatro, e estamos construindo uma peça, a gente fez um FIC também com o Pequeno Príncipe, e agora a gente tá montando outra peça, bem

legal... então é assim faço freelancer, quando tem uma apresentação eu vou lá e faço uma apresentação de trapézio, mas o foco é montar espetáculos como um grupo e mandar pra festivais, e editais de cultura. E aí como montagem eu diria que a montagem é a alma do negócio, ela é inerente a prática, esse circo aqui existe porque eu montei, então assim todos esses espetáculos, eu apresentei em algum aparelho, em algum lugar, eu trabalho com aéreos então eu tive que ir lá e montar, e isso foi dando esse “*know how*”, o lance de montar uma trave em equipe também foi muito legal, porque em pouco tempo eu era o cara que sabia como montar a trave mas eu tinha um exército digamos assim, o nosso grupo de teatro que é um monte de cara forte e ágil, a montagem começou a ficar rápida e ágil, e ao mesmo tempo eu tentei todas as informações não só fazer, mas tentar passar, então eu prendo o mosquetão na trave com o cabo de aço, eu explico: o mosquetão ele abre só pra uma lado, então a gente tem que deixar ele nessa posição, conhecimento do alpinismo, não se guarda o moitão inteiro recolhido porque a corda da nó, então você abre o moitão, trança ele, fecha o último nó e coloca no saco, no começo eu falava enrola a corda, eles enrolavam e jogava no saco, na próxima apresentação tava tudo embolado, então assim: é enrola a corda, amarra ela desse jeito aqui pra ficar fácil de abrir e desenrolar, então com esse lance de explicar foi me dando uma clareza das coisas, de ordem de importância na hora de montar, então assim eu sou muito metódico e muito organizado e por muito tempo eu dei ênfase nisso, mas mais importante do que isso é a segurança no trabalho por exemplo, então coisa que eu sempre esqueci e nunca mais esqueço é uma faixa preta e amarela, todas as vezes que eu vou montar uma trave eu tenho que isolar a área, não pode ter um Zé Mané passando embaixo da trave, eu vou estar puxando o moitão não tenho como tirar ele de lá, eu fui montar uma trave uma vez na frente do teatro municipal de Botucatu, minha terra natal, e era na rua, ah beleza não tem problema o prefeito fechou a rua, fechou a rua uma ova, fechou as ruas pros carros, tava cheio de gente passando, não tinha nenhuma segurança não tinha nenhum policial, ninguém pra ajudar, e a gente começou a subir a trave e tinham pessoas chegando do trabalho, o ônibus parando na rua de cima e nego descendo aquilo virou um calçadão entendeu, então assim, eu montei a trave, mexi a cruzeta, espiei a trave, alinhei, subi coloquei o trapézio com gente passando embaixo o tempo inteiro, eu tive pesadelo com isso cara, mesmo de verdade, eu tive pesadelo que a trave tinha caído matado um monte de gente e os cara vinham atrás de mim, e isso me fez pensar, meu que história é essa não dá. Tive outra experiência, uma apresentação no universo paralelo, e a gente montou isso no “*main floor*” na pista principal no dia 31, pra

apresentar dia 1 as duas e meia da manhã, cara e é uma festa trance, tinha um monte de gente doidona lá, e pra tirar os caras do lugar pra gente poder montar a trave foi muito difícil, mas eu peguei o cara do organização pela mão e falei: se você não me ajudar, não trouxe o pessoal e não tirar a galera eu não subo a trave não tem apresentação e não tem problema nenhum, mas ai eu não me responsabilizo. E foi assim que eu comecei a trabalhar, e isso me deu cada vez mais moral, parece bobo, mas parece que quanto mais eu falava assim “não vou subir enquanto não tiver isso” mais condições eu tive para subir as traves e mais respeito me deram. Então até conceitos de “*backup*” às vezes os alunos perguntam “mas você vai por um backup?”, eles sabem o nome da palavra “*backup*”, eles não sabem o que significam, mas ai você explica que “*backup*” você põe quando precisa de um “*backup*”, essa estrutura é uma estrutura metálica que aguenta um guindaste, mas você vai se pendurar num guindaste, num guindaste você não põe um “*backup*”, você tem 80 quilos, um guindaste aguenta 80.000 quilos. Você falou que é legal eu falar as coisas que eu fiz, então como montador, faz dois anos que sou técnico de segurança da montagem dos aparelhos de circo da virada cultural de São Paulo, e isso com relação à currículo de montagem isso é o meu maior currículo, que é o Governo do Estado de São Paulo me pagando para ser técnico de segurança. E lá eu faço 24 horas de cadeirinha e capacete, mas você está no chão, está clipando uma faixinha numa cadeirinha de uma menina que vai fazer trapézio, para que você tem que estar de capacete? Mas você tem que estar de capacete porque você está trabalhando com a Prefeitura de São Paulo, você está trabalhando com artistas profissionais, você está trabalhando com um público imenso que não pode o guincho vir desordenado porque o cara que tá cansado mexeu sem querer, o guincho balançou e bateu na sua cabeça, então o principal motivo de eu estar de capacete é: visual, para as pessoas verem que tem um cara responsável, é a única pessoa de capacete andando no meio dos artistas, é o único técnico de montagem, luva, colete de refletor, que chama a atenção para você estar sempre sendo visto como montador. Você não faz uma montagem numa estrutura vestido de preto, é muito bom que o tempo inteiro que você está fazendo o seu trabalho as pessoas te vejam, que você chame a atenção, que você esteja sendo visto porque você está brilhando lá em cima, a pessoa olha para cima e vê que você está lá ai a pessoa não passa embaixo, agora, se você está de bermuda jeans e camiseta preta lá em cima, a pessoa não te vê e passa desatento, é melhor que você esteja de bermuda vermelha e colete brilhante, fluorescente. Na Convenção Brasileira de Malabares eu sempre estou lá, nunca mando projeto e nem peço comprovação disso, mas eu to sempre lá na lona, ajudo a prender, falo: não,

coloca esse aparelho antes porque é mais fácil de puxar esse depois aquele e etc. Então ano passado e retrasado eu estava sempre ajudando a decidir e até mudando a ordem da apresentação, para ficar mais fácil e mais bonita a contraregragem durante o espetáculo. Trabalhei também, para mim foi uma honra, lá em Limeira no Encontro Paulista de Circo, com um monte de família tradicional, com um monte de gente, e o meu professor precisava de um montador e, ele já sabe de cor e salteado o que precisa, mas ele ia apresentar e precisava de um montador, e tinha verba para isso então decidi passar para frente. Então ele me chamou e eu fui lá montar os tecidos, a lira e o trapézio em balanço numa cúpula de circo tradicional, lindo, foi uma experiência legal porque eu estava lá em cima e de repente começou a surgir mais pessoas lá em cima porque as pessoas de outro circo iam apresentar antes deles e tinham cinco pessoas lá em cima e eles andam que nem rato lá cima, mas eu era o único de cadeirinha, por exemplo, eu subi de cadeirinha, “mas por que você subiu de cadeirinha?”, ué, porque eu tenho uma cadeirinha, ponho uma cadeirinha, subo de cadeirinha, “mas por que você trabalha equipado?”, esse dia lá eu tomei um choque, eu não cai e fiquei pendurado na cadeirinha, não foi um choque absurdo, mas tinha um fio desencapado junto da estrutura metálica e na hora que eu fui passar do guincho para a estrutura eu coloquei a mão e cima do fio desencapado e eu tomei um choque que eu dei um grito e o meu professor entrou correndo na lona e gritou: “O que é isso? O que você está fazendo?” eu pedi a fita isolante, isolei o fio e não aconteceu nada, mas, eu estava equipado, se eu tivesse assustado ou tomado um choque mais forte e me soltado não ia ter acontecido nada comigo, agora, se eu não tivesse clipado e tivesse realmente soltado a mão, já era, eu estava a 15 metros de altura. Então existe sim uma necessidade de trabalhar com segurança. Eu não vou dizer que eu uso sempre. Aqui em casa tem uma estrutura de 10 metros de altura e eu vacilei ontem conversando, fui pendurar a lira, fui pegar o giro no chão e sem querer soltei. É uma coisa que eu faço todo dia e eu vacilei e soltei o guincho, o moitão é pesado e o guincho subir e bateu na estrutura. Tinha uma menina esperando para subir na lira, outra esperando para fazer tecido, perguntando se estava certo ou não, tinha um cara vestindo a lonja que ele ia fazer solo, aí eu não ia entrar pegar a cadeirinha, colocar o tênis e tudo mais, subi rapidinho na estrutura que nem gato na treliça, fiquei com uma mão na estrutura e os dois pés e puxei o cabo do moitão até chegar no chão, pedi para alguém segurar até eu descer. Demorou 2 minutos a operação, subi e peguei. Mas é minha casa, fui eu que fiz a estrutura, fui eu que esmerilhei cada quina da estrutura. Então principalmente quando eu vou trabalhar fora eu ponho proteção. Então, é na lagoa do taquaral, a

montagem é por cima, o piso é flat, você não tem onde se clipar. Você sobe de cadeirinha, monta o aparelho e desce de cadeirinha sem ter se prendido em lugar nenhum, mas eu ponho a cadeirinha, porque o guardinha está lá olhando e a mulher da academia que me contratou fez isso porque sou profissional, então ela quer ver um profissionalismo. Então no circo tradicional não existe clipagem, não existe subir de cadeirinha para pendurar um tecido, o cara sobe pela lona, pendura o tecido e desce pelo tecido.

Que tipo de formação você recebeu para trabalhar com montagem?

Então, eu recebi formação do meu mestre. A melhor formação que eu tive para trabalhar com montagem foi dele. Eu trabalhei também bastante tempo com o um circense tradicional e isso me deu “*know how*”. O cara é chato em termos de montagem. Ele é pai de um amigo meu e eu uma época precisei muito de grana e fui pedir emprego para o pai do meu amigo porque eu sabia que ele tinha uma empresa, e eu não fazia circo ainda, o que é legal, porque eu comecei com a própria montagem antes mesmo de praticar tecido. Eu tinha 17 anos, bati o carro da minha mãe e minha mãe falou “combinado é combinado, você queria dirigir agora vai pagar”, então fui trabalhar de peão com o ele. Quando me deram a estaca a primeira vez para bater, os peão riam de mim batendo estaca. Eles dividiram as estacas por igual e disseram que cada um ia ter que bater 20 estacas, e imagina, eu não bati nem uma estaca por inteira naquele dia. Ai eles deixaram até o fim do dia as minhas estacas deitadinhas lá para eu ver que eu ia ter que terminar. Então o dono, eu vi um dia ele fazendo isso, a lona estava em pé, ele olhou e falou assim: “Quem subiu a lona?”, ninguém queria falar, veio um cara e falou: “Eu subi ela”, o dono falou “Porque você não esperou o Baixinho chegar para subir a lona?”, o peão dele começou a gaguejar tentando se explicar, o dono disse que a lona estava torcida e que era para descer a lona e subir de novo. É um dia de trabalho e a festa era a noite, eu subi na lona, preendi a talha, cruzei a lona inteira, preendi outra talha, cruzei a lona inteira, preendi outra talha, a lona era de três mastros, descemos a lona inteira, giramos ela meio metro, uma costura estava errada, tivemos que descosturar uma parte, costurar do jeito certo, girar a lona meio metro e subir tudo de novo e puxar 68 cordas com nó carreiro que precisa de três caras puxando, rearrumar todos os 60 paus de roda, é muito trabalho, e naquele dia eu sai de lá muito chateado, bravo, pensando: esse cara é louco não pode pedir para fazer um negocio desse por causa de um detalhe. Deu uma tempestade a noite, a lona ficou lá, no outro dia fui de carro com ele para desmontar a lona e ele disse: tá vendo, se não tivesse refeito podia ter

voador e morrido muita gente ali embaixo. Então esse lance de ser minucioso vem do trabalho, a formação são as experiências que eu tive, a própria Virada Cultural, que eu sentei junto com o Borô, na primeira reunião ele disse “vou te contratar como técnico, você tem equipamento completo de segurança?”, eu disse “tenho”, ele disse “Tem capacete?”, eu disse “não”, ele disse, “então você não tem o equipamento completo de segurança. Verifique qual é o equipamento completo de segurança e tenha-o.”. Eu não sabia qual era, mas luva é equipamento de segurança de montador, tem que ter, e luva de couro porque isola de choque, você não pode tomar um choque lá encima. Eu nunca tinha tido uma luva de couro confortável como a que eu tenho hoje, uma luva de couro emborrachada confortável que você não toma choque com ela.

E qual é a rotina de uma montagem? Você é chamado para fazer uma montagem, chega lá no lugar e quais são os procedimentos, a rotina que você segue?

Eu não vendo nenhuma montagem sem conhecer o lugar, eu aprendi isso com meus mestres. Você quer me contratar para colocar um tecido num casamento? Sim, posso ser o montador, cobro 50 reais antecipado para fazer a visita da análise da montagem. Esses 50 reais vai ser abatido do preço de 500 reais da montagem, ou 200 reais da montagem. O preço da montagem eu cobro de acordo com o tipo de montagem que é. Eu não cobro igual para pendurar um tecido ou para pendurar um trapézio, porque para pendurar um tecido eu levo 5 minutos para pendurar um tecido eu levo 30 minutos. Você tem que deixar o trapézio no nível, afinado, e nem sempre a estrutura onde você vai colocar o trapézio está reta, e isso é dor de cabeça. Então o preço varia com o que a pessoa quer, e pra fazer a montagem, primeiro pré-requisito, eu preciso ver o lugar. Então a primeira coisa da rotina é ver o lugar, a gente vai fazer uma montagem no Teatro Municipal de Paulínia para um espetáculo no final do ano, não está fechado o espetáculo ainda, não está fechado que vai ter o trapézio em balanço ainda porque eu ainda não fui lá e ainda não confirmei se vou montar. Então vou lá semana, vou ver e quando eu ver vou fazer o plano da montagem. Quando eu vejo faço o plano da montagem, então no dia que eu chegar para montar eu já sei qual o lugar que eu vou montar e como eu vou fazer a montagem e qual o equipamento que eu vou precisar. Eu sempre levo mais equipamento do que o que precisa. Qual equipamento eu levo a mais? Corda, mosquetão, faixinha e manilha. Quando é lira levo mais cabo de aço, que às vezes precisa, se mudou o ponto muda o moitão, encompridou tem que mudar. Obvio que não é sempre que dá. Se “ah. Não tem como abrir, ou como visitar”, aí eu peço “manda uma foto,

descreve”. A gente fez uma turnê em escolas públicas que foi só por fotos, eu olhava a foto do barracão e falava “essa treliça aí aguenta a pressão do vento?” porque o maior problema de barracão e de circo é o vento, então uma estrutura que aguenta uma pressão do vento aguenta um ser humano. Então dá para ver pela foto se vai aguentar ou não, você não precisa ir lá de perto ver o metal. Pela dimensão do espaço você sabe se a estrutura é forte ou não. E aí você leva bastante equipamento a mais, aí chega lá, olha o lugar, desenho na minha cabeça o que eu vou fazer, por onde que eu vou, preparo o material no chão, comunico o procedimento inteiro com o meu ajudante, geralmente eu levo um ajudante. Então eu vejo e falo “bom, vou subir por aqui, vou andar até lá, quando eu chegar lá em cima no meio eu vou descer a corda pra você, você vai prender o nó da corda nesse ponto do trapézio e nesse rolamento da lira, porque os dois vão ficar no mesmo lugar, vou puxar a corda pra cima, vou prender as coisas lá em cima, vou voltar para aquele ponto ali, você tem que estar lá naquele ponto na hora que eu chegar lá, etc.”. Então descreve o plano para o outro antes principalmente para ver se ficou claro para mim o que eu vou fazer, pra revisar, e aí aquece, alonga, sobe e monta. Mas aquece e alonga? É, aquece e alonga meia hora. Uma vez fui montar um tecido numa festa e não podia ter mesa embaixo, aí a organizadora tava querendo montar o salão rápido, e aí eu comecei me alongar e me aquecer, é um procedimento que eu faço antes de qualquer montagem, e leva 20 minutos no mínimo, o certo é fazer em meia hora. Nesse dia a menina estava com pressa eu fiz em 20 minutos mas não deixei de fazer, não vou deixar de fazer, porque se eu tiver uma câimbra lá em cima ou uma fígada no ombro ou alguma coisa assim, é o meu trabalho que eu comprometo, e é exatamente o que eu vendi para ela que eu não vou conseguir fazer. Então, “moça, não me acelera porque isso faz parte do meu procedimento de trabalho”. Então, aquece, alonga, sobe, faz, recolhe os materiais, deseja boa sorte para os artistas, sempre deixo o meu telefone disponível durante o evento. Uma vez aconteceu de uma menina me ligar às 23 horas falando que tinham montado um bar do evento embaixo do tecido. Corri até o local do evento, cheguei lá, aqueci, alonguei, subi, prendi o tecido em outro lugar e desci pelo tecido. É importante você garantir o seu trabalho em todos os âmbitos, não vai cair o que eu montei aqui. Eu trabalho também com o aluguel de equipamentos, eu prefiro muito mais colocar o meu equipamento do que o equipamento das outras pessoas. Várias vezes eu chego lá e a pessoa tem uma faixinha de 8 anos de uso, podre, velha, e você vê, eu alugo material, mas você chega lá e a pessoa não quer alugar, quer colocar a faixinha dela, eu falo pra ela “Olha, eu vou fazer do meu jeito, você faz o seu julgamento e faça do seu jeito, você

me contratou para fazer a montagem, a minha montagem não sai com essa faixinha.” Eu ponho uma faixinha minha, nova, e deixo lá, quando eu vou fazer a desmontagem eu levo a faixinha embora. Não tem problema, uma faixinha dessa custa 25 reais, não acabou com a minha faixinha. Várias vezes eu já recebi um extra de montagem por causa disso, “Poxa, obrigado, você pôs seu equipamento”. Câmara de bombeiro, mangueira de bombeiro eu uso em volta da faixinha para proteger das vigas com quina, eu sempre levo porque a galera chega e não conhece as vigas e é sempre bom ter um calço para as ancoragens.

Você falou de vários equipamentos de segurança que você usa, como cadeirinha, capacete, luva e bota. Você realizaria essas montagens sem esses equipamentos, se fosse necessário?

Com certeza, nenhum desses equipamentos é essencial para a montagem acontecer. O que precisa para essa montagem acontecer é o cara saber como tem que colocar o negócio, saber que a faixinha não pode estar torcida, saber que a costura da faixinha não pode estar na quina ou no mosquetão. E isso eu sei, está comigo, os detalhes de como montar, Não depende de eu estar calçado para montar. Domingo eu estiquei essa lona inteira de bermuda e, descalço, sem camisa, sem capacete, sem luva. Então quanto mais chato ou grande o negócio mais eu levo para ficar bonito o negócio. Mas eu sei da importância deles, eu tento usar sempre. Agora precisou, você tem que ter a agilidade para fazer sem. É aquilo que eu falei da aula, sempre dá para fazer sem. Na verdade eu me policio para sempre usar, porque na verdade meu instinto de trapezista é esse, eu consigo subir e ficar 30 minutos em uma mão só, eu não vou soltar da estrutura. Mas e se vem uma abelha? Por isso tem que estar de cadeirinha, eu prezo pelo uso da cadeirinha. Mas eu trabalho sem quando precisa, nunca vou deixar uma apresentação não acontecer por que eu esqueci a cadeirinha.

Você já se lesionou alguma vez montando? Já aconteceu algum imprevisto que acabou em uma lesão, seja ela séria ou não?

Sim, não séria mais de uma vez. Eu já fui responsável por uma lesão relativamente séria também. A primeira vez que eu desmontei a primeira trave de circo que eu fiz, que estava no quintal da minha casa, para você ter a ideia da experiência que eu tinha, eu nunca tinha visto uma trave sendo “descida”. Eu só tinha subido a minha trave, do jeito errado, sabe o que subiu a minha trave? Quatro tecidos. Eu amarrei quatro tecidos no topo da trave, coloquei quatro moleque, dois

em cada pé para segurar, e oito moleques, dois em cada folha do tecido para puxar a trave. Beleza, a trave subiu eu catraquei e ficou. E na hora de descer eu fiz a mesma coisa, coloquei quatro tecidos lá em cima, pus os caras segurando, a trave começou a descer e não tinha ninguém pra segurar a cabeça da trave. Era um plano fadado a dar errado. Obvio, eu descii a trave errado e do meio do caminho para frente foi uma coisa descontrolada, uma trave de quatro metros de vão com sete metros de altura com 800 quilos, ela caiu. Caiu e quicou no chão e caiu bem em cima do meu amigo. Caiu em cima do pé dele e um dos degraus da trave eu é um ferro vergalhão de calibre 12, uma polegada quase de diâmetro entrou no pé dele e furou o pé dele. A hora que eu vi já tampei o machucado para não sair mais sangue, fomos para o hospital e deu ponto, e ainda bem, que não quebrou nenhum osso, não lesionou nenhum tendão. Quinze dias depois, eu tinha alugado outra casa, e foi por isso que eu tive que desmontar a trave, eu estava montando essa mesma trave, desentortada porque ela tinha entortado na queda, e o mesmo cara estava lá numa boa, fazendo piada, então não foi nada sério.

Uma vez teve um erro no circo, em Limeira, eu estava com o cabo de aço no ombro, e o cara engatou o guincho errado e era pra eu descer e ele puxou para cima e ele me prensou contra a estrutura, e eu fiz um corte no ombro, e eu não conseguia sair. E, a principio eu tentei parar o cara e gritava, mas ele não ouvia aí eu consegui tirar meu braço a tempo, senão acho que ia arrancar meu braço fora. O Guincho estava com a marcha invertida, ou ele puxa ou ele solta, e ele estava errado e foi desesperador. Eu estava lá em cima mas eu estava clipado, não machucou nenhuma articulação, foi só um ralado na pele, que marcou bastante. Cheguei para almoçar na casa da minha mãe e ela deu um grito “O que é isso?”, porque toda vez tenho que explicar para a minha mãe o quão importante e o quão bom é fazer uma montagem, porque ela desmerece, ela quer que o filho dela seja o artista, não o cara montador, o contrarregra. Mas ela não faz artes cênicas, ela não faz circo, ela não sabe que no circo tem 50 caras e que só tem um cara que sobe para costurar o chapéu, e que não é porque só pode um, mas porque só um tem coragem para fazer isso no vento, porque não tem como se clipar para costurar o chapéu, você vai lá, sobe com a cordinha a lona e amarra. É uma coisa nobre dentro do universo circense ser um montador, o responsável pela montagem é muito nobre. No teatro eles valorizam muito meu trabalho, eles me chamam de mestre durante a montagem mesmo eu não sendo diretor nem nada disso. Isso é uma coisa que é difícil passar para fora, para as pessoas, só quem trabalha com isso que valoriza. E às vezes nem quem trabalha com isso valoriza tanto, tem um monte de menina que faz aula de

tecido em academia e que às vezes chama um montador para trabalhar e trata ele como se ele soubesse menos de circo do que ela. E na verdade ela não entendeu ainda o que está acontecendo ali, que ela não é capaz de montar o número dela sozinha, que ela precisa de ajuda para isso. Então eu acho um trabalho super nobre e acho que machucar é inerente, assim como cair de um trapézio.

Você já presenciou algum acidente relacionado ao circo?

Já, um cara já caiu do trapézio aqui na minha casa.

E em sua opinião, quais são as causas mais frequentes de acidentes do âmbito circense?

Eu tenho isso claro porque eu estou voltando de uma contusão agora. Na minha opinião é a falta de preparo, com certeza o corpo mal preparado. É aquela coisa de “subiu na cabeça”, o cara chega e quer sair fazendo. Então como foi a minha ultima contusão, eu cheguei no treino, super empolgado que eu ia filmar para mandar um projeto para outro país e eu cheguei, me troquei, e fui fazer a sequência. A sequência era super simples, mas eu não tinha alongado e sequer aquecido, meu ombro fez um barulho. Isso me tirou do treino por 15 dias, fiquei tomando anti-inflamatório, fazendo repouso sem conseguir levantar o braço até 60°. Não eu acho, tenho quase certeza que a maioria das contusões que acontecem no circo acontecem porque o aluno ou o artista se propõe a fazer uma coisa que o corpo dele não estava apto a fazer naquele momento! Pode ser pessoa com a barriga cheia, roupa inadequada, esses dias uma menina caiu em uma queda da lira porque estava de calça jeans. Então chega, aquece, começa com uma sequência simples, e tal. Então eu acho que a maioria dos acidentes acontece por isso. Agora, acontece também por causa da rascada, eu não sei exatamente como foi, eu não sou de família tradicional, eu entrei no circo em 2002, e é difícil dizer como isso aconteceu exatamente, mas tem alguns estudos que mostram que o circo teve uma decadência em um momento que a galera passou fome, que ficou difícil mesmo, então os equipamentos ficaram precários, vai trabalhar com o cabo de aço enferrujado, vai trabalhar com a manilha espanada, só que isso se manteve por um tempo grande eu acho. Então a informação foi passada para frente dessa maneira. Então eu vejo ainda hoje isso, esses dias eu vi um aluno cair porque o meu mestre estava com um moitão sem trava, o cara fez um balanço e o moitão escapou, o cara caiu de lá de cima. Tudo isso por causa de um aramezinho, que você não colocou para manter a corda no local certo do moitão, ou por

causa de um moitão de qualidade, moderno, que já vem com uma trava. Então tem uma certa cultura no circo de fazer as coisas no mais ou menos. La em Limeira o cara o subiu foi pendurar o tecido dele, cara era um cabo muito fino, e com aquele empate de circo tradicional sabe, o cabo tem seis pernas, você separa três para cada lado e fecha trançando, isso diminui na metade a resistência do cabo, qualquer *site* de loja que vende cabo tem isso, claro se não tem prensa cabo usa assim, dá pra usar, agora se você ver o numero de tecido do cara era de arrepiar, e o cara sobe lá prende o tecido com um cabo de aço, primeiro o tecido passando no cabo de aço vai cortar o tecido, segundo o cabo era muito fino, ai eu vi aquilo falei: meu tenho um faixão aqui na mala, deixa eu colocar ai pra você, vai ficar melhor, ai ele não precisa depois tem que devolver e tal, eu disse ahhh para com isso coloca ae, depois joga na mala que eu pego com ele, não tem problema. Ai eu fui La e troquei pra ele, mas eu fiquei com medo então a galera tem uma cultura de fazer meio nas coxa, isso gera acidente também. No circo que estava em Campinas um tem atrás, arrebentou o cabo da rede, eu conhecia ela, machucou, ficou fora um tempão.

E as consequências dos acidentes, quais são?

Cara ta ali na minha pastinha da escola, ali eu tenho um termo de isenção de responsabilidade, pra isentar entre aspas os professor de algum acidente que acontece com o aluno durante a aula, a gente coloca equipamento de qualidade e passa as informações então a gente que tira o nosso da reta, se você se machucar não é culpa nossa. É isso que a gente tem aqui pra evitar algum problema pra gente, mas não tem consequência nenhuma, a consequência é a lesão que o cara se machuca, a menina não ganhou dinheiro a mais porque trocou o cabo, só trocaram o cabo e ela foi se curar, não tem uma punição entre aspas pros erros de montagem, porque é muito familiar, muito informal ainda saca, meu já aconteceu comigo o cara o tamo precisando de um trapezista, eu falei eu vou, chequei lá nem ensaiei nada já fui subir pra colocar o trapézio pra já apresentar, chego lá a treliça era aquelas da Tigre, feita de vergalhão cara, não tinha nem como prender o rolamento do trapézio em balanço saca, coloquei a faixinha na treliça toda e balancei na faixinha, e seu eu caísse, a responsabilidade é toda minha, não tem consequência nenhuma.

Você acha que deveria ter?

É difícil julgar, o cara queria que eu fosse apresentar por 100 reais, chegou no final ele me 80 e falou foi mal, vou te pagar os outros 20 reais na semana que vem, eu falei que nem precisava,

porque não deu bilheteria, o cara vive de bilheteria. Então eu acho que tem ter punição nas grandes Cias, porque eles tem, um super cuidado com equipamento, é o mínimo, meu se não trabalha na IBM e fica preso no elevador, o elevador da IBM funciona, a ideia é que a Cia, a empresa, tem que oferecer condição adequada pro artista fazer o numero dele em segurança e o treinamento do numero dele em segurança.

O que se poderia fazer para melhorar a segurança no circo?

Acho que depende qual circo, eu vejo o circo hoje com frentes bem separadas, o circo tradicional ainda existe hoje, isso não tem como eu chegar pro meu mestre e falar pra ele que ele tem que mudar a corrente do trapézio que agente balança lá, que ele tem que colocar uma corrente mais grossa porque corrente não tem especificação de carga, e se tiver um elo gasto ou mau soldado pode ser que arrebente, eu acho que a tradição ali, eles não são muito abertos pra receber coisas, eles até são abertos a passar, porque durante um período grande eles nem passavam, era fechado, fechado, fechado, hoje em dia já tem varias famílias que decidiram que vão passar o que eles sabem pra frente, mas entre passa pra frente e ouvir uma aluno seu e falar ah ta certo vamos mudar, tem um caminho grande. Então pra esses circos tradicionais eu acho que precisa de incentivo, editais, pra que eles bombem de novo e tenham dinheiro pra investir em segurança. Mas pra galera da geração mais nova, que não nasceu no circo, mas que vive o circo todo dia, pra essa galera a gente pode oferecer um curso de formação, de capacitação, faz um... isso que se ta fazendo cara, isso já é um grande passo, por exemplo eu respondendo essas perguntas me faz pensar de novo a respeito de tudo isso, do quão importante isso é. Meu um curso para professores, meu não é questão de abaixar a cabeça, e vamo lá vamo ajudar o brother, vamo faze uma troca, no começo muita gente vai dizer que não precisa, que já sabe, ate ouvir a historia do cara prensando o outro, do nego caindo La, e fala nossa acontece tudo isso mesmo, de repente o cara não sabe, não sabe que pode acontecer e nem o que fazer pra evitar. Sei lá de repente fazer uma revista, eu sou louco pra fazer uma revista, e colocar com frequências informações sobre montagem.

No caso de um acidente, você saberia o que fazer? O que você recomendaria fazer?

Ah tem que saber o que fazer, eu julgo que eu sei o que fazer, apesar de ter situações difíceis, as vezes você não sabe mesmo o que fazer, o negocio é manter a calma, segurar a onde e encaminhar pro hospital, em caso de queda não mexe, chama o resgate.

Enquanto montador, qual você julga ser sua responsabilidade quanto à segurança?

Como montador eu deixo bem claro pro meu cliente que eu não tenho nada a ver com o que ele vai fazer lá, eu tenho a ver com o que eu vou fazer lá, minha responsabilidade é fazer exatamente o que eu combinei com ele, se eu combinei que eu vou pendurar um tecido eu vou subir e pendurar um tecido, eu garanto que o tecido não vai cair, isso eu garanto, não é todo cara que monta que garante isso, eu faço isso porque eu sou soldador há 5 anos, eu morei com um físico, eu sei olhar e fala esse estrutura não vai flambar, não vai cair, então minha principal obrigação é garantir meu trabalho.

Você julga indispensável pelo menos um sistema de redundância, o chamado backup?

Não, não julgo indispensável, esse termo backup vem do alpinismo e é extremamente utilizado no alpinismo, porque você ta trabalhando na natureza, você não sabe se a rocha que você prendeu o gancho vai quebrar ou não, as estruturas de circo são muiito fortes, então eu tenho certeza que não vai falha, e se falha cai o circo inteiro ai não tem backup, ah, mas e falha de material, se o material falhar, ah a faixinha vai falhar, coloca um equipamento que não vai falhar então cara, não usa uma fixinha que você tem duvida dela, qual a carga máxima do tecido, a máxima queda que pode rolar, você pega o peso da pessoa, a altura que vai ta sendo trabalhando, ah uma pessoa de 100kg, 10m de altura, 10m de altura, vezes o 100kg dela, vezes a aceleração da gravidade que é 10, esse é a força que a estrutura tem que aguentar, quanto que é essa força e quanto que a sua faixinha? A força que vai da lá é 10.000kg, 1 tonelada, a faixinha é pra 2.500kg pô, o dobro e meio, se quebra você tem que processar o fabricante. Eu não uso equipamento que não seja homologado, esse mosquetões de lonja, a galera fala meu, mas é o mesmo material mesma espessura, mas eu falo meu esse aqui ta escrito que aguenta 25kn. Cara vai balançar na lira, coloca um lonjinha, balança preso, se escapar toma um soco no rim, mas num vai pro chão.

Você poderia repetir o cálculo que você comentou sobre quanto aguenta a estrutura?

Você pega o peso, multiplica pela altura e pela aceleração da gravidade, aí você vai ter a força máxima que esse peso pode gerar pra essa estrutura, pra você ver como é isso que eu montei aqui é ignorante, eu imaginei cinco pessoas penduradas juntas, no mesmo ponto de tecido, cada pessoa com 100kg, eu tenho peso aqui então de 500kg, qual a altura da estrutura, tem 10m, multipliquei 500 por 10, deu 5000, multipliquei por 10 de novo, que é a aceleração da gravidade, deu 50.000kg, é... é isso 50.000kg, quanto que da isso? Isso dá 5 toneladas, essa estrutura no meio dela aguenta 5 toneladas, foi certa essa conta que eu fiz, eu não, 500 por 10, por 10, acho que foi isso, bom o Rui ajudou, um brother engenheiro naval da USP ajudou nas contas.

Artes do circo é uma atividade de risco?

Não, não é, pode ser, pode não ser tudo é perigoso cara, isso vai da consciência da pessoa, eu gosto de falar que não pra atrair cada vez mais pessoas, entendeu, o conhecimento faz ser menos arriscado, ele afasta o perigo.

Você falou uma coisa importante, que o conhecimento minimiza o risco e afasta o perigo?

Afasta, afasta totalmente cara, eu tive uma aluna que se machucou seriamente, mas não foi na minha casa, foi numa universidade aqui de Campinas, algum cara passou uma queda pra ela, ela caiu, machucou, chegou aqui em casa de colar cervical, eu fiquei revoltado, isso não podia ter acontecido e tal, depois eu vi que grande bobeira, já tinha acontecido eu só piorei as coisas, mas em fim, o ambiente trás a segurança, nossa universidade melhorou bastante, com a entrada de uns professores e as discussões, o grupo de estudos e tal.

Como montador, o que um acidente representaria na sua vida?

Quando caiu a trave no pé do meu amigo, eu queria parar de fazer circo e parar com montagem, eu pensei que irresponsabilidade, eu conheço esse moleque desde os 5 anos de idade ele não tem nada a ver com circo... em fim...

Para finalizar, você gostaria de fazer algum comentário sobre o que a gente conversou?

Sim cara comentário importantíssimo, a gente sabe que o circo tá aí há muito tempo, tem relato de malabares, equilibrismo e doma de animais desde as pirâmides egípcias, 8000 anos AC, isso

aqui que ta rolando aqui é com certeza evolução pro circo, melhoria pro circo, existe ainda um pensamento incrustado eu sei que existe porque eu to junto, na cabeça de alguma pessoas que dizem que circo não é pra ta na faculdade, circo é circo, é pra ta na lona, mas isso aqui é bom cara, rolar um mestrado sobre circo é muito, alguém que escreve e defende uma tese falando sobre segurança no circo é muito bom pro circo, é bom pra mim cara, isso é espaço, isso melhoria, é bom um aluno entra numa faculdade de educação física e ter um professor que trabalhe com circo, mas assim levar o circo para o meio acadêmico é joia, é nota 10, daqui a pouco vai ter Fapesp, CNPQ, Petrobras e outras patrocinando estudos sobre o circo, que geram conceitos, que geram mais circo, quanto mais o circo toma forma, quando mais se discute, mesmo que você fale o que o ele falou é uma tremenda besteira ele falou que sobe sem equipamento numa boa e tal, não interessa que agente pense diferente, interessa que a gente fale sobre, e documente isso, e crie material, pra novas pessoas tarem chegando e mastigando isso, por que ai que vai gerar uma evolução, que o cara tiver que escrever toda vez um mestrado sobre técnica de segurança no circo, não anda, ai sim o cara vai falar a segurança do trapezista, a segurança do malabarista, é totalmente diferente, malabarista toma clavada na cara, o trapezista cai do trapézio e totalmente diferente, dentro da academia o circo tá, ta vindo, começou com trazer história, agora tem essa moçada, tem nós chegando pra trazer técnica e eu acho que é isso que a gente tem fazer, pra que um dia tenha uma faculdade de circo, curso superior porque tem de dança e não tem de circo, porque não tem 20 doutores em circo pra ter faculdade de circo, então esse trabalho ele é muito válido cara, o maior prazer responder essas perguntas e vamos borá, viva o circo!

- Entrevista Realizada com a Professora Ana Maria:

Apresentação

Meu nome é Ana Maria pertencço à terceira geração de uma família circense, nasci no circo, nasci mesmo, nasci numa barraca no fundo do circo, minha vida inteira fiquei no circo. Minha mãe não era de circo, ela fugiu com o circo, meu pai passou na cidade e ela fugiu. Eu falo que já nasci na faculdade, o pessoal fala que vai ter faculdade de circo, e eu nasci na própria faculdade, desde que me entendo por gente eu já tava no picadeiro, fazia pequenas coisas, depois mais uma, e quando você vê já está estreando, já é artista, e eu procuro dar continuidade a isso com as crianças da minha família. Eu tenho sob a minha responsabilidade mais 11 crianças, que quando sobra tempo eu tento transmitir esse saber, porque na minha família, apesar de já existir as escolas de circo, a gente ainda continua com essa transmissão de saber. Porque tem coisas que é o circo tradicional mesmo que passa como postura, ética, nomenclatura, partes do circo, onde é retinida, hoje em dia tem muitos livros que passam isso, mas na vivencia do dia a dia marca a criança. Eu aprendi desde pequena isso, e as crianças do circo já crescem assim, então toda hora eu estou dando aula, a gente está jantando tá falando do numero, ta na cama para dormir fala do numero. Aqui na ENC estou há seis anos, mas antes de inaugurar a escola o Luizinho sempre falava pro meu pai; ele era volante do voos do meu pai, um dia ainda vou inaugurar uma escola. Ai ela inaugurou, e quando começou eu vim ser uma das primeiras visitandas da escola, ai fiquei dois anos e depois segui minha vida. Ai depois o Diretor da escola me convidou para vir da aula. Como professora de uma instituição é a primeira vez, eu sempre fui professora dos meus parentes, é outra metodologia outra didática, você pode de repente chamar de burro, apesar de eu estar me formando como pedagoga, mas você tem mais liberdade, aqui não, é uma instituição, você tem que respeitar isso.

Quais as atividades que você desenvolvia antes no circo e hoje em dia na ENC?

No circo a gente aprende de tudo, até dividir um pouco da comida, a gente aprende a ser solidário, às vezes não dá nada na bilheteria, ninguém ganha nada e precisa repartir um pouco de comida que tem, não tem leite, a gente toma café, não tem manteiga, come o pão sem nada. No circo que é do porte do meu, pequeno, de família, a gente aprende isso logo, é simulado pra guerra, você aprende de que lado vem o vendo, de que lado tem que reforçar a estaca, aprende a

dialogar com autoridade, você aprende o tipo de solo, você aprende tudo, eu falo que é simulado pra guerra. De técnica circense eu fiz bastante coisa, mas o que fica mais gritante que eu não fiz foram magia e fogo, de resto eu fiz trapézio, solo, cama elástica, parte cômica, com cavalo, que nem cheguei a gostar, mas eu fiz no picadeiro, e o nosso circo têm a tradição de ser circo teatro ainda, que é difícil no Brasil, primeira parte é números circenses, intervalo e segunda parte comédia, são textos de domínio público ninguém é dono e todo circo usa, com um diferencialzinho, regionalidade.

Qual a sua rotina das suas aulas aqui na escola? Como você começa?

Os alunos aqui sempre têm que aquecer e alongar, todos, na parte da manhã são só alunos de grade, que o terceiro período, tem 20 minutos de alongamento, tem quatro professores de educação física que se revezam, e depois os alunos são distribuídos nas suas grades. A gente já pega eles aquecidos e alongados, mas mesmo assim a gente checa, ta alongado? Com tensor? A gente pergunta, ele não é obrigado a mostrar pra gente porque tudo pode gerar processo, eles não são obrigados a mostrar eu tenho que acreditar. Não pode ter piercing, a gente faz aquele ritual todo dia: tira brinco, tira piercing, ver se está de uniforme, que não deveria ser a função do professor, mas acaba sendo.

Hoje você ministra quais aulas na Escola Nacional do Circo?

Trapézio, arame, a gente vai trocando conforme a grade, agora terminou uma grade, pode ser que na grade que venha eu dê bambu e os professores aqui são bem generalistas, entendem de tudo, a maioria nasceu no circo. Mas o que eu gosto mesmo é de dar voos, é o grande barato da minha vida é voos, que eu estreei com 11 anos e era a mais velha da trupe, meu pai era porteau e na banquilha eu com 11 anos, meu irmão com 10, uma irmã de criação com 10 e outra Irma de criação com 10, então o grande barato da minha vida é o voos. Mas como é um numero que tem que chegar muito cedo aqui para armar a rede, é uma guerra aqui o picadeiro porque todo mundo quer ensaiar no picadeiro, então quando arma os voos fica todo mundo esperando terminar para ensaiar. E para chegar aqui cedo eu tenho que sair de casa as três da manha, então eu larguei o voo e passou para outro professor, e vai trocando de professor, porque ninguém quer chegar cedo aqui para armar.

Nas suas aulas, você usa algum material de segurança?

Claro, é obrigatório. Passou de dois metros é obrigatório o uso de lonja aqui na escola, mas 100% ficam fazendo pressão sobre a gente; professora, eu sei fazer sem lonja, eu faço sem lonja lá fora, e eu digo; problema é seu. Aqui nem se o Diretor autorizar eu não deixo, porque o ele mesmo fala pra gente, se cair e machucar a Funarte não disponibiliza advogado pra gente não, se o aluno cair e machucar é a gente que tem que correr atrás do prejuízo. Porque a primeira coisa que eles fazem é jogar a gente na justiça, não tem jeito.

E se você tivesse que dar essas aulas sem lonja, você daria?

Bom, no meu circo é cultural a gente ensaiar sem lonja, nunca fiz nada com lonja, fazia trapézio de balanço sem lonja, e eu parei quando vi um colega meu no caixão, quando eu fui ao enterro dele e pensei: “não, eu tenho uma filha agora e não quero isso que pode acontecer”. Eu cresci vendo o meu pai fazer o petit volant que antigamente era o “me agarra”, e não tinha rede, quantas vezes escapava da mão do porteou e batia o peito na cortina e arrancava a cortina, e levantava e fazia de novo. Mas meu pai era muito sábio, para ele botar a gente na banquilha ele sabia que o nosso psicológico tava pronto, mas aqui como é uma escola eu não arrisco dar nada sem lonja, mas lá no um circo não eu boto um monte de crianças, fazendo o passo a passo, mas tudo sem lonja.

Você já tem uma grande experiência no mundo do circo. Nesse tempo, você já vivenciou algum acidente?

Muitos e muitos, já vi meu pai cair de pescoço na rede, quando ele caiu de pescoço ele desmaiou e a rede jogou ele pra fora e ele bateu a boca no picadeiro, perdeu um monte de dentes e ficou desmaiado no meio do espetáculo, luxou duas vértebras da cervical, e não ficou tetraplégico porque Deus não quis, porque ele já tinha quase 60 anos. Foi para o hospital, botou tração por uns meses e voltou numa boa, só nunca mais podia ir ao trapézio nem nunca mais virar o pescoço totalmente. Mas aí o dia que ele saiu do hospital com aquele colete no circo deu uma enchente no circo e ele pegou uma inchada e ficou capinando, ficou super bem. Eu já cai do arame de perna aberta, fui para o hospital e achei que nunca ia poder ser mãe, acontece quinhentos, a minha prima já caiu a banquilha do arame, nunca vi cair do arame, mas ela conseguiu, ela não caiu do arame, caiu da banquilha, quebrou e teve que colocar pino. Conheço outra que caiu da banquilha

do trapézio.

Em sua opinião, quais os acidentes mais frequentes no mundo do circo?

Para mim são os acidente que podem ser evitados. Toda vez que tem um acidente eu falo para a pessoa fazer uma retrospectiva que ela vai achar o erro, que já estava gritante até e a pessoa não prestou atenção e aquilo foi se repetindo e repetindo... Lógico que acontecem imprevistos, mas na maioria das vezes o erro está vindo e a pessoa não presta atenção. Ou a pessoa não presta atenção na manutenção do equipamento, por exemplo, a pessoa que é iniciante no tecido ou na corda, tem que montar o aparelho de uma forma que ele desça rapidamente, porque se acontece alguma coisa e ele fica preso? Não tem como descer o aparelho rápido. Mas a falta de manutenção, de discernimento, é tanta coisa, a pessoa que não está preparada para tal coisa, para ministrar aula. Então acaba sendo o material humano, não deixa de ser a falha humana, é isso 90% das vezes.

Quais as consequências de um acidente para o circo?

Enquanto escola pode fechar uma instituição. Mas enquanto circo do meu porte, infelizmente pode fazer propaganda a favor, porque o povo adora ver desgraça alheia se você cair hoje amanhã o circo lota porque aquilo vai ser divulgado, amanhã vai lotar o circo para o pessoal ver de novo, no circo do meu porte, que coitadas, tem tanta desgraça dentro de casa que quer ver desgraça alheia, no circo. Quando a gente faz espetáculo muito barato a gente já sabe que vão destruir o circo, falar palavrão, gritar coisas chatas, não deveria ter nada a ver a pessoa com poder aquisitivo baixo e educação, mas acaba tendo.

E no caso de um acidente na sua aula ou em um espetáculo, o que você faria?

Em um espetáculo tem a máxima do circo, o espetáculo não pode parar. No dia que meu pai caiu a gente colocou um moço para cantar, e depois o apresentador finalizou o espetáculo. Mas na maioria das vezes o espetáculo tem que continuar, de pequeno a gente já é preparado para isso, às vezes vê um parente desmaiado e tem que continuar. Mas aqui na escola os alunos, não são preparados para isso, teve uma vez um menino que veio aqui e pulou na cama elástica, nem era mais aluno, já era formado, ele deu uma Double volta, e quando saiu ele já não saiu reto, saiu do eixo, e na segunda ele caiu no cimento, ele teve traumatismo craniano, teve ambulância, sangue, e o pessoal começou a entrar em desespero e a gente teve que acalmar.

Enquanto professor, quais são as suas responsabilidades com a segurança?

A gente tem que checar periodicamente, tem coisas que de seis em seis meses e coisas que semanalmente, conhecer o material, o ambiente que ele está, o trapézio do voos tem que desencapar pelo menos semestralmente para ver como está, e o trapézio simples um menino vê como está a ancoragem. Porque o circo andando é fácil fazer a manutenção porque você vê o material de perto, até mesmo a lonja, mas circo parado é a pior coisa, porque você não atenta que aquilo está muito tempo ali, então a manutenção tem que ser muito cuidadosa. Você tem que prestar atenção no olho, o que você vê de diferente, o que você ouve e quando você usa, ver se tem algo diferente.

Enquanto professor, o que um acidente de um aluno na sua aula representaria na sua vida?

Nossa, é muito desagradável. A gente sabe que está dentro da porcentagem de acontecer um acidente, a gente tenta o máximo evitar, mas trabalhamos com o risco. Então a gente passa para eles, que isso faz parte não tem jeito, uma hora vai machucar. Tenta acompanhar até o hospital ou manda alguém da escola acompanhar, como a assistente social, psicóloga, professor de educação física. Temos também um trabalho de parceria que fazemos espetáculo para o bombeiro e para a Associação Brasileira de Odontologia, para quando precisar eles acudirem nossos alunos. Porque não temos planos de saúde, o nosso departamento de saúde é só fisioterapia, antigamente tinha medico hoje não tem mais. Temos também a defesa civil aqui pertinho, que é bem parceira da gente.

Em sua opinião, as suas aulas e qualquer outra atividade do circo oferecem risco?

Sem sombra de duvida, qualquer uma delas oferece risco. Mas você quando entra para o circo você está assumindo isso. Porque esse é o grande barato do circo, você desafiar a morte, quando eles sobem no tecido e tudo. Ontem teve uma prova de tecido que a menina se enrolou errado e ela é formanda! Ai a sorte é que ela ficou na duvida e passou mais uma volta e ai inviabilizou o truque, ficou presa, mas se soltou, é formanda, mas acontece, a gente é passível de erro.

Mas você acha que existe uma forma de evitar esses erros?

Conscientizando o máximo, primeiro você vai subir num aparelho, não suba em lugar nenhum se

não souber quem armou o aparelho, se o lugar é firme, se vai fazer alguma coisa no alto, por mais que nos professores amamos vocês, tem que estar junto para ver como vai montar, porque se cair quem vai ficar aleijado ou morrer vai ser você e não o professor. Sempre vem alguém aqui falando que caiu, machucou, e eu pergunto quem montou o aparelho? Ah, era uma pessoa responsável, mas não, é você! O interesse é seu, é sua vida, por mais que a pessoa vá presa, feche a instituição, quem vai para o caixão é vocês.

Para finalizar, nesse tema, que é muito amplo, o que você acha que dá para fazer ou que já está sendo feito que possa melhorar isso?

Conscientizar cada vez mais o material humano é como no trânsito que faz educação para o trânsito, porque isso é cultural. Porque no circo tradicional a gente nunca trabalhou de lonja, eu praticamente usei lonja quando vim para a Escola, já tinha 25 anos. É cultural mesmo, você tem que ir trabalhando isso, porque é uma cultura que vai mudando. Meu pai antes de a gente balançar ele colocava a gente sentada na banquilha, acabava o ensaio a gente descia pela escadinha com a ajuda do adulto, meses assim, aí ia no baixo, colocava uma banquilha baixa, aí quando estava maior marcava o truque do porteau, depois ia para a rede, e depois até amadurecer, só depois passava mão a mão. Bem passo a passo mesmo, bem “beaba”. Agora, aqui na escola tem um lance que tem um prazo para começar e acabar, e às vezes você tem que correr e cada aluno trás uma história de vida, e não adianta você querer fazer que todos andem no arame em 6 meses, a maioria vai conseguir, mas alguns não, e você não pode dizer que ele não será artista, cada um tem seu tempo, uma história de vida, um organismo. Mas aqui o período fecha, passou seis meses a gente tem que mostrar serviço. No Circo não, dá para esperar.

- Entrevista realizada com a professora Paula:

Apresentação

A minha vida foi sempre uma aventura, venho de uma família de seis irmão muitos primos, muitos agregados, muitos coletivos que eu participei desde criança, então a minha vida com o Circo é uma continuidade da minha infância [...].

Nas aulas, quais as modalidades que você ministra e que tipo de formação você teve para ministrar essas modalidades?

Bom tem essa formação empírica, da infância de aventuras, desde criança eu nadei pela minha escola então eu tive essa formação esportiva também, depois no RJ eu comecei a fazer aulas de capoeira, comecei a me apresentar com esse grupo dirigido pelo mestre Lua La da Bahia, e na verdade eu passei os cinco anos de arquitetura fazendo semestres de educação física, e logo a seguir eu reencontrei a Beth Martins, uma amiga de infância La do Mato Grosso, que tava dançando no grupo coringa, um grupo de dança contemporânea dirigido pela Graciela Figueroa que foi uma grande mestra minha, ai acabei fazendo parte desse grupo também, e é de onde vem a Déborah Colker e várias outras pessoas que são amigos nossos até hoje, paralelo a dança eu fazia aula de Tai Chi Chuan aqui no MAM, e era um Tai Chi bem yang, bem marcial, eu fiz durante uns três anos, e essa coisa da base acrobática, base de pirâmide, como ensinar a fazer pirâmide eu devo muito ao Tai Chi, e eu tive um grande mestre, tenho ainda é um conselheiro meu que é o Prof. Sérgio Bastos, era o único lugar aqui no RJ o Colégio Militar na Tijuca que recebia adultos pra fazer ginástica olímpica, eu aprendi muito de técnicas acrobáticas a partir das aulas com o Prof. Sérgio Bastos, porque ele tem um jeito de ensinar que traz muitas referencias de vetores da física, então eu conseguia visualizar, e é uma noção que eu não vi em lugar nenhum no circo, nem na escola de circo eu vi uma referência assim.

Qual a rotina das aulas?

Começo em círculo, faço uma respiração, firmo bem os limites do corpo, como ele se abre, se fecha, se expande porque são movimentos fundamentais de qualquer movimento acrobático, gosto de frisar a questão corporal, fazer muito bem o básico, porque isso é que dá o elemento pra você partir pra um outro movimento com mais conhecimento, mais ciência. E assim quando você

começa pelo “b a ba” você facilita o aprendizado. Eu gosto de ensinar pra criança, por ser essa coisa básica mesmo, e essa galera jovem acabou formando uma trupe jovem, e a gente fez um espetáculo.

Neste espetáculo, quais as modalidades circenses que estão envolvidas?

Trapézio, tecidos, lira, muita acrobacias, voos, trampolim.

Tanto na preparação deste espetáculo quanto nas aulas que você ministra, você utiliza algum material de segurança?

Usa material que a gente sabe de onde vem, lonja em muitos momentos, mosquetão giros, bouldrier de giro, colchões, outras peças de espumas, quadrado, triangulo.

Você ministraria essas mesmas aulas sem esse material?

Não! É bem mais difícil. Por exemplo, você ensinar a criança a cair numa cama humana, você bota ela na parada de mão e faz ela cair no colchão com o corpo inteiro, de frente de costas, fazer rondada, reversão, tudo você ensina essa parte do corpo esticado caindo no colchão né, não tem muito como.

A gente está falando de aulas, mas em outras atividade do circo, incluídas também as aulas, você já presenciou algum acidente?

Já, já presenciei. Torções de joelho há uns três anos atrás uma moça veio fazer aula com a gente e ela veio fez uma aula, depois voltou se inscreveu, foi fazer uma aula experimental porque ela só viria na semana seguinte, e foi fazer uma atividade na cama elástica, fez toda a atividade e quando estava saindo, andando pra ir pro colchão, ela teve uma torção com fratura exposta próxima do tornozelo, o pé ficou virado pra trás, pô acho que foi a coisa mais feia que eu vi assim, os bombeiros demoraram muito para chegar, mesmo a gente tendo chamado prontamente, a gente partiu dos princípios básicos de não mexer com, oito meses de recuperação ela estava andando. A gente teve queda de dois, em situações diferente e em anos diferentes, uma queda de rigger num teatro aqui no RJ e não teve fratura não sei como, foi uma queda que ele que sofreu, mas ele teve o “*in site*” de cair rodando de costas entendeu então salvou geral. E teve o nosso diretor técnico caiu numa montagem na Ópera de Arame, a gente já teve torções, eu mesmo já

torci os dois pés juntos, e a gente aprende muito com isso, esse tipo de acidente, a gente tem que transformá-los, tirar de algum lugar os benefícios, algumas lesões que eu já tive me levaram a encontrar grandes osteopatas aqui no RJ, e a entender que ninguém é super, que os acidentes acontecem sim, no início da nossa escola era muito comum o pessoal chegar lá dizendo oh, eu vim aqui porque quero aprender a desenrolada, aí andaram acontecendo uns acidentes lá na Fundação, não exatamente conosco, e aí os grupos se reuniram para conversar, e aí a gente decidiu que os cursos deveriam primar pela prevenção, então a pessoa ia entrar e começar do básico.

Quais os acidentes mais frequentes no mundo do circo?

Eu acho que são aqueles mais simples, das pequenas lesões, que a pessoa acha que não é nada, é só uma dorzinha, e aquilo vai desalinhando o corpo até provocar uma lesão maior, então isso também a gente só começou a reconhecer há uns dez anos, quando a gente começou a escutar sobre pilates, consciência corporal, antes a gente até fazia mas era meio empírico.

Quais as principais causas?

Eu acho que é a falta de consciência, falta de cuidado com o próprio corpo, quando a pessoa não tem essa noção ela não tem como ensinar.

É, falha humana sim, excesso de confiança, falta de conhecimento no que está fazendo

Em sua opinião, quais as consequências de um acidente no circo?

Traz consequências ruins em todos os sentidos, mesmo quando você trabalha num lugar como a gente que tem outros grupos, um acidente que nem é na Fundação é ruim pra todo mundo, primeiro fica uma ou mais pessoas lesadas, depois é algo que fugiu do controle, então você não tava tão preparado assim, e tem danos morais, físicos, financeiros, logísticos, do empreendimento, põe uma infinidade de consequências todas ruins.

Considerando sua experiência o que poderia ser feito para melhorar a segurança nas artes do circo?

Eu acho que deveria, a gente já tá nesse caminho de buscar uma consciência maior da classe toda, a Funarte teve bem empenhada nisso, agora com a mudança do Ministro da Cultura que ainda não

reativamos esse lado aí, mas a gente vinha numa progressão interessante nesse aspecto da segurança, e também da legislação, e outras questões, a gente precisa encarar mais seriamente tudo isso, precisa trazer mestres de segurança de outros lugares pra efetivar uma troca, eu acho que esses grande eventos que o Brasil vai receber vai dar uma mudada nisso aí.

A gente tem que se aprimorar, tem que se capacitar, tem que formar novos riggers, e ter algumas oficinas mais sérias, mais aprofundadas como essa que a Funarte começou a fazer.

No caso de um acidente no circo, o que você recomenda fazer?

Aquela coisa básica de ter no espaço de treinamento o telefone dos locais que você tem que chamar, saber pra onde você vai levar, ter uma garantia de atendimento.

Enquanto professora, quais suas responsabilidades quanto à segurança?

Todas, não tem essa, você pode até assinar o termo de responsabilidade, mas cara uma vez que acontece não tem “*kaô*” é você que tá na frente, você que é o responsável, e se você é ético mesmo você não vai sair dali enquanto você não ver a coisa encaminhada e muito bem encaminhada.

No momento de um acidente, você saberia o que fazer sem cometer falhas?

Cara, eu sei que a melhor solução é trazer quem saiba fazer, se eu tiver que fazer eu não garanto que eu faria sem falhas.

Enquanto professora, o que um acidente com você ou com aluno seu representaria em sua carreira?

Cara eu nunca tive um acidente assim de perda, a gente teve na Cia um rigger que, teve um acidente de moto perdeu metade da perna, é uma perda irreparável, pode ser o fim da carreira em vários aspectos.

Em sua opinião, as suas aulas e as atividades do circo oferecem algum tipo de risco?

Eu acho que é um risco controlável, a vida é um risco, andar na rua é um risco, mas é controlável. Tem alguns professores até mais ousados que eu, por serem mais experientes, mas eu quando eu vejo, podendo falar e mesmo e não podendo falar eu falo.

Você queria fazer algum outro comentário?

Eu sou muito de feliz de ver essa iniciativa de vocês sabe, um trabalho bem sério, uma maneira de replicar este assunto e preparar tudo melhor, as Cias, o treinamento o Brasil, mas eu acho que nos temos que dialogar mais com a galera de fora, porque lá a legislação é muito mais exigente, então lá eles não dão “um punzinho” fora do esquema, e agente tem que prender a fazer assim.

ANEXO 6: EXEMPLO DE 1.^a REDUÇÃO DA ENTREVISTA:

- Redução da entrevista realizada com o artista Fábio:

Apresentação

Meu nome é Fábio, 38 anos, sou artista circense há 10 anos. Sou artista circense há 10 anos, mas antes disso já atuava em outras áreas. Tenho DRT de ator caracterizador, trapezista, palhaço e pirofagista. Trabalhei no Moscou, no circo Raquimer, em empresas como Unilever, 3M, hotéis também, The Royal Palm Plaza, Bourbon.

Como você entrou no mundo do circo?

Eu entrei no circo através da minha atual esposa, ela tinha começado a fazer tecido circense, estava no comecinho e eu já atuava em discotecas, casas noturnas, como pirofagista. Em um desses trabalhos a gente se encontrou, trabalhamos juntos. Ela queria que eu entrasse para o grupo dela e começamos a treinar juntos. O grupo foi crescendo e nós íamos treinando, a primeira modalidade que eu comecei a trabalhar foi acrobático e depois começamos a trabalhar com um Double trapézio.

Quais são as principais atividades que você realiza na área do circo?

Eu sou porteau, então a minha modalidade é tudo que envolve a portagem, então portagem de balsa, de trapézio, número acrobático de Dands. É mais a portagem mesmo, e atualmente mais a acrobática e o trapézio mesmo.

Que tipo de formação que você recebeu para trabalhar como artista de circo?

Na verdade a formação foi a experiência que os mestres passaram para nós, e eu acho também que essa coisa de formação é meio complicada. Eu não acredito que seja uma formação, o artista na verdade tem os caminhos, tem os mestres, mas não é a formação que faz o cara virar um artista, e sim a vontade e a perseverança. Na verdade quem faz o artista é o povo, porque o povo que faz você ser um artista, não é você quem define que é artista. (S2)

Como é sua rotina de treino, de quando você começou e atualmente?

Quando eu comecei a gente treinava e eu sentia muita dor, porque o corpo tem que se adaptar e antes de começar a vida circense eu fui atleta de alto nível de supino e eu tinha muita massa

muscular, eu achava que isso seria fácil para mim, só que eu só tinha explosão e não resistência, meu corpo não estava preparado para isso. A minha rotina era muito mais continua, depois que eu atingi um certo ponto eu treinava a semana toda e descansava sábado e domingo quando não tinha trabalho. Hoje em dia eu treino três vezes por semana, é pouco, mas é o que sobra porque tenho que administrar a minha empresa.(S3)

Você continua fazendo aula? ou treina por conta?

Atualmente treino por conta, mas sempre tem os amigos que a gente troca uma idéia sobre algum truque diferente e os mestres que vão estar sempre na nossa vida e a gente está sempre lá pedindo uma ajuda para eles.

Bom, os mestres, pelo que você está falando, tiveram um papel importante pelo menos no alavancar da sua formação?

Na verdade os mestres nem sempre são aqueles pessoas que ficam te ensinando, mas o fato de você conversar com eles você aprende muito, porque são pessoas que estavam no circo, nasceram no circo, então eles tem muita coisa para passar para gente, então o fato de conversar com eles já é um grande aprendizado. (S2)

Você comentou que antigamente sua rotina de treino era mais intensa e hoje é um pouco menos intensa. Você já se lesionou alguma vez treinando ou apresentando?

Eu me lesionei, e a minha lesão foi imprudência minha. Os meninos estavam treinando e eu estava com o corpo totalmente frio, e eu os subestimei. Eles estavam fazendo crucifixo na faixa, e eu não sou mais um menino, fui fazer e rompi o peitoral menor. Uma outra é que depois de ter rompido o peitoral menor eu lesionei o ombro porque eu tive que continuar trabalhando e acabei tirando a força de um lado e jogando para o outro e acabei machucando o outro. (A1)

Como é sua rotina de treino, o que você começa fazendo?

Geralmente eu dou uma aquecida, me alongo, alongo principalmente ombro, coxas. Dou umas balançadas e penduradas no trapézio. Passamos a seqüência primeiro de solo e depois passamos algumas vezes as seqüências do trapézio. Primeiro a gente treina os números aéreos e depois a gente vai para o solo(S3) porque aí você está com energia para treinar os aéreos, que é um

número de risco.(R3) Depois descemos para o solo para treinar o resto das coisas com o resto da energia que sobrou.(S3)

Faz bastante tempo que você está trabalhando com circo, trabalhando em vários âmbitos. Você já presenciou algum acidente do circo?

Já presenciei e foi bem chato, na verdade foi imprudência do rapaz, misturar bebida com esse tipo de trabalho. Esse rapaz fazia o homem aranha, ele era um ótimo acrobata, mas ele bebeu e foi subir no mastro, e com pouco reflexo ele acabou caindo do mastro (A1), e fraturou costelas, perna e outras partes do corpo (A3).

Tem algum outro acidente que você já presenciou ou conhece alguém que já presenciou?

Eu fiquei sabendo de um amigo nosso, que ele foi montar o trapézio dele em balanço em uma piscina, e lá em cima ele tomou um choque. Ele estava sem cadeirinha, sem nada e ele caiu de lá de cima. A sorte dele que tinha uma pessoa embaixo e empurrou ele para a piscina.(A1)

Em sua opinião, quais são os acidentes mais frequentes no mundo do circo?

Autoconfiança é um acidente. As pessoas acham que só pelo fato de você ser um artista circense você é uma pessoa que sobe em qualquer lugar, não tem medo de altura, é o super-homem. E na verdade não é bem assim, você tem que tomar as medidas de segurança (S3) Então às vezes a pessoa tem muita auto-segurança, “Vou subir, não precisa por cadeirinha não” (A1), e em uma dessas você pode se dar mal, porque nos somos seres humanos não máquinas, e pode acontecer de fadigar um músculo ou tomar um choque, como esse meu amigo tomou e cair. E dependendo da altura que você cair não tem como você se safar de acontecer alguma coisa grave com você.(A3)

Você acha que esse tipo de atitude que você falou de não querer colocar equipamento às vezes, até pela praticidade de subir sem, é comum no mundo do circo?

É super comum, primeiro porque tem artista que acha bobeira isso, acha que não vai acontecer nada com ele (R3), e também não quer gastar com equipamento. E também pelo fato de que alguns vão tirar sarro da cara dele, mas ele sabe que está errado, mas ele não faz porque não quer pagar mico com os amigos. Mas é super comum, no circo isso acontece muito, demais.

E na sua formação, seus mestres, ou até mesmo colegas que treinavam com você, comentaram o risco, o acidente ou a segurança dessas atividades?

Olha, os meus mestres circenses tem os métodos deles, que eles aprenderam daquele jeito, e eu respeito, mas eu tenho outros amigos que trabalham com a parte de alpinismo, de exploração em caverna e é um método mais seguro, tem os equipamentos apropriados, não é uma corda de sisal, tem os mosquetões, são equipamentos preparados para isso mesmo.(S1)

Então eu respeito os métodos circenses, mas não são tão seguros, que eu não acho tão seguros,(R3) eu fico com o pé atrás. Então eu acabo indo para o lado mais certo, que é o lado dos equipamentos que realmente foram feitos para isso.

Considerando as atividades que você faz como artista, o que você acha que poderia ser feito para melhorar a segurança no circo?

A primeira coisa era a conscientização das pessoas, parar com essas comparações “eu sou de circo, você não é”, porque isso já dá uma distanciada nas pessoas porque as pessoas dizem assim “porque é que eu vou aprender com aquele cara, eu sou de circo, eu nasci no circo, não preciso aprender nada”(OT), e não é bem assim, a gente tem que estar sempre aprendendo com todo mundo, não interessa se a pessoa é de circo ou não é, o aprendizado é válido para qualquer hora e qualquer lugar. Então acho que a primeira coisa é essa aceitação de ambas as partes, tanto a aceitação dos circenses como a aceitação do não circense, essa aceitação é primordial, pois assim fica muito mais fácil de um aceitar o outro. É lógico que isso não é, não estou classificando todo mundo, mas a maioria tem essa dificuldade.

Você usa algum tipo de material de segurança nos seus números? Quais?

Sempre utilizo. No número da pirofagia, geralmente eu utilizo um extintor, e uma pessoa que conheça meu número. Geralmente minha esposa faz comigo, ela é partner e como ela conhece meu número ela vai saber se deu alguma coisa errada. Deixo também atrás da coxia uma estopa molhada e os abafadores do fogo sempre dou uma olhada no local para ver se tem muitos tecidos, e eu já antes de entrar no número eu dou uma borrifada d’água nos tecidos porque eu tenho segurança no que eu faço, mas acidentes acontecem.

No número de trapézio, como eu faço Double trapézio, são duas pessoas, é meio complicado

você colocar lonja, porque não dá, é o tempo todo se entrelaçando um no outro, então não dá certo a lonja, **então a gente trabalha com colchão**, mesmo a gente sendo maduro sempre tem um colchão embaixo para evitar uma queda e cair direto no colchão.

Se fosse necessário você treinaria ou apresentaria sem esses materiais de segurança?

Eu acho que não tem necessidade disso, eu faria o máximo para não apresentar, mas, é complicado, **eu prefiro apresentar com o colchão embaixo porque não to colocando em risco só eu, mas todos que estão me assistindo(R2)**, então eu acredito que eu não me apresentaria.

Qual é o procedimento quando alguém liga para vocês para contratar alguma apresentação com relação à segurança?

Então, a gente é uma empresa, então a gente nunca fala de primeira que será possível fazer. **Primeiro a gente faz uma visita técnica, nessa visita a gente vê qual é a estrutura do local, se suporta aquele peso, a logística de entrar e sair colchão, se é alto ou baixo, se precisa de ponto de ancoragem, etc. E depois a gente passa o orçamento e no contrato vem as regras do que é preciso.**

No caso de um possível acidente no circo, nos ensaios os espetáculos, o que você recomenda fazer?

Se a pessoa não tiver noção nenhuma de primeiros socorros ela não deve mexer na pessoa e ligar para uma ambulância ou para o bombeiro socorrer. Porque você não sabe se a pessoa fraturou alguma vértebra ou alguma coisa, então você não mexe na pessoa, isso se for um tombo do trapézio ou tecido, enfim. Agora se for fogo, se a pessoa pegou fogo, a primeira coisa é abafar o fogo, não jogar água no ferimento e entra em contato com um órgão responsável. A4)

Enquanto artista, quais são as suas responsabilidades quanto à segurança no circo?

Olha, eu enquanto artista, sempre que estou entrando em cena ou no picadeiro **eu não visio só a minha segurança, mas também a segurança dos meus amigos que estão trabalhando, dos outros artistas(S5)** **Então a primeira coisa que eu falo para o pessoal, para os barreiras, é limitar o espaço para as pessoas não ficarem circulando**, e tentar ficar concentrado. Porque o artista tem um problema, o artista mesmo, que acredita no que ele está fazendo, toda vez que ele vai entrar, ele pode ter 200 anos de circo, ele sempre vai ter aquele friozinho na barriga. E esse momento é

para o artista se concentrar ou para todos os artistas se concentrarem numa energia de responsabilidade. Eu acho que esse momento em que todos ficam de mãos dadas, mandando uma energia positiva não é só uma energia espiritual, é chamar a responsabilidade dos artistas naquela hora. Pensando “Eu estou aqui para fazer alguma coisa diferente, estou aqui para mudar, para passar uma coisa boa para o público”, então isso é uma coisa primordial, porque isso chama o artista para a realidade.

Quem monta e desmonta o seu material?

No meu caso, eu e a minha esposa geralmente, e quando é um lugar muito difícil que precise de uma técnica mais profissional de um rapel ou alguma coisa de escalada, daí eu contrato outra empresa. Mas geralmente somos nós, **nós temos cadeirinha, um básico de segurança em altura**, e a gente até prefere que seja nós porque a gente sabe o que precisa para poder amarrar, se você tem uma viga com quina, temos que colocar uma faixa de proteção, então tem todos esses aparatos técnicos que a gente prefere nós mesmos colocar os aparelhos.

Como esse equipamento é guardado quando vocês não estão usando?

Eles ficam guardados em case, cada material tem um case. Porque primeiro, o trapézio é feito de corda de algodão e essa corda apodrece muito fácil se ela ficar muito tempo entre sol e chuva ela apodrece. E geralmente, dentro do nosso trapézio tem um cabo de aço, que seria um cabo de segurança, que passa dentro da corda e é amarrado no trapézio.

E os outros materiais?

Estão todos separados em case. O material de pirofagia fica guardado em um frasco bloqueado para ele mesmo, o amianto eu troco de 6 em 6 meses, e o amianto é muito tóxico, então agora a gente tá tirando o amianto e deixando o Kevlar e de 6 em 6 meses tem que trocar para evitar que ele desfaça e saia voando nos outros.

Esse material de pirofagia, como você o identifica e como você o transporta?

Eu uso a isoparafina, que é um derivado da parafina, ele não tem gosto e não tem cheiro, é para usar mesmo para ambiente fechados, mas ele é tão perigoso, tão tóxico como o querosene. Eu acho até mais tóxico porque a querosene você sabe o quanto ingeriu, a isoparafina não. Então

para o cara chegar a cuspir com isoparafina o cara tem que estar bem profissional. Eu levo ele num frasco que vende para levar produtos químicos que é a prova de fogo e só sai a quantidade que você quer usar. Mas eu levo tudo em case, tem o case do bastão, o dos produtos inflamáveis e etc.

Caso ocorra um acidente, qual é a melhor maneira de você agir, em sua opinião?

A primeira coisa que eu faria é colocar as pessoas em segurança, pegar o extintor para apagar. Mas a primeira coisa é colocar as pessoas em segurança, evacuar o lugar, porque o primordial são as pessoas, depois vemos o que fazer com o resto. Porque não adianta você tentar apagar o fogo de imediato, só se ele estiver no começo.

Você recebeu algum tipo de informação para lidar com situações de emergência?

Sinceramente Não, eu sou muito curioso, eu tenho bastante amigos que já fizeram curso de segurança, então eu fico só na curiosidade perguntando para um ou para outro, mas curso mesmo em si eu nunca fiz não.

O que você acha que causa fascínio no público nas apresentações que você faz?

É o perigo né, no circo é sempre o perigo né. Do trapezista é a tensão de ele cair, do pirofagista de ele se queimar ou queimar alguma coisa, acho que é isso o medo da sensação da altura, do fogo, do calor. Acho que é isso, causa essa adrenalina no público.

Você falou desse perigo que fascina o público. Você acha que as atividades circenses o circo em si são uma atividade de risco?

Olha, para o público é, porque é até engraçado as pessoas perguntam “o que você faz?”, e você diz que é artista circense e eles falam, “nossa é perigoso demais”, então as pessoas não sabem o trajeto para você chegar a ser um artista circense, ou um outro artista, então para eles é surreal, mas a gente vive daquilo, então a gente tem todo um cuidado, a gente tem que estar preparado para fazer aquilo, eles acham que a gente é louco né. Mas eu acho que o público pensa isso mais por falta de conhecimento.

Mas você acha que as apresentações que você faz, para você, oferecem risco?

Risco acredito que não, as minhas apresentações eu acredito que não tenham risco. Apesar que acidente pode acontecer em qualquer lugar, mas eu faço de tudo para que não aconteça isso, por isso que a gente tem essa rotina de treino, mas é uma coisa de risco né, porque você está numa altura então você pode cair, se você está mexendo com o fogo pode se queimar, então por isso existe o risco, e é isso que deixa fascinante.

Como artista, o que um acidente representaria na sua vida?

Para um artista dependendo do acidente pode ser o fim da carreira, mas a gente tenta não pensar nisso muito não. Mas se você machucar, dependendo da lesão você não volta mais. Mas o artista circense tem essa coisa né, se o cara é trapezista e machucou o ombro, ele passa a fazer outra coisa. Meu mestre era um ótimo trapezista, volante, machucou o ombro e foi para o icarios, que ele só usa as pernas.

Para finalizar, você gostaria de fazer algum comentário com relação ao que a gente falou?

O que eu quero dizer para as pessoas é serem mais humildes e abrirem a cabeça porque conhecimento nunca é demais. É bom você ter conhecimento, amigos que você troque idéias, porque segurança nunca é demais, custa você colocar uma cadeirinha? Custa você verificar seus equipamentos para ver se eles estão bons? Isso é primordial, então peço para as pessoas tomarem cuidado com os seus aparelhos pois não vai estar só se agredindo mas agredindo também o publico, porque se o artista não respeita a si mesmo ele também não respeita o publico e se não respeita o publico não merece ser artista.

Para a imagem das artes circenses, um acidente ou mesmo uma situação de alguém fazendo uma instalação sem segurança, como isso seria visto pelo público?

Uma irresponsabilidade, o cara deixa de ser artista e passa a ser louco. Quando sair tudo bem, beleza, mas quando acontece o contrário as pessoas acham que é loucura, falta de profissionalismo, Mas as coisas estão mudando, as pessoas estão vendo que tem que ter essa responsabilidade. Porque uma comparação, o Cirque Du Soleil tem uma responsabilidade muito grande com os artistas e com a segurança, e é um grande circo, não vou dizer que é o maior do mundo, mas leva com bastante responsabilidade o que se diz de segurança. Então tem muita coisa que a gente tem que aprender com essas pessoas, porque se eles chegaram até onde chegaram não

foi a toa. Não desmerecendo os artistas tradicionais, eles também tinham esse cuidado, mas da forma deles, uma forma mais antiquada, resolvia para aquela época. Agora, os tempos são outros, vamos mudar, vamos para frente.

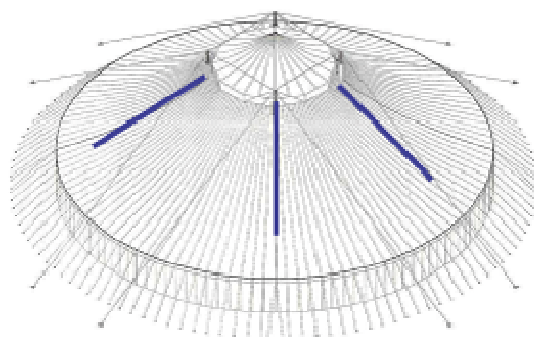
Esse “vamos mudar, vamos para frente” você acha que pode ser uma maior ligação das artes circenses com parâmetros e assuntos mais atuais e mais científicos?

Sim, eu acho que essa ciência ela veio para ajudar e não só para atrapalhar. É lógico que tudo tem que ter uma balança, não pode pender muito para lá ou para cá, então eu acho que a ciência a gente tem que desfrutar o melhor que tem. Hoje em dia tem as cordas, faixas que agüentam 2 ou 3 toneladas, tem as cordas que são de um material superior ao das cordas de antigamente, os mosquetões, então essas coisas vieram para ajudar e não atrapalhar. Então as pessoas têm que fazer uma junção do milenar com a atualidade, com o futuro, porque isso é só para agregar coisas boas para o artista e para o público.

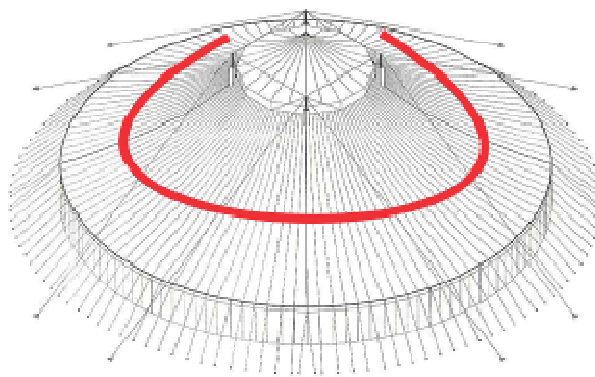
Como você se prepara fisicamente para manter essa rotina de treino e apresentação?

Eu não sou muito regrado não, porque primeiro que eu não sou só artista, também dirigo a empresa, então os horários são muito loucos, não conseguimos viver só de apresentação. Então a minha rotina é, eu levanto de manhã, não gosto muito de tomar café da manhã, quando possível dou uma corrida, ando de bicicleta, como, fico um pouco no computador, preparo o almoço, a Daniela vai dar aula e eu vou resolver coisas de banco, quando eu volto a gente treina em casa, temos uma estrutura aqui mesmo, e a minha esposa volta a dar aula, jantamos e dormimos. A parte de alimentação, tento não comer muito amido a noite porque sou diabético. Fora isso, faço uma alimentação normal, arroz, feijão, legumes, carnes, etc. (S4)

ANEXO 7: EXEMPLO DE PROCESSO DE MANUTENÇÃO NA LONA DE UM CIRCO FORMA SEGURA:



O primeiro passo é ancorar cordas no mastro principal. Cada corda deve ser utilizada apenas por um funcionário, e ele deve estar munido de seus E.P.I.s (Cadeirinha, trava queda, capacete, etc.). Na figura acima, as cordas são representadas pelos segmentos azuis.



Nossa segunda recomendação é ancorar uma corda de forma circular (representada pela linha vermelha na figura), passando no meio da lona, de forma a criar um segundo ponto de segurança (*backup*). Caso a corda principal se solte ou se rompa, este segundo evitará um acidente com consequências mais graves (corda representada pelo segmento vermelho).



Exemplo real de uma manutenção na lona (lavagem) utilizando cordas individuais presas ao mastro



Exemplo do uso da corda de backup (destacada com o retângulo vermelho)

ANEXO 8: EXEMPLO DE ADVERTÊNCIA SOBRE SEGURANÇA E EMERGÊNCIA NO USO DE PRODUTOS QUÍMICOS:

FICHA DE INFORMAÇÕES DE SEGURANÇA DE PRODUTOS QUÍMICOS

1. Identificação do produto e da empresa

Nome do produto Stihl 8017 H

SDS # 464524

Uso do produto Óleo de Motor.

Para aplicações específicas do produto, consulte a Ficha Técnica ou contate um representante da empresa.

Código 464524-BR01

Fornecedor Castrol Brasil Ltda.

Avenida Itaóca 2400 - Inhaúma

21061-020 – Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Telefone: 55 21 25987222

INFORMAÇÕES DE EMERGÊNCIA / VAZAMENTOS:

+55 0 8000 265544 (24 h)

Endereço de E-mail bpcares@bp.com

2. Identificação de perigos

Estado físico

Cor Vermelho.

Informações gerais sobre emergência

CUIDADO !

Rotas de entrada Contato com a pele. Contato com os olhos. Inalação. Ingestão.

Efeitos Potenciais na Saúde

Olhos Pode causar irritação nos olhos.

Pele Pode causar irritação da pele. O contato prolongado ou repetido pode remover a gordura da pele e originar irritação cutânea e/ou dermatite.

Inalação Pode causar irritação no trato respiratório.

Ingestão A ingestão pode causar irritação gastrointestinal e diarreia.

Consulte a Seção 11 para Informações Toxicológicas

O contato prolongado ou repetido pode remover a gordura da pele e originar irritação cutânea e/ou dermatite. De acordo com as normas de higiene industrial, as exposições a substâncias suspensas no ar devem ser controladas a valores tão baixos quanto possível. Evitar contato com os olhos, pele e roupas. Manusear apenas com ventilação adequada. Manter o recipiente bem fechado e vedado até que esteja pronto para uso. Lavar-se cuidadosamente depois do manuseio. PODE CAUSAR IRRITAÇÕES À PELE, OLHOS E VIAS RESPIRATÓRIAS.

3. Composição e informações sobre os ingredientes

Óleo básico - altamente refinado Varia 95 - 100

Nome do ingrediente Número CAS % por Peso

*** Os limites de exposição ocupacionais, se disponíveis, encontram-se indicados na seção 8**

Data de lançamento

06/23/2011.

Stihl 8017 H

Nome do produto

Código do produto

Versão 2 Format Brasil Idioma

464524-BR01

Data de impressão 06/23/2011. **(Brasil)**

4. Medidas de primeiros-socorros

Contato com os olhos Em caso de contato, lavar imediatamente os olhos com água em abundância por 15 minutos no mínimo. Se ocorrem sintomas procure tratamento médico.

Contato com a pele Lave imediatamente a pele exposta com água e sabão. Remova roupas e calçados contaminados. Lavar as roupas antes de reutilizá-las. Limpe completamente os sapatos antes de reusa-los. Se ocorrem sintomas procure tratamento médico.

Inalação Se inalado, remover a pessoa para um ambiente com ar fresco. Se ocorrem sintomas procure tratamento médico.

Ingestão Não induzir vômitos a não ser sob recomendação de um médico. Nunca dar nada por via oral a uma pessoa inconsciente. Se uma quantidade potencialmente perigosa desta substância for ingerida, chame um médico imediatamente. Se ocorrem sintomas procure tratamento médico.

5. Medidas de combate a incêndio

Isolar prontamente o local removendo todas as pessoas da vizinhança do acidente, se houver fogo. Nenhuma ação deve ser tomada que envolva qualquer risco pessoal ou sem treinamento apropriado.

Roupas de proteção

(Incêndio)

Os bombeiros devem usar equipamentos de proteção adequados e usar um aparelho respiratório autônomo (SCBA) com uma máscara completa operando em modo de pressão positiva.

Procedimentos de combate a incêndio

Produtos de combustão perigosos

Produtos de combustão podem incluir o seguinte:

óxidos de carbono (CO, CO₂)

Em situação de incêndio ou caso seja aquecido, um aumento de pressão ocorrerá e o recipiente poderá estourar.

Riscos de Fogo/Explosão

Ponto de fulgor Vaso fechado: 225°C (437°F) [Pensky-Martens.]

Meios de extinção

Adequado Usar um agente extintor adequado para o fogo das áreas em redor.

Inadequado Não utilizar jato de água.

6. Métodos para a limpeza

Nenhuma ação deve ser tomada que envolva qualquer risco pessoal ou sem treinamento apropriado. Não deixar entrar pessoas desnecessárias ou desprotegidas. Não tocar ou caminhar sobre material derramado. De acordo com as normas de higiene industrial, as exposições a

substâncias suspensas no ar devem ser controladas a valores tão baixos quanto possível. Forneça ventilação adequada. Utilizar máscara adequada quando a ventilação for inadequada. Utilizar equipamento de proteção pessoal adequado (consulte a Seção 8). Interromper o vazamento se não houver riscos. Mover recipientes da área de derramamento. Aproximar-se do derramamento em direção o vento. Impeça a entrada em esgotos, cursos de água, caves ou espaços reduzidos. Lave e conduza a quantidade derramada para uma planta de tratamento de efluentes ou proceda da seguinte forma. Os derramamentos devem ser recolhidos por meio de materiais absorventes não combustíveis, como por exemplo areia, terra, vermiculite ou terra diatomácea, e colocados no contentor para eliminação de acordo com a legislação local (consulte a seção 3). Descarte através de uma firma autorizada no controle do lixo. O material absorvente contaminado pode causar o mesmo perigo que o produto derramado. Obs.: Consulte a seção 1 para obter informações sobre os contatos de emergência e a seção 13 sobre o descarte de resíduos.

Precauções ao meio ambiente

Evite a dispersão do produto derramado e do escoamento em contato com o solo, cursos de água, fossas e esgoto. Informe as autoridades pertinentes caso o produto tenha causado poluição ambiental (esgotos, vias fluviais, terra ou ar).

Precauções pessoais

Grande derramamento

Interromper o vazamento se não houver riscos. Mover recipientes da área de derramamento. Diluir com água e limpar se solúvel em água. Alternativamente, ou se solúvel em água, absorver com um material inerte seco e colocar em um recipiente adequado de eliminação dos resíduos. Descarte através de uma firma autorizada no controle do lixo.

Pequenos

derramamentos

Métodos para a limpeza

Data de lançamento

06/23/2011.

Stihl 8017 H **PORTUGUÊS**

7. Manuseio e armazenamento

Manuseio Utilizar equipamento de proteção pessoal adequado (consulte a Seção 8). Os funcionários devem lavar as mãos e o rosto antes de comer, beber ou fumar. Não respirar vapor ou bruma. Não ingerir. Evitar contato com os olhos, pele e roupas. Manusear apenas com ventilação adequada.³⁰

Utilizar máscara adequada quando a ventilação for inadequada.

Armazenamento Armazenar de acordo com a legislação local. Armazene distante da luz direta em uma área seca fria e bem ventilada, distante de materiais incompatíveis (veja seção 10). Manter o recipiente bem fechado e vedado até que esteja pronto para uso. Os recipientes que forem abertos devem ser selados cuidadosamente e mantidos em posição vertical para evitar vazamentos. Não armazene em recipientes sem rótulos. Utilizar um recipiente adequado para evitar a contaminação do ambiente.

³⁰ A empresa Barry Cordage oferece uma série de BOLSAS e outros dispositivos para o armazenamento adequado dos equipamentos circenses, o que certamente favorece a preservação da sua qualidade. Como exemplo, podemos mencionar a bolsa para transporte da lira: <http://www.barry.ca/circus-equipment/acrobatic-equipment/trapeze-bar-bag.htm>. Acesso em 4 abr. 2012.

8. Controle de exposição/proteção individual

Limites de exposição ocupacional

Nome do ingrediente Limites de exposição ocupacional

Óleo básico - altamente refinado **ACGIH (Estados Unidos)**.

TWA: 5 mg/m³ 8 hora(s). Formulário: Óleo mineral, névoa

Para mais informação e orientação, incluímos os valores ACGIH. Para obter mais informações sobre os mesmos, contatar o fornecedor.

Embora OELs específicos para determinados componentes possam ser mostrados nesta seção, outros componentes podem estar presentes em qualquer neblina, vapor ou poeira produzida. Por essa razão, os OELs específicos podem não ser aplicáveis ao produto como um todo e são fornecidos para orientação apenas.

Medidas de controle Manusear apenas com ventilação adequada. Se as operações do utilizador gerarem pó, fumos, gases, vapor ou névoa, usar vedantes no processo, utilizar exaustor local, ou outro controle de engenharia para manter a exposição do trabalhador aos contaminantes aéreos abaixo dos limites estatutários ou recomendados.

Medidas higiênicas Lave muito bem as mãos, antebraços e rosto após manusear os produtos químicos, antes de usar o lavatório, comer, fumar e ao término do período de trabalho. Técnicas apropriadas podem ser usada para remover roupas contaminadas. Lavar as vestimentas contaminadas antes de reutilizá-las.

Proteção Pessoal

Olhos Evitar o contato com os olhos. Óculos de segurança com proteção lateral ou óculos de proteção para compostos químicos.

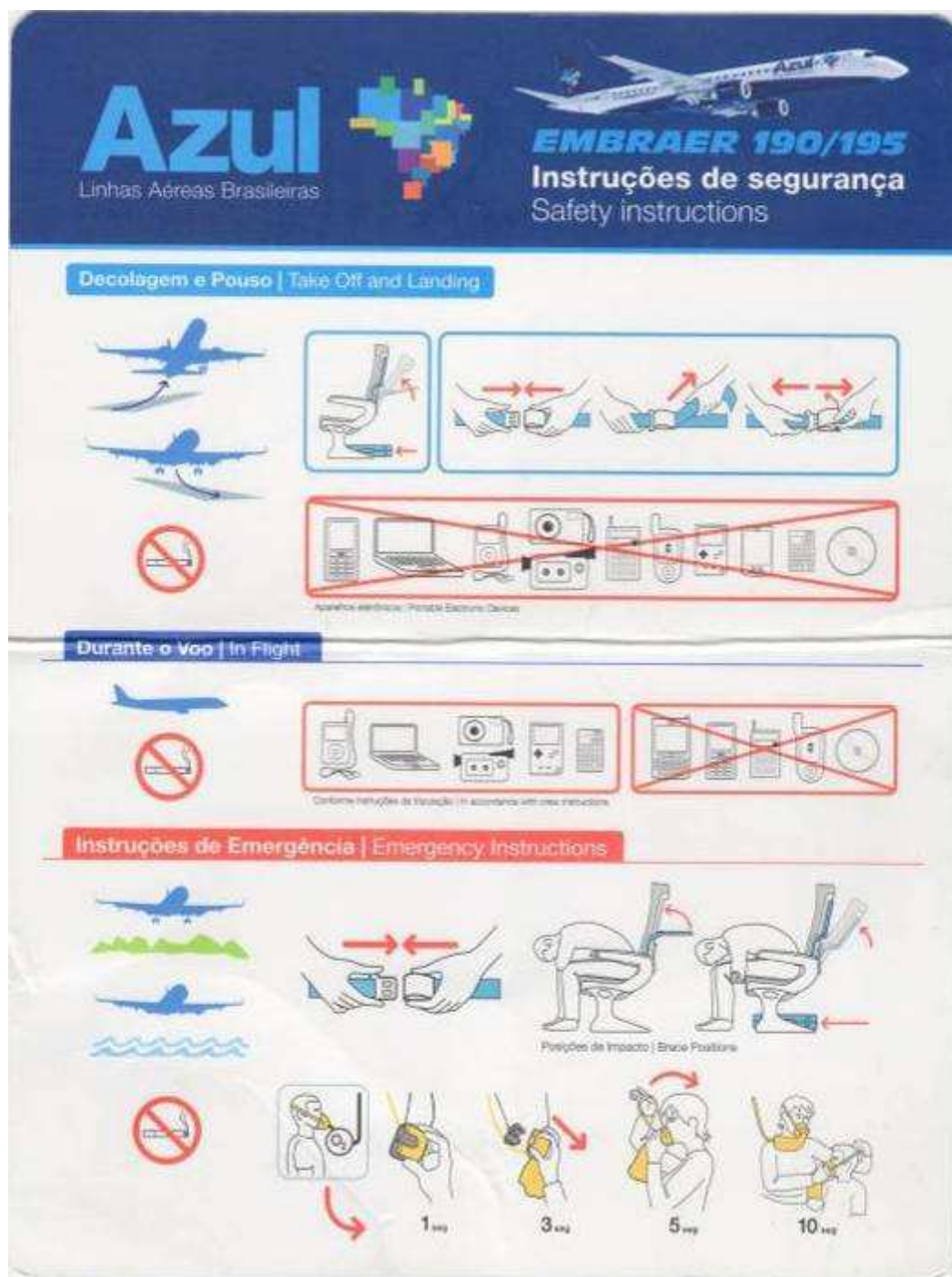
Pele e corpo Evite o contato com a pele e roupas. Usar vestuário de proteção adequado.

Respiratório Utilizar ventilação adequada. De acordo com as normas de higiene industrial, as exposições a substâncias suspensas no ar devem ser controladas a valores tão baixos quanto possível.

Mãos A escolha do tipo correto de luvas de proteção depende dos produtos químicos a manusear, das condições de trabalho e uso e do estado das luvas (até mesmo as luvas mais resistentes a produtos químicos se rompem após a exposição frequente a esses produtos). A maioria das luvas oferece proteção por um curto período de tempo e, então, devem ser descartadas e substituídas. Como o ambiente de trabalho e as práticas de manuseio da substância variam, devem ser desenvolvidos procedimentos de segurança para cada aplicação que se pretende fazer. As luvas devem ser escolhidas de acordo com as recomendações do fornecedor/fabricante e com a avaliação minuciosa das condições de trabalho.

Fonte: <http://www.castrol.com/liveassets/bp_internet/castrol/castrol_brazil/STAGING/local_assets/downloads/FS_Edge-0W40.pdf>.

ANEXO 9: PROCEDIMENTOS DE SEGURANÇA E EMERGÊNCIA NA AVIAÇÃO CIVIL:



Frente



Verso

Fonte: Azul Linhas Aéreas Brasileiras.

ANEXO 10: EXEMPLOS COMPARATIVOS DE EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES COM BAIXO E ALTO RISCO:

- União de cabos de aço:



Na imagem acima, podemos notar que dois cabos se unem com a utilização de um nó, técnica inadequada e de alto risco.

Na página seguinte, podemos notar a maneira correta de se unir dois cabos, fazendo uso de uma manilha, (anilha) equipamento abaixo:



- Corda utilizada para espisar mastro de lona circense sem o uso de sapatilha, o que aumenta consideravelmente o esforço e o desgaste sofrido pela corda:



Recomendamos que este tipo de instalação seja realizado com cabos de aço, por possuírem maior resistência às intempéries, entretanto, com corda ou cabo, o uso da sapatilha se faz indispensável:



- Exemplo de ancoragem para espias do mastro de principal:







Notamos que na primeira imagem é feito o uso de correntes, porém mais uma vez deixamos aqui nossa preferência pelo uso de cabos de aço, não só por serem mais resistentes, mas também por proporcionarem uma instalação mais bem configurada.

Outro aspecto importante é o fato de que, com exceção à primeira imagem, nas demais foi adotado um sistema em que a fixação no solo é feita por placas metálicas fixadas sempre pelo menos com duas estacas, sistema interessante e muito seguro para o tipo de solo em questão. Além disso, podemos notar que todo o sistema de cabos, Tiffors³¹ e estacas foi isolado por uma grade azul, impossibilitando o acesso do público a um local que oferece riscos desconhecidos pela maioria dos frequentadores.

³¹ Equipamento para tencionar cabos de aço (*vide* glossário).

ANEXO 11: MAPA DE RISCO: DESCRIÇÃO COMPLETA:

MAPA DE RISCO

O Diário Oficial da União de 20 de agosto de 1992 publicou uma portaria do Departamento Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador (DNSST) implantando a obrigatoriedade da elaboração de mapas de riscos pelas Comissões Internas de Prevenção de Acidentes (CIPAS) nas empresas. O mapa é um levantamento dos pontos de risco nos diferentes setores das empresas. Trata-se de identificar situações e locais potencialmente perigosos. A partir de uma planta baixa de cada seção são levantados todos os tipos de riscos, classificados por grau de perigo: pequeno, médio e grande. Estes tipos são agrupados em cinco grupos, classificados pelas cores vermelho, verde, marrom, amarelo e azul. Cada grupo corresponde a um tipo de agente: químico, físico, biológico, ergonômico e mecânico.

A ideia é que os funcionários de uma seção façam a seleção apontando aos cipeiros os principais problemas da respectiva unidade. Na planta da seção, exatamente no local onde se encontra o risco (uma máquina, por exemplo) deve ser colocado o círculo no tamanho avaliado pela CIPA e na cor correspondente ao grau de risco.

O mapa deve ser colocado em um local visível para alertar os trabalhadores sobre os perigos existentes naquela área. Os riscos serão simbolizados por círculos de três tamanhos distintos: pequeno, médio e grande.

A empresa receberá o levantamento e terá 30 dias para analisar e negociar com os membros da CIPA ou do Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT), se houver, prazos para providenciar as alterações propostas. Caso esses prazos sejam descumpridos, a CIPA deverá comunicar a Delegacia Regional do Trabalho.

RISCOS FÍSICOS

São considerados riscos físicos:

- ruídos;
- calor;
- vibrações;
- pressões anormais;
- radiações;

- umidade.

RUÍDOS

As máquinas e equipamentos utilizados pelas empresas produzem ruídos que podem atingir níveis excessivos, podendo, em curto, médio e longo prazo, provocar sérios prejuízos à saúde. Dependendo do tempo de exposição, nível sonoro e da sensibilidade individual, as alterações danosas poderão se manifestar imediatamente ou gradualmente. Quanto maior o nível de ruído, menor deverá ser o tempo de exposição ocupacional.

Consequências:

O ruído age diretamente sobre o sistema nervoso, ocasionando:

- fadiga nervosa;
- alterações mentais: perda de memória, irritabilidade, dificuldade em coordenar ideias;
- hipertensão;
- modificação do ritmo cardíaco;
- modificação do calibre dos vasos sanguíneos;
- modificação do ritmo respiratório;
- perturbações gastrointestinais;
- diminuição da visão noturna;
- dificuldade na percepção de cores.

Além destas consequências, o ruído atinge também o aparelho auditivo, causando a perda temporária ou definitiva da audição.

Medidas de controle:

Para evitar ou diminuir os danos provocados pelo ruído no local de trabalho, podem ser adotadas as seguintes medidas:

- Medidas de proteção coletiva: enclausuramento da máquina produtora de ruído; isolamento de ruído.
- Medida de proteção individual: fornecimento de equipamento de proteção individual (E.P.I.) (no caso, protetor auricular). O E.P.I. deve ser fornecido na impossibilidade de eliminar o ruído ou como medida complementar.
- Medidas médicas: exames audiométricos periódicos, afastamento do local de trabalho, revezamento.

- Medidas educacionais: orientação para o uso correto do E.P.I., campanha de conscientização.
- Medidas administrativas: tornar obrigatório o uso do E.P.I. (controlar seu uso).

Limite de tolerância para ruído contínuo ou intermitente

Nível de ruído dB (A) Máxima exposição diária permissível

85 8 horas

86 7 horas

87 6 horas

88 5 horas

89 4 horas e 30 minutos

90 4 horas

91 3 horas e 30 minutos

92 3 horas

93 2 horas e 40 minutos

94 2 horas e 40 minutos

95 2 horas

96 1 hora e 45 minutos

98 1 hora e 15 minutos

100 1 hora

102 45 minutos

104 35 minutos

105 30 minutos

106 25 minutos

108 20 minutos

110 15 minutos

112 10 minutos

114 8 minutos

115 7 minutos

VIBRAÇÕES

Na indústria, é comum o uso de máquinas e equipamentos que produzem vibrações, as quais podem ser nocivas ao trabalhador.

As vibrações podem ser:

Localizadas - (em certas partes do corpo). São provocadas por ferramentas manuais, elétricas e pneumáticas. Consequências: alterações neurovasculares nas mãos, problemas nas articulações das mãos e braços; osteoporose (perda de substância óssea).

Generalizadas - (ou do corpo inteiro). As lesões ocorrem com os operadores de grandes máquinas, como os motoristas de caminhões, ônibus e tratores.

Consequências: lesões na coluna vertebral; dores lombares.

Medidas de controle:

Para evitar ou diminuir as consequências das vibrações, é recomendado o revezamento dos trabalhadores expostos aos riscos (menor tempo de exposição).

RADIAÇÕES

São formas de energia que se transmitem por ondas eletromagnéticas. A absorção das radiações pelo organismo é responsável pelo aparecimento de diversas lesões. Podem ser classificadas em dois grupos:

Radiações ionizantes:

Os operadores de raios-x e radioterapia estão frequentemente expostos a esse tipo de radiação, que pode afetar o organismo ou se manifestar nos descendentes das pessoas expostas.

Radiações não ionizantes:

São radiações não ionizantes a radiação infravermelha, proveniente de operação em fornos, ou de solda oxiacetilênica, radiação ultravioleta, como a gerada por operações em solda elétrica, ou ainda raios laser, micro-ondas, etc.

Seus efeitos são perturbações visuais (conjuntivites, cataratas), queimaduras, lesões na pele, etc.

Medidas de controle:

- Medidas de proteção coletiva: isolamento da fonte de radiação (ex.: biombo protetor para operação em solda), enclausuramento da fonte de radiação (ex.: pisos e paredes revestidos de chumbo em salas de raios-x).
- Medidas de proteção individual: fornecimento de E.P.I. adequado ao risco (ex.: avental, luva, perneira e mangote de raspa para soldador, óculos para operadores de forno).
- Medida administrativa: (ex.: dosímetro de bolso para técnicos de raios-x).
- Medida médica: exames periódicos.

CALOR

Altas temperaturas podem provocar:

- desidratação;
- erupção da pele;
- câimbras;
- fadiga física;
- distúrbios psiconeuróticos;
- problemas cardiocirculatórios;
- insolação.

FRIO

Baixas temperaturas podem provocar:

- feridas;
- rachaduras e necrose na pele;
- enregelamento: ficar congelado;
- agravamento de doenças reumáticas;
- predisposição para acidentes;
- predisposição para doenças das vias respiratórias.

Medidas de controle:

- Medidas de proteção coletiva: ventilação local exaustora com a função de retirar o calor e gases dos ambientes, isolamento das fontes de calor/frio.
- Medidas de proteção individual: fornecimento de E.P.I. (ex.: avental, bota, capuz, luvas especiais para trabalhar no frio).

PRESSÕES ANORMAIS

Há uma série de atividades em que os trabalhadores ficam sujeitos a pressões ambientais acima ou abaixo das pressões normais, isto é, da pressão atmosférica a que normalmente estamos expostos.

Baixas pressões: são as que se situam abaixo da pressão atmosférica normal e ocorrem com trabalhadores que realizam tarefas em grandes altitudes. No Brasil, são raros os trabalhadores

expostos a este risco.

Altas pressões: são as que se situam acima da pressão atmosférica normal. Ocorrem em trabalhos realizados em tubulações de ar comprimido, máquinas de perfuração, caixões pneumáticos e trabalhos executados por mergulhadores. Ex.: caixões pneumáticos, compartimentos estanques instalados nos fundos dos mares, rios e represas onde é injetado ar comprimido que expulsa a água do interior do caixão, possibilitando o trabalho. São usados na construção de pontes e barragens.

Consequências:

- ruptura do tímpano quando o aumento de pressão for brusco;
- liberação de nitrogênio nos tecidos e vasos sanguíneos e morte.

Medidas de controle

- Por ser uma atividade de alto risco, exige legislação específica (NR-15) a ser obedecida.

UMIDADE

As atividades ou operações executadas em locais alagados ou encharcados, com umidade excessiva, capazes de produzir danos à saúde dos trabalhadores, são situações insalubres e devem ter a atenção dos prevenicionistas por meio de verificações realizadas nesses locais para estudar a implantação de medida de controle.

Consequências:

- doenças do aparelho respiratório;
- quedas;
- doenças de pele;
- doenças circulatórias.

Medidas de controle:

- Medidas de proteção coletiva: estudo de modificações no processo do trabalho, colocação de estrados de madeira, ralos para escoamento.
- Medidas de proteção individual: fornecimento do E.P.I. (ex.: luvas, de borracha, botas, avental para trabalhadores em galvanoplastia, cozinha, limpeza, etc.).

RISCOS QUÍMICOS

Os riscos químicos presentes nos locais de trabalho são encontrados na forma sólida, líquida e

gasosa, e classificam-se em: poeiras, fumos, névoas, gases, vapores, neblinas e substâncias, compostos e produtos químicos em geral. Poeiras, fumos, névoas, gases e vapores estão dispersos no ar (aerodispersoides).

POEIRAS

São partículas sólidas geradas mecanicamente por ruptura de partículas maiores. As poeiras são classificadas em:

- Poeiras minerais. Ex.: sílica, asbesto, carvão mineral. Consequências: silicose (quartzo), asbestose (amianto), pneumoconiose dos minérios de carvão (mineral).
- Poeiras vegetais. Ex.: algodão, bagaço de cana-de-açúcar. Consequências: bissinose (algodão), bagaçose (cana-de-açúcar), etc.
- Poeiras alcalinas. Ex.: calcário. Consequências: doenças pulmonares obstrutivas crônicas, enfisema pulmonar.
- Poeiras incômodas. Consequências: interação com outros agentes nocivos presentes no ambiente de trabalho, potencializando sua nocividade.

FUMOS

Partículas sólidas produzidas por condensação de vapores metálicos. Ex.: fumos de óxido de zinco nas operações de soldagem com ferro.

Consequências: doença pulmonar obstrutiva, febre de fumos metálicos, intoxicação específica de acordo com o metal.

NÉVOAS

Partículas líquidas resultantes da condensação de vapores ou da dispersão mecânica de líquidos. Ex.: névoa resultante do processo de pintura a revólver, monóxido de carbono liberado pelos escapamentos dos carros.

GASES

Estado natural das substâncias nas condições usuais de temperatura e pressão. Ex.: GLP (gás

liquefeito de petróleo), hidrogênio, ácido nítrico, butano, ozona, etc.

VAPORES

São dispersões de moléculas no ar que podem condensar-se para formar líquidos ou sólidos em condições normais de temperatura e pressão. Ex.: nafta, gasolina, naftalina, etc. Névoas, gases e vapores podem ser classificados em:

- Irritantes: irritação das vias aéreas superiores. Ex.: ácido clorídrico, ácido sulfúrico, soda cáustica, cloro, etc.
- Asfixiantes: dor de cabeça, náuseas, sonolência, convulsões, coma e morte. Ex.: hidrogênio, nitrogênio, hélio, metano, acetileno, dióxido de carbono, monóxido de carbono, etc.
- Anestésicos: (na maioria, solventes orgânicos). Ação depressiva sobre o sistema nervoso, danos aos diversos órgãos, ao sistema formador de sangue (benzeno), etc. Ex.: butano, propano, aldeídos, cetonas, cloreto de carbono, tricloroetileno, benzeno, tolueno, álcoois, percloroetileno, xileno, etc.

Vias de penetração dos agentes químicos:

- Via cutânea (pele);
- Via digestiva (boca);
- Via respiratória (nariz).

A penetração dos agentes químicos no organismo depende de sua forma de utilização. Fatores que influenciam a toxicidade dos contaminantes ambientais.

Para avaliar o potencial tóxico das substâncias químicas, alguns fatores devem ser levados em consideração:

- Concentração: quanto maior a concentração, mais rapidamente seus efeitos nocivos manifestar-se-ão no organismo;
- Índice respiratório: representa a quantidade de ar inalado pelo trabalhador durante a jornada de trabalho;
- Sensibilidade individual: o nível de resistência varia de indivíduo para indivíduo;
- Toxicidade: é o potencial tóxico da substância no organismo;
- Tempo de exposição: é o tempo que o organismo fica exposto ao contaminante.

Medidas de controle

As medidas sugeridas abaixo pretendem dar apenas uma ideia do que pode ser adotado, pois

existe uma grande quantidade de produtos químicos em uso, e as medidas de proteção devem ser adaptadas a cada tipo.

Medidas de proteção coletiva

Ventilação e exaustão do ponto de operação, substituição do produto químico utilizado por outro menos tóxico, redução do tempo de exposição, estudo de alteração de processo de trabalho, conscientização dos riscos no ambiente.

Medidas de proteção individual

Fornecimento do E.P.I. como medida complementar (ex.: máscara de proteção respiratória para poeira, gases e fumos; luvas de borracha, neoprene para trabalhos com produtos químicos, afastamento do local de trabalho).

RISCOS BIOLÓGICOS

São considerados riscos biológicos: vírus, bactérias, parasitas, protozoários, fungos e bacilos.

Os riscos biológicos ocorrem por meio de micro-organismos que, em contato com o homem, podem provocar inúmeras doenças. Muitas atividades profissionais favorecem o contato com tais riscos. É o caso das indústrias de alimentação, hospitais, limpeza pública (coleta de lixo), laboratórios, etc.

Entre as inúmeras doenças profissionais provocadas por micro-organismos incluem-se: tuberculose, brucelose, malária, febre amarela.

Para que essas doenças possam ser consideradas doenças profissionais, é preciso que haja exposição do funcionário a estes micro-organismos.

São necessárias medidas preventivas para que as condições de higiene e segurança nos diversos setores de trabalho sejam adequadas.

Medidas de controle

As mais comuns são: saneamento básico (água e esgoto), controle médico permanente, uso de E.P.I., higiene rigorosa nos locais de trabalho, hábitos de higiene pessoal, uso de roupas adequadas, vacinação, treinamento, sistema de ventilação/exaustão.

· Para que uma substância seja nociva ao homem, é necessário que ela entre em contato com seu corpo. Existem diferentes vias de penetração no organismo humano, com relação à ação dos riscos biológicos:

· Cutânea: ex.: a leptospirose é adquirida pelo contato com águas contaminadas pela urina do

rato;

- Digestiva: ex.: ingestão de alimentos deteriorados;
- Respiratória: ex.: a pneumonia é transmitida pela aspiração de ar contaminado.

RISCOS ERGONÔMICOS

São considerados riscos ergonômicos: esforço físico, levantamento de peso excessivo, postura inadequada, controle rígido de produtividade, situação de estresse, trabalhos em período noturno, jornada de trabalho prolongada, monotonia e repetitividade, imposição de rotina intensa.

A ergonomia ou engenharia humana é uma ciência relativamente recente que estuda as relações entre o homem e seu ambiente de trabalho.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) define a ergonomia como *“a aplicação das ciências biológicas humanas em conjunto com os recursos e técnicas da engenharia para alcançar o ajustamento mútuo, ideal entre o homem e o seu trabalho, e cujos resultados se medem em termos de eficiência humana e bem-estar no trabalho”*.

Consequências

Os riscos ergonômicos podem gerar distúrbios psicológicos e fisiológicos e provocar sérios danos à saúde do trabalhador porque produzem alterações no organismo e no estado emocional, comprometendo sua produtividade, saúde e segurança, tais como: cansaço físico, dores musculares, hipertensão arterial, alteração do sono, diabetes, doenças nervosas, taquicardia, doenças do aparelho digestivo (gastrite e úlcera), tensão, ansiedade, problemas de coluna, etc.

Medidas de controle

Para evitar que estes riscos comprometam as atividades e a saúde do trabalhador, é necessário um ajuste entre as condições de trabalho e o funcionário sob os aspectos de praticidade, conforto físico e psíquico por meio de: melhoria no processo de trabalho, melhores condições no local de trabalho, modernização de máquinas e equipamentos, melhoria no relacionamento entre as pessoas, alteração no ritmo de trabalho, ferramentas adequadas, postura adequada, etc.

RISCOS DE ACIDENTES

São considerados como riscos geradores de acidentes: arranjo físico deficiente; máquinas e

equipamentos sem proteção; ferramentas inadequadas ou defeituosas; eletricidade; incêndio ou explosão; animais peçonhentos; armazenamento inadequado.

Arranjo físico deficiente

É resultante de: prédios com área insuficiente; localização imprópria de máquinas e equipamentos; má arrumação e limpeza; sinalização incorreta ou inexistente; pisos fracos e/ou irregulares.

Máquinas e equipamentos sem proteção

Máquinas obsoletas; máquinas sem proteção em pontos de transmissão e de operação; comando de liga/desliga fora do alcance do operador; máquinas e equipamentos com defeitos ou inadequados; E.P.I. inadequado ou não fornecido.

Ferramentas inadequadas ou defeituosas

Ferramentas usadas de forma incorreta; falta de fornecimento de ferramentas adequadas; falta de manutenção.

Eletricidade

Instalação elétrica imprópria, com defeito ou exposta; fios desencapados; falta de aterramento elétrico; falta de manutenção; falta ou deficiências de para-raios.

Incêndio ou explosão

Armazenamento inadequado de inflamáveis e/ou gases; manipulação e transporte inadequado de produtos inflamáveis e perigosos; sobrecarga em rede elétrica; falta de sinalização; falta de equipamentos de combate ou equipamentos defeituosos.

Fonte: <http://www.cpact.embrapa.br/cipa/pdf/mapa.pdf>.

ANEXO 12: CHECK LIST DE MONTAGEM DE TECIDO CIRCENSE E SUA RESPECTIVA EDTIQUETA DE IDENTIFICAÇÃO:

Check List de Montagem/instalação

Equipamento: Tecido Acrobatico

Data da instalação: 13/01/12

Técnico (Rigger) responsável pela instalação: Diego L. Ferreira

Técnicos (riggers) responsáveis pela revisão: 1 – Juan Castilho

2 – Renato Ribeiro

Itens Checados:	Rigger Responsável	Rigger revisor 1	Rigger Revisor 2
Anelão	OK	✓	✓
Manilhas (Anilhas)	OK	✓	✓
Cabo de aço (backup)	OK	✓	✓
Sling 2ton	OK	✓	✓
Proteção de Sling 1	OK	✓	✓
Proteção de sling 2	OK	✓	✓
Estrutura	OK	✓	✓

Observações:

Rigger responsável: MANUTENÇÃO / INSPEÇÃO em 12/04/12

Rigger Revisor 1:

OK

Rigger Revisor 2:

OK

Assinaturas:

Rigger responsável: Diego

Rigger Revisor 1: Renato

Rigger Revisor 2: Juan

Obs: Foto da montagem anexo.

CHECK LIST

Número do Check List: **05**
Equipamento: **TECIDO**
Data da instalação: **13/01/12**
Data da próxima inspeção: **12/04/12**
Técnico (Rigger) responsável pela instalação: **DIEGO**
Técnicos (riggers) responsáveis pela revisão: 1 - **JUAN**
2 - **RENATO**

Etiqueta



Foto da montagem pronta

ANEXO 13: DVD COM VÍDEOS DE ACIDENTES NO CIRCO: